

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Guilherme Henrique May

**LABOV E O FATO SOCIAL**

Florianópolis

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Guilherme Henrique May

**LABOV E O FATO SOCIAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Görski

Florianópolis

2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

M4661 May, Guilherme Henrique  
Labov e o fato social [dissertação] / Guilherme Henrique  
May ; orientadora, Edair Maria Görski. - Florianópolis, SC,  
2011.  
150 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Labov, William.. 2. Durkheim, Emile, 1858-1917.  
3. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. 4. Meillet, A. 5.  
Linguística. 6. Sociolinguística. 7. Fato social. 8. Teoria da  
mudança. I. Gorski, Edair Maria. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.  
Titulo.

CDU 801

Guilherme Henrique May

## **LABOV E O FATO SOCIAL**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de "Mestre em Linguística", e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis, 23 de maio de 2011.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Hammes Rodrigues,  
Coordenadora do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Görski,  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Izete Lehmkuhl Coelho,  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristine Görski Severo,  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Dr. Renato Miguel Basso,  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell,  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

à Prof<sup>a</sup> Edair Görski, pela orientação segura, pelo exemplo e pelo companheirismo diários;

à Prof<sup>a</sup> Izete Coelho, ao Prof. Emilio Pagotto, à Prof<sup>a</sup> Cristine Severo, ao Prof. Renato Basso e ao Prof. Carlos Eduardo Sell, pelas valiosas contribuições que deram a esta pesquisa;

aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, por fazerem desses dois anos de mestrado um período tão agradável e enriquecedor;

ao pessoal do VARSUL, aos amigos "extra-UFSC" e, em especial, à Andréia e ao Cléverson, pelo carinho e pelo incentivo;

à Universidade Federal de Santa Catarina, por ainda disponibilizar os meios e o espaço para uma formação acadêmica de qualidade;

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo importante apoio financeiro.

"E porém de todas ellas ou são geraes a todos, como *Deos, pão, vinho, ceo e terra*, ou são particulares: e esta particularidade ou se faz entre officios e tratos, como os cavaleiros que têm huns vocabolos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecanicos outros, e os mercadores outros; ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm hũas falas e os d'Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves."

(Fernão de Oliveira, 1536)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo contribuir com o desenvolvimento dos estudos da teoria da variação e mudança através da reflexão teórica sobre a área, especificamente sobre um de seus pontos mais salientes: o componente social. A pesquisa se concentra em particular no modo como o conceito sociológico de *fato social*, formulado por Émile Durkheim, pode ser contemplado na obra de William Labov. É dada atenção, também, à forma como Labov se situa em relação a dois outros linguistas – Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet – quanto à adoção do conceito durkheimiano. Conclui-se que há muito da noção de fato social na obra de Labov, em especial na primazia da comunidade sobre o indivíduo, na generalidade do sistema linguístico, na possibilidade que este tem de exercer forças coercitivas sobre os falantes e na adoção do princípio de que os fatos sociais devem ser analisados dentro do próprio meio social. Nota-se, contudo, que Labov vai além em sua apropriação do conceito de fato social, pois o indivíduo não é completamente apagado da teoria; o sistema ainda possui um certo grau de autonomia frente às forças sociais; há uma possibilidade maior de ação da comunidade sobre a língua/fato social, motivada pelo mecanismo de projeção de significados sociais sobre as formas linguísticas; finalmente, embora seja geral aos membros de uma comunidade, o sistema, em Labov, parece também refletir a competência individual dos falantes. Reconhece-se que a consideração da língua como fato social por Labov ocupa um papel importante na visão que o linguista tem acerca da natureza da língua e do contato desta com a sociedade. Finalizando a análise, esboça-se uma interpretação, fundada no princípio metodológico durkheimiano de isolamento do objeto ao seu próprio domínio, para a compreensão um pouco mais bem informada da relação teórica que Labov mantém com Saussure e Meillet.

**Palavras-chave:** Labov. Fato social. Durkheim. Saussure. Meillet. Teoria da variação e mudança. Sociolinguística.

## ABSTRACT

This research aims to contribute to the development of studies on the theory of language variation and change by the analysis of one of its most salient theoretical aspects: the social component. The research focuses, in particular, on how the sociological concept of *social fact*, formulated by Émile Durkheim, can be observed in the work of William Labov. It focuses, also, on how Labov could be situated in relation to two other linguists - Ferdinand de Saussure and Antoine Meillet - as to their adoption of the durkheimian concept. It is concluded that Labov's work follows closely the notion of social fact, especially in the primacy of the community over the individual, in the generality of the linguistic system, in the possibility it has of exerting coercive powers on speakers and in the adoption of the principle that social facts ought to be studied inside the social domain. It is noted, however, that Labov goes further in his acceptance of the concept of social fact: one sees that the individual is not completely removed of the theory; that the system still has a certain degree of autonomy from social aspects; that there is a greater possibility of action by the community over language, motivated by the projection of social meanings onto linguistic forms; finally, that even though it is general to a community, the system, in Labov, seems also to reflect speakers' individual competence. It is recognised that the acceptance of language as a social fact by Labov plays an important role on this linguist's view on the nature of language and on its contact with society. To end this analysis, an interpretation as to the relationship between Labov, Saussure and Meillet is offered, mediated by the durkheimian methodological principle of isolation of an object to its own domain.

**Keywords:** Labov. Social fact. Durkheim. Saussure. Meillet. Theory of language variation and change. Sociolinguistics.



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 DA SOCIOLINGÜÍSTICA AO FATO SOCIAL EM LABOV .....</b>	<b>13</b>
1.1 LABOV E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: ALGUNS PRINCÍPIOS BÁSICOS .....	16
1.2 ALGUMAS CRÍTICAS À TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA .....	25
1.3 TRAÇANDO O PERCURSO.....	32
1.3.1 Uma breve digressão histórica.....	35
1.3.2 Voltando aos trilhos.....	38
1.4 POR UMA FILOSOFIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA.....	44
1.5 MÉTODO E PLANO DA DISSERTAÇÃO .....	48
<b>2 DURKHEIM E O FATO SOCIAL .....</b>	<b>51</b>
2.1 BIOGRAFIA .....	51
2.2 OBRA.....	52
2.3 A NOÇÃO DE FATO SOCIAL .....	56
2.4 FINALIZANDO .....	59
<b>3 SAUSSURE, MEILLET E O FATO SOCIAL .....</b>	<b>61</b>
3.1 SAUSSURE – BIOGRAFIA E OBRA .....	62
3.1.1 Saussure e o fato social .....	64
3.1.2 O reconhecimento da ligação .....	67
3.2 MEILLET – BIOGRAFIA E OBRA .....	69
3.2.1 O fato social em Meillet.....	70
3.3 O PAPEL DO FATO SOCIAL EM SAUSSURE E MEILLET.....	73
3.4 UM CONCEITO, DOIS OBJETIVOS.....	77
3.5 FINALIZANDO .....	80
<b>4 LABOV E O FATO SOCIAL .....</b>	<b>81</b>
4.1 A PRIMAZIA DO SOCIAL .....	84
4.1.1 O lugar do indivíduo .....	89
4.2 A ABERTURA PARA O EXTRALINGÜÍSTICO.....	95
4.2.1 A importância dos fatores internos .....	98
4.3 A GENERALIDADE E EXTERIORIDADE DA LÍNGUA.....	103

4.4	O JOGO DE FORÇAS ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE .....	107
4.4.1	A diferenciação no acesso às normas sociolinguísticas .....	112
4.5	SÍNTESE .....	115
4.6	O PAPEL DO FATO SOCIAL EM LABOV .....	116
4.7	LABOV, SAUSSURE, MEILLET E O FATO SOCIAL .....	118
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>123</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICE A – VERSÕES ORIGINAIS DOS EXCERTOS TRADUZIDOS AO LONGO DO TRABALHO .....</b>	<b>137</b>



## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação se vincula à área de Sociolinguística, na linha de pesquisa *Variação/Mudança Linguística*, no projeto integrado *Fatores sociais e estilísticos na abordagem sociolinguística*, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Görski no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

A pesquisa da qual se ocupa esta dissertação tem início com o reconhecimento de um ponto a descoberto na teoria da variação e mudança (TVM): a definição do “social” que, para essa teoria, interage com mecanismos internos da língua na regulação da heterogeneidade linguística. Como veremos, embora a TVM ocupe um papel de destaque na sociolinguística – área que se dedica justamente a investigar as relações entre língua e sociedade –, as diversas críticas dirigidas a ela acabam sugerindo a necessidade de um maior esclarecimento teórico nesse ponto. Com o objetivo de se atingir uma compreensão melhor desse componente social na teoria, pois, a pesquisa se concentra em particular no modo como o conceito sociológico de *fato social*, formulado por Émile Durkheim no final do século XIX, pode ser contemplado na obra de um dos fundadores e principais representantes da TVM: William Labov.

Dá-se atenção, também, à forma como Labov se situa em relação a duas das principais referências de sua obra: Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet. Nota-se que, embora os três linguistas se remetam ao conceito durkheimiano de fato social para fundamentar suas concepções de língua, Labov é claro em sua rejeição da proposta de Saussure e em sua filiação a Meillet. Com o intuito de verificar se essa situação pode estar relacionada à própria adoção da sociologia durkheimiana por parte desses autores, estabelece-se um caminho paralelo de pesquisa, com a análise do conceito de fato social também nas obras de Saussure e Meillet. Espera-se, com isso, esclarecermos um pouco melhor a relação que Labov mantém com esses autores quanto às suas concepções de língua como fenômeno social.

No primeiro capítulo, apresento de forma detalhada as motivações para o estudo, bem como os recortes efetuados até a chegada às questões e objetivos específicos desta pesquisa. O segundo capítulo trata da figura do sociólogo francês Émile Durkheim, expondo alguns aspectos de sua biografia e de sua obra, para em seguida apresentar especificamente o conceito de fato social, uma das bases de sua teoria sociológica e principal instrumento para a análise a ser realizada nesta dissertação. No capítulo três, abordo a apropriação do conceito de fato social por Ferdinand de Saussure e por Antoine Meillet, tanto em um nível mais direto de comparação quanto em uma discussão acerca do papel que esse conceito cumpre nas propostas desses pesquisadores. Finalmente, o quarto capítulo se volta à investigação de como se pode observar o conceito de fato social na obra laboviana, além de discutir o papel da adoção desse conceito em sua teoria e o modo como a sociologia durkheimiana pode nos ajudar a compreender a relação que se estabelece entre Labov, Saussure, Meillet e o próprio Durkheim. Concluindo esta dissertação, elaboro algumas considerações finais, avaliando o caminho percorrido pela pesquisa e sugerindo novas possibilidades de investigação.

## 1 DA SOCIOLINGUÍSTICA AO FATO SOCIAL EM LABOV

A sociolinguística, em suas diversas vertentes teóricas, representou um importante movimento na história recente da linguística. Embora cada uma dessas vertentes possua uma série de especificidades, pode-se agregá-las pela premissa compartilhada de que o estudo da língua não pode permanecer limitado ao tradicional sistema autossuficiente, *où tout se tient*. Buscava-se incorporar ao programa de estudos linguísticos, portanto, algo que já era reconhecido, mas que não havia sido incorporado seriamente à metodologia dos modelos de análise da língua: o fato de que as línguas não são apenas sistemas de signos ou de regras, mas sistemas cuja existência só é possível no meio social. A sociolinguística propunha, assim, que fosse incorporada à área a busca pelas relações entre língua e sociedade<sup>1</sup>.

Essa perspectiva de análise tem se desenvolvido e ganhado destaque em centros de pesquisa de todo o mundo nas últimas cinco décadas, de modo que atualmente é muito comum que os departamentos de linguística contem com alguma forma de abordagem sociolinguística em seu currículo e em suas pesquisas.

Conforme dito acima, o rótulo *sociolinguística* se aplica a abordagens distintas às várias relações entre língua e sociedade; elas diferem entre si pela forma como analisam essas relações, pela importância que cedem a um e outro domínio e pelos objetivos de pesquisa que se delineiam a partir dessas diferenças de olhar. Segundo Pagotto (2006, p. 52), o termo *sociolinguística* recobre principalmente três grandes áreas: a etnografia da fala, a sociologia da linguagem e a teoria da variação e mudança. A primeira se relaciona à abordagem que se tem chamado de *sociolinguística interacional*, e tem como pesquisadores mais destacados Erving Goffman, John Gumperz e Dell Hymes. Segundo Ribeiro e Garcez (2002, p. 8), "Fortemente ancorada na

---

<sup>1</sup> Figueroa (1994, p. 2) defende que o elo que une as diversas abordagens da sociolinguística está em que "Elas parecem enfatizar a variação e a diversidade: a natureza sociocultural da linguagem; e que o foco da sociolinguística deve estar na *parole*/uso linguístico, na interação e no significado."

pesquisa qualitativa empírica e interpretativa, a Sociolinguística Interacional propõe o estudo do uso da língua na interação social.”. Em particular,

Nessa abordagem do discurso, tanto o falante como o ouvinte têm papéis ativos na elaboração da mensagem e na definição de "o que está se passando aqui e agora". Não há, portanto, significado que não seja situado. A noção de contexto ganha relevância, passando a ser entendida como criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional. (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 8).

A segunda grande área recoberta pelo rótulo *sociolinguística* é a *sociologia da linguagem*. Pode-se dizer que o foco dessa abordagem é menos direcionado às estruturas linguísticas que às sociais. Nas palavras de Wardhaugh (2009, p. 12), seu objetivo é

[...] tentar descobrir como a estrutura social pode ser mais bem compreendida através do estudo da língua, e.g., como certos traços linguísticos servem para caracterizar arranjos sociais particulares.<sup>2</sup>

Interessa-nos neste trabalho, em especial, a terceira abordagem sociolinguística mencionada por Pagotto: a *teoria da variação e mudança* (TVM).

Conforme esperado, a TVM compartilha com as outras abordagens sociolinguísticas a visão de que a língua deve ser estudada em sua interação com o meio social. São os seus objetivos, princípios teóricos e método, portanto, que a particularizam – e que serão abordados mais detalhadamente na

---

<sup>2</sup> Assim como por esta, responsabilizo-me pela tradução de boa parte das citações originalmente em língua estrangeira nesta dissertação. Para facilitar a leitura, insiro no corpo do texto somente os excertos já traduzidos, e disponibilizo os originais no Apêndice A, ao final do trabalho.

seção a seguir. Atualmente, a TVM goza de amplo prestígio no campo dos estudos linguísticos, tanto no Brasil quanto no exterior. Entre nós, brasileiros, pode-se dizer mesmo que essa abordagem se tornou tão popular ao longo das últimas décadas que o próprio termo *sociolinguística* em geral já se liga a esta abordagem específica.

A TVM é muito ligada à figura do linguista americano William Labov. Suas pesquisas de mestrado e doutorado, realizadas na década de 1960, juntamente com o ensaio que publicou ao lado de Weinreich e Herzog, em 1968<sup>3</sup>, fornecem as bases iniciais sobre as quais se erigiu a teoria – embora Labov continue se dedicando ao desenvolvimento da área em seus trabalhos. Por suas especificidades, costuma-se chamar esta abordagem também pelos títulos *sociolinguística variacionista*, *sociolinguística quantitativa* e *sociolinguística laboviana*<sup>4</sup>.

Na seção a seguir, apresento um pouco da biografia e obra de William Labov, e exponho brevemente alguns dos princípios teóricos e metodológicos básicos da teoria da variação e mudança. Como, por motivos que serão expostos adiante, este trabalho se centrará na obra de Labov e não na TVM em sua totalidade, nesta seção a teoria será apresentada a partir de publicações e entrevistas desse autor, sem o recurso a fontes secundárias. Busca-se, com isso, estabelecer uma base coerente

---

<sup>3</sup> Nesta dissertação, essa obra será citada em sua edição brasileira, datada de 2006 e traduzida por Marcos Bagno.

<sup>4</sup> Uma breve digressão terminológica: nesta dissertação, o rótulo *teoria da variação e mudança* (e sua sigla *TVM*) será o preferencial para se fazer referência ao paradigma laboviano. A opção não é aleatória: dada a grande popularidade dessa abordagem na linguística de nosso país, não seria de todo incoerente atribuir-lhe o rótulo geral de *sociolinguística*; é prudente, contudo, utilizar uma denominação mais específica, já que mesmo no Brasil também se praticam outras abordagens sociolinguísticas. *Sociolinguística variacionista*, *quantitativa* e *laboviana* são termos também muito usados, mas busco deixar de lado essas denominações por ora, haja vista que cada uma enfatiza apenas um aspecto da abordagem, deixando outros em segundo plano. Nesse sentido, *teoria da variação e mudança* é mais abrangente. É interessante, ainda, o que o próprio Labov afirma em uma entrevista recente (2006b, p. 335): “Eu de fato vi esta como uma nova abordagem, mas nunca realmente quis dar-lhe um rótulo. [...] Mas hoje, parece que o campo de que estamos falando é mais bem denominado como o estudo da variação e mudança. A sociolinguística é uma área ampla e não uniforme, com muitas formas diferentes de abordar o tema que não são necessariamente linguísticas, enquanto o estudo da variação e mudança descreve bastante bem o projeto ao qual nos dedicamos.”.



com as discussões a serem feitas posteriormente na dissertação, bem como evitar a confusão entre a forma como Labov define sua abordagem ao estudo da língua e o que outros pesquisadores elaboraram a partir dela – planos que não necessariamente coincidem o tempo todo.

### 1.1 LABOV E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: ALGUNS PRINCÍPIOS BÁSICOS

William Labov nasceu em Nova Jérsei, nos Estados Unidos, em 1927. Estudou inglês e filosofia na Universidade de Harvard. Tendo estudado também química nesse período, ao sair da universidade trabalhou como químico industrial para uma empresa, produzindo tintas, por pouco mais de uma década. Essa experiência, segundo o próprio Labov, teve repercussões no trabalho que desenvolveria mais tarde na linguística, ao retornar à vida acadêmica: “Adquiri com meu trabalho na indústria uma forte crença na existência do mundo real.” (LABOV, 1997, p. 2). Em 1963, Labov completou sua pesquisa de mestrado sobre um caso de variação linguística na ilha de Martha’s Vineyard, na costa leste dos Estados Unidos, e em 1964 obteve o título de PhD, com um estudo sobre a fala na cidade de Nova Iorque. Durante os seis anos seguintes, trabalhou na Universidade de Columbia e, de 1971 até o presente, é professor e pesquisador da Universidade da Pensilvânia.

Embora a teoria da variação e mudança seja amplamente reconhecida como uma representante da sociolinguística, o projeto inicial de Labov não era fundar uma subárea dos estudos linguísticos, uma alternativa para a linguística “padrão”<sup>5</sup>. A ideia, em vez disso, era promover a revisão de algumas premissas

---

<sup>5</sup> Entendo o termo *linguística padrão* aqui da mesma forma em que Figueroa (1994, p. 10) conceitua o termo *received linguistics*: “as premissas científicas normais sobre o objeto da investigação linguística, os valores centrais da linguística, em relação aos quais a sociolinguística é normalmente colocada na periferia.”. Na década de 60, quando teve início o trabalho de Labov na área, essas premissas eram (e pode-se dizer que ainda são, em certa medida) que “há uma entidade objetiva que os linguistas estudam, independente dos humanos que a usam, e que são apenas os aspectos ‘centrais’ dessa entidade, i.e. a gramática formal, que são o objeto da investigação linguística.”.

desse padrão – embora ainda acompanhando a orientação básica de desvendar os elementos constitutivos e o funcionamento dos sistemas linguísticos. Em *Padrões sociolinguísticos (Sociolinguistic patterns)*, de 1972<sup>6</sup>, Labov diz:

Os tópicos lingüísticos a serem considerados aqui cobrem a área normalmente chamada de “lingüística geral”, que lida com fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. As questões teóricas a serem levantadas também farão parte da categoria da lingüística geral. Estaremos preocupados com as formas das regras lingüísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de vários sistemas e a evolução destas regras e sistemas com o tempo. Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora de seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de *lingüística*. (2008 [1972], p. 216).

Em entrevista de 2005, Labov continua mantendo a mesma posição do que seja o seu objetivo na linguística:

A abordagem particular ao campo que eu tenho seguido se dirige a perguntas típicas sobre a estrutura e a evolução da língua, e está intimamente envolvida com questões da teoria linguística. Em especial, estamos interessados em conhecer melhor as causas da mudança linguística: seus eventos detonadores, as forças que a guiam, e a resolução final da mudança com o tempo.

Some-se a essas declarações a relutância de Labov em adotar o termo *sociolinguística* para definir seu trabalho, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social.” (2008 [1972], p. 13). Como foi

---

<sup>6</sup> Nesta dissertação, essa obra será citada em sua edição brasileira, datada de 2008 e traduzida por Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso.

apontado, atualmente Labov prefere adotar o rótulo de *teoria da variação e mudança* para a sua abordagem, mas em muitos momentos de sua obra ele a descreve simplesmente como uma “linguística socialmente realista” – ou seja, não se trata de alternativa situada à margem, mas de uma revisão do padrão.

De qualquer modo, vemos nesses excertos uma preocupação que não se vincula necessariamente ao quadro de interesses e premissas da “linguística padrão”: o estudo da mudança linguística. É verdade que esse fenômeno vem sendo sistematicamente considerado pelo menos desde o século XIX, com os comparativistas e os neogramáticos principalmente, mas o estruturalismo do século XX, ao enfatizar o estudo da estrutura sincrônica em detrimento da diacronia, cedeu aos estudos da mudança um espaço periférico na linguística. Assim, a despeito da centralidade da sincronia na linguística, a mudança é um dos interesses centrais da teoria laboviana. O motivo para isso, segundo o próprio Labov, é que:

[...] a sociolinguística segue o princípio apresentado por Jespersen de que, para compreender alguma coisa, devemos compreender como ela veio a existir. (2006b, p. 338).

Para Labov, a linguística sofria de problemas graves: em primeiro lugar, a língua era atrelada ontológica e metodologicamente ao indivíduo. Isso se verifica, segundo o autor, especialmente na teoria dos neogramáticos, no século XIX, e na dos gerativistas, no século XX. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), na obra de Hermann Paul, representante do pensamento neogramático, a ideia de que “a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança” (p. 39) foi levada ao seu ápice. Essa premissa, para os autores, estaria “na base dos paradoxos do século XX acerca da mudança linguística” (p. 39). Um deles teria sido a necessidade, oriunda do trabalho com foco no indivíduo, de uma concepção de língua como sistema homogêneo, alheio à ideia de variabilidade interna. Comentando a concepção de língua

da gramática gerativa, proposta décadas após os trabalhos de Paul, os autores afirmam:

A exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência lingüística que é o objeto da análise lingüística é a posse de um indivíduo; a teoria lingüística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é um perfeito representante dela. Procedimentos para ultrapassar a diversidade real observada no comportamento lingüístico não são sugeridos, tanto quanto não são na obra de Paul ou Bloomfield; em harmonia com Saussure, porém mais explicitamente, Chomsky declara que tal diversidade é teoricamente irrelevante. (2006 [1968], p. 60).

A teoria laboviana se coloca, portanto, fortemente contra a centralidade do indivíduo e do idioleto na linguística, de tal modo que, nas palavras de Labov, é um “dogma central” de sua abordagem a ideia de que “a língua está localizada na comunidade de fala, não no indivíduo” (2006a, p. 380).

Metodologicamente, a mesma centralidade do indivíduo tem para Labov um efeito negativo: ela licencia os pesquisadores a contarem exclusivamente com suas intuições linguísticas em suas pesquisas, afastando-se da análise de dados concretos. Labov, em constante defesa do empirismo<sup>7</sup> e do realismo científico<sup>8</sup>, não descarta por completo o recurso à intuição, mas

---

<sup>7</sup> “Mesmo compreendendo uma vasta e heterogênea família de teorias filosóficas não rotuláveis de modo unívoco, o empirismo, no sentido moderno do termo, implica que a experiência é: a) a *fonte privilegiada* dos nossos conhecimentos; b) o elemento que decide sua validade. Essas duas teses, sem as quais não se pode falar, a rigor, de empirismo – ou seja, de uma doutrina ‘que recorre à experiência como critério ou norma de verdade’ –, foram retomadas pelo movimento que foi e continua sendo o mais importante projeto epistemológico de inspiração empirista do século XX, ou seja, pelo neopositivismo [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 379).

<sup>8</sup> O realismo científico defende a tese de que “a ciência objetiva a nos fornecer, em suas teorias, uma estória literalmente verdadeira de como é o mundo; e a aceitação de uma teoria científica envolve a crença de que ela é verdadeira” (VAN FRAASSEN, 1980, p. 8 apud CHIBENI, 1996, p. 3).

julga que é a empiria, a realidade dos dados efetivamente produzidos em situações de uso genuínas, que pode validar ou invalidar uma hipótese a respeito do funcionamento linguístico<sup>9</sup>. Ele defende, portanto, dirigindo-se em especial aos gerativistas, que “os lingüistas não podem continuar a produzir ao mesmo tempo dados e teoria” (2008 [1972], p. 233)<sup>10</sup>, e professa:

As punições para quem ignorar os dados da comunidade de fala são um crescente sentimento de frustração, a proliferação de questões polêmicas e a convicção de que a lingüística é um jogo em que cada teórico escolhe a solução que combina com seu gosto ou intuição. (2008 [1972], p. 298).

Outro aspecto considerado problemático nos estudos da estrutura e da mudança linguísticas para Labov é a já mencionada concepção de língua como entidade homogênea – sendo, por conseguinte, a variação considerada aleatória e desimportante para a teoria linguística. Essa premissa, segundo o autor, deveria ser abandonada, entrando em cena o conceito de *heterogeneidade ordenada*: mesmo na sincronia, a língua não seria um sistema homogêneo de regras, como queria Saussure, mas uma instância em que ocorre a diferenciação ordenada de formas dentro de uma comunidade de fala, em função de fatores tanto internos quanto externos ao sistema linguístico propriamente<sup>11</sup>. Os fatores internos podem ser de natureza diversa, e precisam ser selecionados pelo pesquisador em função do fenômeno com o qual está trabalhando e de seus objetivos de

---

<sup>9</sup> Chegando mesmo a considerá-la um expoente capital da cientificidade: “[...] Eu pensei que era possível levar este campo a uma base mais científica ao firmá-lo no uso da língua na vida cotidiana.” (LABOV, 2006b, p. 333).

<sup>10</sup> Nas palavras de Figueroa (1994, p. 80): “Em contraste a Chomsky, para Labov a solução não deve ser encontrada na intuição, no uso de dados introspectivos, ou no estudo da gramática no nível da psicologia individual.”

<sup>11</sup> “Esta nos parece ser a questão fundamental com que a teoria da mudança linguística tem de lidar. A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade. A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36).

pesquisa. Os fatores externos à língua considerados em uma análise sociolinguística típica são em geral categorias sócio-demográficas amplas da comunidade cuja fala esteja sob análise, como sexo, idade, classe socioeconômica e etnia.

Os fatores externos mencionados no parágrafo anterior evidenciam outro grande diferencial da proposta laboviana, a que já se aludiu anteriormente como o ponto principal de interesse deste trabalho: a presença de um componente externo, social, atuando diretamente sobre a língua. Percorrer um dos possíveis caminhos para desvendar a natureza deste componente social é justamente o objetivo deste trabalho, e por esse motivo o argumento não será elaborado exaustivamente neste ponto, mas é importante reconhecer que a presença de um componente externo à língua atuando sobre ela em paridade com seus mecanismos internos se afirma como um dos princípios mais basilares da TVM – e vale notar ainda que a aplicação do amplo rótulo de *sociolinguística* a essa abordagem deriva justamente daí. Nas palavras de Labov:

[...] agora parece claro que não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística. (2008 [1972], p. 291).

Ao lado desses princípios teóricos gerais – nomeadamente, a defesa do sistema linguístico como entidade heterogênea, o estudo da língua centrado na comunidade e a importância da empiria – a teoria da variação e mudança trabalha também com uma série de princípios metodológicos, condizentes, por sua vez, com as premissas de caráter mais teórico da área.

Primeiramente, viu-se há pouco a importância atribuída por Labov à empiria como base para os estudos linguísticos. Além dessa condição, que prevê a coleta de dados em situações genuínas de uso, é importante para a TVM que esses dados estejam disponíveis ao analista em grande quantidade e em boa

qualidade sonora<sup>12</sup>. Isso se deve ao fato de que, em seus estudos, a abordagem lida com diversos procedimentos analíticos de natureza quantitativa.

Outro princípio metodológico diz respeito ao *vernáculo*, definido como o subsistema estilístico “em que o mínimo de atenção é prestado à fala” (LABOV, 1972, p. 112). Segundo Labov, “O vernáculo [...] proporciona os dados mais sistemáticos para a análise linguística. [...] Seu caráter altamente regular é uma observação empírica.” (1972-1978, p. 5). Assim, é essencial não apenas que se obtenham dados em boa quantidade e qualidade, mas que esses dados reflitam, tanto quanto possível, o vernáculo da comunidade em estudo.

Um problema metodológico clássico da TVM se instaura quando, juntamente a essa exigência, se leva em conta um terceiro fator: o de que a observação sistemática da fala (necessária para a obtenção dos dados) por si só provoca, no informante, um nível de automonitoramento da fala maior que o mínimo – ou seja, um afastamento do vernáculo. Esse problema ficou conhecido na área como o *paradoxo do observador*. Formulado nas palavras de Labov:

o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. (2008 [1972], p. 245).

Logo, torna-se uma diretriz básica do método de coleta de dados da teoria da variação e mudança superar da melhor forma possível o paradoxo do observador; buscam-se, assim, estratégias que possibilitem ao analista vislumbrar o vernáculo em boa quantidade e qualidade, embora o mero contato com o falante/informante já seja um empecilho para que esse estilo emerja.

---

<sup>12</sup> “[...] precisamos de um volume amplo de fala gravada em qualidade boa o suficiente para a análise instrumental de vogais ou para julgamentos precisos sobre a realização de partículas gramaticais que são comumente reduzidas a traços sonoros mínimos, articulados rapidamente.” (1972-1978, p. 3).

Na entrevista individual com o informante – gênero preferido pela linguística laboviana para a coleta, pois garante uma amostra longa de fala com pouca interferência de ruídos –, aplicam-se uma série de procedimentos para minimizar os efeitos do próprio contexto de entrevista e da presença do entrevistador sobre o grau de automonitoramento do informante. Dentre eles, busca-se que este descreva episódios que o envolvam emocionalmente, desviando sua atenção da própria fala; busca-se também fazer com que o falante se sinta à vontade para mudar os rumos planejados para a entrevista, caso deseje; que interaja com eventuais terceiros; que o entrevistador se coloque diante do informante em uma posição de aprendiz etc. – tudo para que o informante não se sinta intimidado pela situação de entrevista, o que o levaria a produzir uma fala menos espontânea.

Após a coleta de dados, o pesquisador trabalhando com a TVM usualmente segue à escolha de um caso de variação<sup>13</sup> na língua sob estudo que possa indicar ou a estratificação estável das formas variantes na comunidade ou uma mudança linguística em curso<sup>14</sup>. É do interesse do analista, após delimitar seu objeto, precisar quais os fatores (tanto internos quanto externos ao sistema linguístico) que atuam na seleção que os membros de uma comunidade fazem entre uma variante e outra – delimitando-se, desse modo, uma *regra variável* da gramática

---

<sup>13</sup> Há dois requisitos que as formas linguísticas devem cumprir para que sejam consideradas variantes de uma mesma variável, i.e., para que um caso de variação seja atestado: elas devem expressar o mesmo significado e ser intercambiáveis no mesmo contexto. Assim, em *planta* e *pranta*, por exemplo, percebe-se a intercambialidade, sem comprometimento semântico, no segundo elemento do *cluster* inicial – [l] e [ʌ] são, portanto, formas variantes.

<sup>14</sup> Discorrendo exatamente sobre as propriedades que uma variável linguística deve ter para ser do interesse do pesquisador, Labov (2008 [1972], p. 26) afirma: “Primeiro, queremos um item que seja freqüente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.”.



dessa comunidade, em complementação às regras categóricas já conhecidas dos estudos estruturalistas.

O estudo do peso de atuação desses fatores sobre o uso variável das formas linguísticas está submetido, na TVM, a um elaborado aparato metodológico, de natureza essencialmente quantitativa<sup>15</sup>. A partir disso, é possível estabelecer padrões gerais do uso das formas linguísticas em uma comunidade, bem como aferir o eventual percurso das variantes através do tecido social em casos de mudança linguística.

Neste panorama bastante geral da teoria da variação e mudança, é importante salientar que, apesar da complexidade a que os métodos dessa disciplina podem chegar e da relevância dos fatores puramente internos sobre a estrutura da língua, a proposta laboviana é o tempo todo atravessada pela presença de um componente social. Como se pôde ver nas páginas anteriores, Labov concebe a língua como uma entidade passível de interação com fatores externos a ela, tanto estilísticos quanto sociais; além disso, metodologicamente o social se faz ver, por exemplo, pela ênfase no uso de dados reais e pelo objetivo de descrição da gramática da comunidade, não do indivíduo. A presença de um componente externo atuando sobre a língua e definindo-a é, pois, uma premissa muito cara à TVM.

Esta é também uma premissa que garantiu à teoria um lugar de destaque no plano geral dos estudos linguísticos. Desde sua fundação, com os paradigmáticos trabalhos de William Labov na década de 1960 e com o ensaio escrito por este ao lado de seu orientador, Uriel Weinreich, e Marvin Herzog, em 1968, a teoria integrou os programas de investigação de diversos centros de pesquisa em todo o mundo. O Brasil é um desses centros, consolidando-se desde a década de 1980 com um grande volume de pesquisas na área e com grupos fortes em diversas instituições federais, ao longo de todo o território<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> E tem-se aí a razão de ser do rótulo *sociolinguística quantitativa*, comumente atribuído à TVM.

<sup>16</sup> Some-se à existência desses fortes centros de pesquisa na área os diversos bancos de dados construídos no Brasil especificamente para a realização de pesquisas nessa disciplina. Alguns deles contam com entrevistas de dezenas ou mesmo centenas de falantes, como o PEUL, o VARSUL e o VALPB, compostos por 64, 288 e 60 entrevistas respectivamente (GONÇALVES, 2009).

Entretanto, apesar do aparente sucesso da proposta de Labov, nota-se que a esse mesmo componente exterior ao sistema linguístico ainda não foi dedicada um tratamento teórico muito claro. Isso vem sendo apontado por um volume considerável de críticos, que questionam não só o tratamento dado a esse componente, mas também outros pontos da teoria da variação e mudança. A situação é tal que, já em 1989, Almeida (p. 71-72) dizia:

Em seu curto período de existência, que não atinge três décadas, a sociolinguística vem recebendo variada gama de críticas, dirigidas a seus princípios, pressupostos, métodos, procedimentos, instrumentos, propostas e conclusões.

Nas páginas seguintes, pois, apresento algumas dessas críticas à TVM, após as quais tento agrupá-las como expressões de um questionamento comum: a já apontada indefinição do aspecto social da língua nessa teoria.

## 1.2 ALGUMAS CRÍTICAS À TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Como se afirmou, nesses cinquenta anos a teoria da variação e mudança não permaneceu incólume. Pode-se dizer, sim, que os princípios fundamentais da proposta permanecem os mesmos, no que pesem o valor da noção de língua como sistema heterogêneo, a possibilidade de sistematização de fenômenos variáveis nas línguas e o valor de fatores sociais nos estudos linguísticos. Contudo, juntamente com a manutenção desses princípios e a divulgação e expansão da proposta, a TVM vem sendo alvo de críticas e de discussões. Nesta seção, apresento questionamentos lançados por alguns pesquisadores de mais visibilidade na área: dentre os estrangeiros, Lavandera, Figueroa, Gumperz, Eckert, Kay e McDaniel, e dentre os pesquisadores brasileiros, Pagotto e Lucchesi.

Beatriz Lavandera deu início a um debate hoje clássico na literatura da área (LAVANDERA, 1978; LABOV, 1978), a partir do estudo de Weiner e Labov (1977) sobre a variação entre construções ativas e passivas no inglês. Em seu artigo, Lavandera chama a atenção para o fato de que os autores não consideraram relevante a atuação de nenhum fator externo sobre a variável que estudavam. A partir disso, ela levanta a seguinte questão: seria possível tratar como uma variável *sociolinguística* um fenômeno regulado apenas internamente? Lavandera conclui seus questionamentos sugerindo que, nos estudos da TVM,

As regularidades e tendências ilustradas pelas análises probabilísticas devem ser sujeitas à explicação formal e substancial. As explicações substanciais terão que ser retiradas da Linguística, da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia. (1978, p. 182).

Paul Kay e Chad McDaniel (1979; 1981) protagonizaram outro debate, desta vez com Labov e David Sankoff, questionando especificamente a noção de *regra variável* e a busca da proposta por uma gramática da comunidade – aspectos que tocam tanto no modo de tratamento das características internas ao sistema linguístico quanto externos, i.e., sociais. Kay e McDaniel questionam a consideração dos resultados obtidos pelas ferramentas analíticas de construção de regras variáveis como elementos da gramática, e defendem que esse método deve ser visto simplesmente como

uma família de modelos matemáticos que ditam as restrições probabilísticas nas distribuições possíveis de variantes linguísticas em uma comunidade de fala e um método estatístico para a derivação de medidas da importância relativas de diferentes fatores determinantes de uma matriz de variação linguística observada. (1979, p. 151).

Além de defenderem o estudo da regra variável como ferramenta de análise empírica em vez de como um meio para a

construção de gramáticas, Kay e McDaniel veem limitações na própria noção de gramática como um bem compartilhado da comunidade. Segundo os autores, essa é uma noção apenas presumida nos estudos da teoria da variação e mudança, e não testada.

A conclusão de Kay e McDaniel, após a resposta de Sankoff e Labov (1979) e dando fim ao debate, é que a interpretação teórica das regras variáveis ainda não era um ponto claro na TVM, e que não só isso, mas a elaboração teórica em geral da abordagem se encontrava em um nível abaixo das conquistas que ela já havia feito em termos descritivos (KAY; McDANIEL, 1981, p. 257).

Esther Figueroa, em sua *Metateoria sociolinguística (Sociolinguistic metatheory)*, de 1994, afirma que a grande contribuição da TVM para a linguística foi a inserção de uma base empírica sobre a qual se poderiam formular e adaptar hipóteses. Entretanto, a autora é bastante crítica quanto ao modo de consideração do plano externo ao sistema na teoria. Segundo ela, esse estudo

não pode ser interpretado como um estudo funcionalista do uso linguístico, nem o contexto social deve ser confundido com noções culturais, sócio-cognitivas, interacionais e fenomenológicas de contexto social. (1994, p. 70-71).

Figueroa vai adiante nas críticas, e chega a afirmar que “Não é claro como Labov vê a relação entre língua e sociedade” (p. 90). Para a autora, Labov simplesmente “Não incorpora as dimensões sociais da linguagem em sua teoria linguística” (p. 106).

Figueroa toma o cuidado de destacar que o foco da proposta de Labov no contexto social não foi em vão, pois trouxe ganhos principalmente na possibilidade de tratamento sistemático da empiria, como dito acima. Mas isso, para a autora, não deve ser interpretado como mais do que é: “o foco no contexto social não é uma tentativa de construir uma teoria sobre o papel do

contexto social na língua; em vez disso, o contexto social é o lugar onde os dados são coletados." (p. 90).

John Gumperz (1982) propõe uma abordagem alternativa à de Labov: uma "sociolinguística interpretativa"<sup>17</sup>, que incorpora à análise linguística princípios da sociologia e da análise da conversação, pois segundo ele é nos processos constitutivos da interação verbal, da comunicação face-a-face, que se devem buscar os fatores para explicar a variabilidade linguística. Posicionando-se em relação à TVM, então, Gumperz afirma que, "por importante que seja a sociolinguística quantitativa, sua aplicabilidade à análise dos processos de fato da comunicação face-a-face [...] é, apesar disso, limitada." (1982, p. 26).

O ponto sobre o qual Gumperz mais se detém em sua discussão da teoria laboviana na obra citada é, na verdade, o da natureza do "significado social" das formas da língua, ou, em outras palavras, do tipo de informação que se veicula com o uso linguístico além do denotacional.

Para Gumperz, o significado social vai além da correlação entre o uso de uma variante e a sua incidência estatística em macrocategorias sociais determinadas pelos critérios *sexo, etnia* etc. Segundo o linguista, as categorias sociais não são entidades homogêneas e independentes, mas dinâmicas, sujeitas aos efeitos da história, de formas econômicas e de processos interacionais diversos. Essa concepção faz com que as categorias sociais sejam vistas como "entidades simbólicas que, sujeitas às restrições impostas pela história, podem ser manipuladas pelos indivíduos para que estes atinjam seus fins na interação cotidiana." (p. 29). Desse modo, o significado das formas linguísticas deixa de marcar o pertencimento ou não a categorias preestabelecidas, e se torna "um modo de veicular informação sobre valores, crenças e atitudes" (p. 27). O excerto a seguir é uma boa síntese de como Gumperz se posiciona, afinal, em relação à teoria da variação e mudança e em relação a seus próprios interesses de pesquisa:

---

<sup>17</sup> Deve-se mencionar, contudo, que a proposta de Gumperz é mais conhecida atualmente como *sociolinguística interacional*.

Há uma necessidade por uma teoria sociolinguística que trabalhe com as funções comunicativas da variabilidade linguística e com a sua relação com os objetivos dos falantes sem referência a postulados funcionalistas intestáveis sobre conformidade ou não conformidade a sistemas fechados de normas. Já que falar é interagir, tal teoria deve sobretudo chegar a seus postulados básicos a partir do que sabemos sobre a interação. (1982, p. 29).

Penelope Eckert segue uma direção semelhante à de Gumperz em sua revisão do paradigma laboviano. A leitura de seus textos mostra que a autora não nega a importância dos achados dessa linha de pesquisas. Entretanto, ela não se abstém de defender como esses achados são ainda um passo incipiente se quisermos de fato nos centrar na significação social da variação linguística. Veja-se, nesse sentido, o excerto a seguir:

Não há dúvida de que os padrões demográficos amplos de variação são importantes. Mas assim como um mapa de Nova Iorque não diz como são suas ruas, ou como é andar por elas, os padrões macrosociológicos de variação não revelam o que os falantes em diferentes posições na hierarquia socioeconômica estão fazendo socialmente com essas variáveis. (a sair, p. 6).

Nesse sentido, Eckert se aproxima de Gumperz, pois ambos defendem que se considere o significado da variação para além das correlações entre variantes e macrocategorias, que se dê maior atenção aos mecanismos locais que fazem com que os falantes "se digam" através das formas linguísticas que empregam, de modos mais complexos que os previstos pelo

*continuum* padrão-estigma<sup>18</sup>. A posição de Eckert quanto ao estudo da variação é, em suma, a seguinte:

A variação sociolinguística é um modo central pelo qual o social se insere na língua. Para entender como a variação funciona, temos que nos preocupar com a natureza do significado social que ela carrega, e com os mecanismos pelos quais a variação passa a ser embuída de significado. Mais especificamente, precisamos examinar de perto o uso da variação, para entender como (e até que ponto) ela é usada para expressar significados bastante locais e pessoais. Para isso, temos que nos focar no papel da variação na construção de *personae* – ver como as pessoas empregam recursos linguísticos para criar estilos. (2004, p. 51).

Emilio Pagotto é mais um dos pesquisadores que buscam superar os impasses com que a abordagem laboviana depara quando a questão é o significado social da variação linguística. Em sua pesquisa de doutoramento (PAGOTTO, 2004), o autor aborda a realização variável das consoantes oclusivas alveolares diante da vogal [i] em Florianópolis, conjugando o trabalho com a TVM e conceitos oriundos da análise do discurso francesa, enxergando assim a variação linguística não apenas a partir das tradicionais correlações entre formas e categorias sociais, mas como um processo que de certa forma materializa as formações discursivas que operam na construção da identidade (e) do sujeito. Nas palavras do autor,

[...] para que [as categorias sociais] sejam tomadas no interior das regras variáveis, é

---

<sup>18</sup> Não se pode deixar de mencionar que Gumperz e Eckert não são os únicos a pensarem dessa forma. Severo (2007b, p. 14), por exemplo (assim como Pagotto e Lucchesi, adiante), assume uma postura similar à desses autores: “a sociolinguística não pode se limitar a um modelo essencialista que considera os indivíduos como categorias universais e previamente estabelecidas, sem levar em conta que essas categorias são construções históricas, políticas e sociais, através das quais os indivíduos constituem suas várias identidades.”.

preciso que sejam deslocadas da estrutura social propriamente e passem a ser tomadas como entidades de funcionamento simbólico. Mais ainda, que o movimento pelo qual os falantes estariam sujeitos a tal funcionamento simbólico é o de identidade, isto é, o falante estaria expressando sujeitos como posições às quais estaria irremediavelmente submetido. (2004, p. 391).

Dante Lucchesi, outro linguista brasileiro, questiona certas posturas que para ele provocam “graves equívocos” no trabalho com o paradigma. O ponto principal a que Lucchesi dirige sua crítica é o dos termos explicativos adotados tradicionalmente pelas análises da TVM e que seriam decorrentes de uma postura empiricista de análise, focada mais nos resultados numéricos do que em sua interpretação. Para ele, os processos sócio-históricos que envolvem e atuam sobre as mudanças linguísticas são sempre individuais, particulares. Assim, o tratamento quantitativo empregado pelos estudos no paradigma laboviano, do qual se costumam inferir relações causais entre fatores sociais isolados e fenômenos linguísticos variáveis a partir de resultados probabilísticos, está fadado à incompletude e à inadequação analítica. Nas palavras do autor:

o processo da mudança é historicamente determinado; e, por conseguinte, não é o resultado da ação de um conjunto de fatores que atuam isoladamente, mas de um processo de interação extremamente complexo, para o qual qualquer quantificação será sempre uma aproximação. (2004, p. 190).

Lucchesi acusa a TVM, então, de não possuir um aparato teórico com refinamento suficiente para dar conta do encaixamento da estrutura linguística na ordem social, e se ancora no próprio Labov (1982, p. 83), quando este diz que “Os fatos linguísticos são claros; as explicações sociais são vagas”.



Como se tentou mostrar, as críticas à teoria fundada por Labov são muitas e diversas. Discutir os detalhes e a propriedade de cada uma foge ao escopo deste trabalho. No entanto, penso que uma aproximação entre elas é possível, e que essa aproximação nos permite concentrar nossos esforços, pelo menos inicialmente, em um só ponto: no papel que o componente social cumpre na proposta laboviana.

De certa forma, todos os pesquisadores citados nesta seção apontam para uma vagueza, uma indefinição no papel do social no trabalho de Labov. Lavandera questiona a consideração de fenômenos motivados internamente, à primeira vista sem interferência social, como objetos da abordagem; Kay e McDaniel, assim como Figueroa, Pagotto e Lucchesi, creem que a teoria da variação e mudança trabalha pouco com a elaboração de seu corpo teórico, especialmente no que toca à relação que se presume existir entre o sistema linguístico e a comunidade; Gumperz, Eckert, Pagotto e Lucchesi questionam a superficialidade na interpretação que deriva apenas das correlações entre a incidência de variantes e as conhecidas macrocategorias sociais, sugerindo que a análise deve buscar motivações para a relação entre a língua e o social nos mecanismos mais locais que dão existência a essas categorias.

O que se pode concluir a partir dessa exposição é que, na visão de reconhecidos pesquisadores da sociolinguística, a teoria da variação e mudança apresenta uma indefinição teórica em um ponto que lhe é muito caro, e que é um dos responsáveis pela visibilidade da TVM na linguística: o componente social.

### 1.3 TRAÇANDO O PERCURSO

É a partir desse quadro de referências que esta pesquisa chega à formulação de seu objetivo geral: *contribuir com os estudos linguísticos através da análise do componente externo à língua na teoria laboviana – o "social" da TVM.*

Um primeiro recorte, contudo, se faz necessário. Conforme dito anteriormente, a TVM é uma proposta bastante difundida nos estudos linguísticos, contando com pesquisadores em diversos lugares do mundo. É legítimo supor que,

consequentemente, ela seja aplicada e desenvolvida por esses pesquisadores de formas diversas, a partir dos objetivos específicos de cada pesquisador ou de cada centro de pesquisa. Dessa forma, embora ainda seja possível encontrar traços unificadores da TVM, um estudo como o presente não consegue abarcar tamanha diversidade e complexidade de tratamentos à relação entre os sistemas linguístico e social. Assim, a proposta aqui é buscar um maior conhecimento desse componente social da TVM a partir das obras publicadas apenas por William Labov, deixando de lado, por ora, os desdobramentos realizados sobre a teoria por outros pesquisadores.

A escolha por esse autor se justifica no fato já mencionado de que Labov se trata de um dos fundadores da disciplina; além disso, seus trabalhos são referências importantes da área até hoje em dia, tanto para os que se iniciam na pesquisa com a TVM quanto para os que já desenvolvem estudos mais complexos. Labov é, portanto, mais que uma figura de importância histórica para a TVM: seus escritos em grande parte ainda fundamentam o desenvolvimento da teoria. Portanto, nesta pesquisa opto por analisar o “social” da abordagem a partir do estudo da obra de Labov, esperando que os resultados do trabalho contribuam com discussões teóricas mais amplas na teoria da variação e mudança.

Há, ainda, outro recorte a ser feito, decorrente da forma em que o objetivo geral da pesquisa foi formulado: o termo “social” abarca um conjunto amplo demais de definições e de possíveis objetos de estudo<sup>19</sup>, e por isso não há uma maneira

---

<sup>19</sup> Sahlins (2004, p. 95-96 apud PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2011) faz uma crítica relacionada a essa questão conceitual nas ciências humanas. O exemplo do autor é com a noção de *poder*, mas *social* poderia muito bem ocupar o mesmo lugar: “Nas ciências sociais, a pressão para a transição de um regime teórico a outro – digamos, dos benefícios econômicos aos efeitos de poder – não aparenta derivar do acúmulo de anomalias no paradigma evanescente, como é o caso nas ciências naturais. Os paradigmas são superados não porque explicam cada vez menos, mas porque explicam cada vez mais – até que, subitamente, estão explicando praticamente tudo. [...] Veja-se o modo como o “poder” explica qualquer coisa, do pronome da segunda pessoa vietnamita até a arquitetura improvisada dos trabalhadores brasileiros, o cristianismo à africana ou o sumô japonês. [...] Os paradigmas nas ciências sociais mudam porque, como sua capacidade de persuasão é, na verdade, mais política que empírica, eles se transformam em lugares comuns universais. As pessoas se cansam. Elas ficam entediadas.”.

única e direta de descobrir como esse aspecto se manifesta em uma teoria linguística. É preciso, portanto, estabelecer recortes.

Dentro da teoria da variação e mudança, é fácil perceber diversos caminhos para a apreensão desse “social”. Pode-se, por exemplo, procurar nos textos de Labov se em algum momento ele define explicitamente o que entende por essa dimensão, ou então se sintetiza a forma como enxerga a intersecção entre o domínio linguístico e o social, permitindo-nos, a partir daí, conhecer o recorte que o próprio autor fez quanto a esse aspecto.

Outra possibilidade é investigar as relações que Labov estabelece com uma série de autores e de conceitos teóricos na delimitação desse domínio exterior na sua proposta. Isso envolve, por exemplo, a reação à centralidade do idioleto na obra de Hermann Paul; o questionamento das dicotomias saussurianas de *langue/parole* e sincronia/diacronia; a crítica à noção de *competência* da gramática gerativa, bem como à importância da dedução e do recurso aos dados “inventados” nessa tradição de estudos; à forma como são adotados argumentos das obras de teóricos estimados por Labov, como Antoine Meillet e Edgar Sturtevant; entre outros exemplos.

É possível também pesquisar como esse componente social se permite ver na prática dos estudos desenvolvidos por Labov, e não apenas nas suas teorizações. Como, por exemplo, eles aparecem nos famosos cinco problemas dos quais uma teoria da mudança linguística deve dar conta?<sup>20</sup>

Mais um caminho para se chegar ao “social” da TVM seria o histórico: quais foram as influências teóricas, filosóficas ou até mesmo os acidentes históricos que ajudaram seus fundadores a definir os princípios dessa teoria? Essa é uma possibilidade de pesquisa em que já houve algum avanço, em especial com os trabalhos de Roger Shuy (2003) e de Konrad Koerner (1991). Esses trabalhos têm mostrado como Labov é – e de outra forma não haveria de ser – tributário de certas tradições de estudos linguísticos que o antecederam e que, por caminhos vários, confluíram em sua formação. Antes de prosseguir com a

---

<sup>20</sup> São eles o problema da atuação, da avaliação, das restrições, da transmissão e do encaixamento (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

delimitação do objeto desta pesquisa, portanto, apresento brevemente alguns pontos que foram levantados quanto à história da inserção do componente social na teoria da variação e mudança.

### 1.3.1 Uma breve digressão histórica

Koerner (1991) lida com algumas das tradições teóricas que teriam tido influência sobre a abordagem laboviana à sociolinguística. Segundo ele, essas tradições “são diversas e complexas, e todas exerceram alguma influência no desenvolvimento dos vários programas de pesquisa a partir dos anos 1960” (p. 64). Quanto ao programa laboviano especificamente, este poderia ser visualizado como “a confluência, a síntese, de várias linhas de pesquisa que remetem a pelo menos várias gerações de trabalhadores linguísticos” (p. 58). Ele destaca três dessas linhas: a dialetologia, a linguística histórica e os estudos de bi e multilinguismo.

Na linha da dialetologia, Koerner afirma que

devemos retornar aos primórdios do trabalho de campo em geografia dialetal, durante as últimas décadas do século XIX, para vermos o componente sociológico lentamente se infiltrando na geografia linguística (p. 59-60).

Buscando, então, recuperar o percurso pelo qual esse componente teria chegado até a formação de Labov mediante seu contato com as pesquisas dialetológicas, Koerner traça uma espécie de genealogia, que tem início com Georg Wenker, linguista alemão considerado pioneiro na geografia dialetal, passando em seguida por Ferdinand Wrede, o sucessor de Wenker na Universidade de Manburg. Wrede foi o orientador de doutorado de Max Weinreich (que estudou aspectos dialetais do ídiche), que por sua vez foi pai de Uriel Weinreich. Uriel, como se

sabe, foi o orientador de Labov e, para este, uma grande influência nos rumos que adotou em suas pesquisas<sup>21</sup>.

Some-se a essa retomada histórica o fato de que Uriel Weinreich foi aluno de Martinet. Este, por sua vez, foi aluno de Meillet, o qual estudou com Saussure em Paris. Saussure, segundo Koerner, tinha grande estima pelos trabalhos de Whitney, que já em 1867 afirmava: "Todo o desenvolvimento da fala, embora iniciado pelos atos dos indivíduos, é efetivado pela comunidade" (WHITNEY, 1867, p. 404 apud SHUY, 2003, p. 4). Assim, Koerner traça ainda mais uma linha genealógica que conflui na formação de Labov, a qual pode ser representada na seguinte forma:

Whitney → Saussure → Meillet → Martinet → Weinreich → Labov

Koerner aponta outra conexão no desenvolvimento da obra de Labov: a linguística histórica. Ora, na formulação de sua proposta para o estudo da mudança, Labov pode ser visto se filiando a Vendryes, um pupilo de Meillet que também buscava as causas da mudança linguística a partir de relações entre língua e sociedade. Além disso, segundo Koerner, Martinet, aluno de Meillet, conseguiu instilar em Weinreich um forte interesse pela linguística histórica e pelo estudo das causas da mudança – mais uma via pela qual esse interesse pode ter chegado a Labov.

Koerner se refere ainda à influência exercida por uma tradição de estudos de bilinguismo "que é consciente do ambiente sociopolítico em que ocorre" (p. 64) sobre a TVM. O autor menciona, nesse sentido, o fato de os Weinreich terem se fixado nos Estados Unidos na condição de imigrantes, e que a convivência com situações de multilinguismo que essa condição no novo país lhes proporcionou pode tê-los levado ao interesse ainda maior por essa área.

---

<sup>21</sup> "Quando eu visitava outras universidades como um estudante, o nome de Weinreich sempre trazia um olhar especial de respeito e admiração. Ele morreu repentinamente, de câncer, aos 39 anos. Lendo seus trabalhos em anos subsequentes, descobri que ele havia escrito projetos de pesquisa que antecipavam a maioria das coisas que eu queria fazer. Então até hoje eu não sei quantas das minhas ideias eu trouxe para a linguística, e quantas eu tomei de Weinreich." (LABOV, 1997, p. 2-3).

A conclusão a que Koerner chega com esse apanhado histórico é a seguinte:

De fato, a obra de Labov constitui uma síntese de tentativas anteriores de uma abordagem sociológica às questões da mudança linguística, começando com o texto de 1905 de Meillet (se não ainda antes) e com a pesquisa dialetológica feita nos Estados Unidos desde a década de 1930, que por sua vez se volta às tradições europeias estabelecidas durante o último quarto do século XIX. (p. 64).

É importante dar destaque também, nesta busca pelas origens da TVM, às questões sociais e políticas que se faziam presentes nos Estados Unidos na década de 1960. Configurava-se, à época, um movimento contra a segregação racial e a favor de uma reforma na educação e de maior justiça social para as minorias. Juntamente a isso, as novas nações de governo ex-colonial passavam a tomar decisões a respeito de suas políticas linguísticas, sem uma base de conhecimento sólida para tanto. Assim, parecia natural que pesquisadores e abordagens de origens distintas se unissem, e isso se deu nos Estados Unidos com uma maior interação entre sociólogos, linguistas e antropólogos (PAULSTON; TUCKER, 2003).

Verifica-se, com a exposição acima, a confluência de questões políticas e de tradições de pesquisa várias na origem dessa disciplina que se veio a rotular como teoria da variação e mudança. Como se viu, certas tradições dos estudos linguísticos já trabalhavam com uma visão de língua como produto social e buscavam relacionar os fenômenos linguísticos a fatores dessa ordem. Isso ocorria, entretanto, marginalmente ao desenvolvimento do estruturalismo, em que se dava prioridade ao estudo da *langue* em sua natureza essencialmente interna (tanto interna ao indivíduo quanto na relação entre seus elementos constitutivos). Buscava-se portanto, na linguística, uma alternativa à abordagem estrutural, uma alternativa fundada em princípios teóricos e metodológicos mais solidamente formulados,

ao mesmo tempo em que o debate a respeito de questões primariamente sociais apontava para a necessidade de um tratamento mais “aplicado” da língua, produzido a partir da combinação de áreas diversas. Foi nesse terreno propício que as pesquisas iniciais de Labov se realizaram, e onde o texto programático de Weinreich, Labov e Herzog, publicado já ao fim da década de 1960, encontrou voz e vez nos estudos linguísticos, lançando as bases sobre as quais se ergueria a TVM.

### 1.3.2 Voltando aos trilhos

Como se vê pela exposição acima, podem-se obter análises interessantes a partir do objetivo de desvendar o “social” de Labov e da TVM. Entretanto, o caminho que escolho percorrer nesta dissertação para investigar como Labov lida com esse componente em sua obra é outro, ainda não mencionado. Vejamos como ele se delinea.

Em suas discussões sobre a natureza do componente social e de seu papel em relação ao sistema linguístico, Labov em geral não se filia (pelo menos explicitamente) a alguma teoria sociológica específica, dando por vezes a impressão de que essa filiação não seria necessária, de que suas pesquisas, por terem como foco principal a língua, não necessitariam de um contato mais estreito com uma teoria do funcionamento social, ou de que os princípios desse funcionamento seriam desvelados de forma mais ou menos espontânea, de acordo com as necessidades imediatas da pesquisa linguística.

Contudo, em alguns (poucos) momentos da obra de Labov, pode-se ver o autor filiando sua visão de social a um conceito-chave da sociologia: o conceito de **fato social** postulado pelo sociólogo francês Émile Durkheim<sup>22</sup>. Labov demonstra conhecer esse conceito, e de certa forma se filiar a ele, em excertos como os seguintes:

---

<sup>22</sup> De forma bastante abreviada (pois a este ponto será dedicada uma seção específica mais adiante), são fatos sociais, segundo Durkheim, os conjuntos de regras ou de costumes exteriores ao indivíduo; eles pertencem, portanto, à comunidade, embora esta tenha pouca possibilidade de ação (e até mesmo consciência) frente a esses fatos, estando os seus membros, em vez disso, submetidos a eles.

Dado que a língua é um fato social, e não a propriedade de qualquer indivíduo, segue que a mudança linguística é equivalente à difusão dessa mudança. (2003, p. 1).

O caso com Nathan B. ilustra a noção durkheimiana fundamental de fato social: somos livres para falar do jeito que quisermos, mas haverá consequências sociais se nos afastarmos demais das normas. (2006a, p. 157).

Além disso, não podemos falar da maneira que quisermos; variáveis sociolinguísticas e seu condicionamento complexo são fatos sociais, os quais não estamos livres para ignorar, como no caso do próprio Nathan B. (2006a, p. 130).

A importância da noção durkheimiana de fato social na obra de Labov é afirmada pelo próprio autor no seguinte excerto, quando ele discute um modo pelo qual os diferentes tipos de estudo do comportamento social em relação à dinâmica das línguas poderiam ser integrados:

Acredito que a integração de todos esses estudos e áreas em uma perspectiva única depende do conceito de comunidade de fala como uma realidade social abrangente. *A noção de um fato social – de que a língua existe na comunidade exteriormente ao indivíduo – é o nosso tema central.* (LABOV, 2006b, p. 350, grifos meus).

Apenas por essa razão – pela presença desse vínculo com a sociologia durkheimiana e pela importância que Labov dá a ele – poderíamos afirmar que já parece justificada a tentativa de investigar a exterioridade à língua postulada por Labov pela via do fato social; as perguntas se fazem com facilidade: *como se manifesta esse conceito na obra de Labov? Em que medida ele*



*adotou de fato a formulação durkheimiana, e em que medida o conceito original foi adaptado para melhor servir aos seus propósitos de pesquisa?*

Porém, a questão se torna ainda mais instigante quando notamos que esse mesmo conceito não aparece apenas em Labov; a visão de língua como fato social pode ser consistentemente atestada na obra de outros renomados linguistas do século XX – e especialmente em dois linguistas com quem Labov mantém relações teóricas bastante particulares: Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet.

Em Saussure, vemos as referências mais claras à noção de fato social na própria definição do objeto central de sua linguística – a *langue*:

[A língua/*langue*] Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (2006, p. 21).

Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. (2006, p. 22).

Em Meillet, discípulo de Saussure, também notamos essa relação, com menções explícitas a Durkheim e com a defesa de sua concepção de linguagem a partir do conceito de fato social:

[...] a língua é portanto eminentemente um fato social. De fato, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de qualquer um dos indivíduos que a falam, e, embora ela

não tenha nenhuma realidade fora da soma desses indivíduos, ela é, devido à sua generalidade, exterior a cada um desses indivíduos. (1948, p. 230).

Aparentemente, temos então um quadro harmônico em que dois linguistas de importância indiscutível na história recente da área compartilham com Labov a mesma visão do que seja o aspecto social da língua, oriunda da influência de Durkheim em suas propostas de análise. A leitura da obra de Labov, entretanto, nos mostra um entendimento contrário: em inúmeros momentos do texto laboviano, percebe-se com clareza o quanto esse autor busca se *aproximar* da concepção de social de Meillet e, ao mesmo tempo, o quanto ele se *afasta* de Saussure neste aspecto. Exemplos:

Seguirei a posição de Meillet de que o caráter esporádico da mudança linguística só pode ser explicado por correlações com a estrutura social da comunidade de fala em que ela ocorre. (2001, p. xv).

Os argumentos sociais de Meillet partem de fatos bem estabelecidos sobre as relações sociais de comunidades de fala, e apenas ocasionalmente se referem a diferenças dialetais ou a variação dentro da comunidade. De qualquer modo, seu *insight* continua fundamental à abordagem sociolinguística desenvolvida neste volume. (2001, p. 23).

Tem-se enfatizado muito que, ao distinguir a fala [*parole*] da língua [*langue*], Saussure rompeu com o psicologismo característico do pensamento neogramático: ele via a língua como social e a fala como individual. Entretanto, observemos que Saussure nada tem a dizer de concreto sobre a comunidade como a matriz do desempenho da fala individual. [...] Não vemos nenhum indício de

que Saussure tenha progredido para além de Paul em sua capacidade de lidar com a língua como fato social; para ele, a precondição para lidar com a língua como fenômeno social era ainda sua completa homogeneidade. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 56).

Temos, assim, um quadro não muito claro de relações teóricas entre Labov, Meillet e Saussure, em especial no que toca à influência de Durkheim em suas obras. Abre-se, portanto, mais uma possibilidade de investigação mediada pelo conceito de fato social, que nos permite, por sua vez, mais uma via de acesso à obra de Labov (e, neste caso, nos permite ainda conhecer um pouco melhor a obra de outros dois importantes linguistas), através da seguinte indagação: *como esse conceito durkheimiano se manifesta na obra dos três autores para que, aparentemente compartilhando uma mesma concepção do que seja a face social da linguagem, eles sejam tão diferentes entre si (ao menos, na leitura de Labov)?*

Merece nota, ao lado das constatações que levaram à formulação das perguntas de pesquisa expostas acima, o fato de que as relações teóricas entre Labov, Durkheim, Saussure e Meillet não passaram despercebidas até o momento; outros pesquisadores, dos quais destaco Figueroa, Calvet e Severo, já reconheceram e avaliaram essas relações.

Severo (2007a, p. 142), por exemplo, diz: "A abordagem de Labov foi claramente influenciada por Meillet e, sobretudo, por Durkheim.". Calvet (2002, p. 33) também chama a atenção para o vínculo entre os três pesquisadores: "Labov radicaliza Meillet levando a sério até o fim a definição da língua como fato social [...]". A afirmação se justifica pois, segundo o autor, "Meillet [...] trabalhou sobretudo com línguas mortas, enquanto Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas concretas, enfrenta problemas de metodologia da pesquisa [...]". Figueroa (1994), por fim, afirma que "[...] é sabido que Labov é familiarizado a Durkheim, que usa o termo *fato social*, que aceita que a língua é um fato social." (p. 76).

Os pesquisadores citados (em especial Severo e Figueroa) levantam, em seus textos, pontos específicos que caracterizam o contato entre a teoria de Labov e a noção durkheimiana de fato social, estabelecendo ligações também entre estes, Meillet e Saussure. Embora suas análises não tenham se dedicado exclusivamente a essa questão, suas conclusões servem como uma base importante de referência para este trabalho, e serão retomadas na medida em que se mostrarem pertinentes às discussões que serão promovidas nos capítulos seguintes.

Finalizando esta seção de apresentação e recorte do objeto sob análise, faço um breve balanço do caminho percorrido até aqui, bem como uma síntese dos objetivos de pesquisa que se delineiam.

Como vimos, a teoria da variação e mudança é uma abordagem proeminente na área conhecida como sociolinguística, e essa área se define justamente por considerar indispensável a presença de um componente social, exterior à língua, para o estudo desta. Entretanto, a proposta tem sofrido vários questionamentos, e alguns deles podem ser ligados diretamente a uma certa indefinição teórica de qual seja exatamente a natureza desse componente externo. Configurou-se como objetivo inicial e amplo desta pesquisa, assim, refletir sobre esse componente e buscar conhecê-lo melhor, especificamente na obra de William Labov. Dentre as diversas possibilidades de análise para se chegar a este fim, a investigação do conceito durkheimiano de fato social na obra de Labov se mostrou pertinente, por duas razões: em primeiro lugar, porque se mostra como um bom ponto de partida para refletirmos sobre certos aspectos da teoria proposta por Labov que nem sempre são revisados; em segundo lugar, porque de certa forma, como vimos, Labov interage com duas de suas principais referências (Saussure e Meillet) através dessa mesma noção de fato social, e ver o que possibilita essa interação pode nos esclarecer ainda mais a questão ampla que nos propusemos a investigar.

As perguntas específicas que este trabalho faz e tenta responder, pois, em relação à noção de fato social na obra de William Labov, podem ser formuladas assim:

- 1) Como as características da noção durkheimiana de fato social se manifestam na obra de Labov? Até que ponto esta se conforma à postulação inicial de Durkheim e até que ponto difere dela?
- 2) Qual o papel que a adoção desse conceito desempenha no quadro teórico composto por Labov? Seria um papel apenas periférico ou ele faria parte do “núcleo” de premissas que sustenta a teoria?
- 3) Como a noção de fato social, na forma em que se manifesta em Labov, coloca este em relação a Meillet e a Saussure? É possível, através do estudo de como esses autores se apropriaram dessa noção, entender melhor as relações de proximidade e de afastamento teórico que Labov estabelece com Meillet e Saussure, respectivamente? De que forma?

Apesar de serem essas as perguntas que guiarão a análise das obras de Labov, Saussure e Meillet nas páginas seguintes, elas se submetem ainda ao objetivo amplo, já exposto acima: lançar luz sobre o componente social da teoria laboviana, com vistas tanto a contribuir com as discussões e com a prática da área quanto a elucidar os pontos sobre os quais se fundamentam algumas das críticas que se fazem à teoria.

De fato, as contribuições pretendidas com esta pesquisa podem ser mais bem visualizadas quando postas em contexto, diante da perspectiva de análise à qual a pesquisa busca se filiar: a filosofia da linguística.

#### 1.4 POR UMA FILOSOFIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Embora esteja bastante ligado à área de sociolinguística e em especial à teoria da variação e mudança, este não é propriamente um estudo *na* TVM, ou seja, não investiga algum aspecto relacionado à variação e a mudança nas línguas a partir de um fenômeno variável. A pesquisa é feita, em vez disso, *sobre* a teoria, num esforço de conhecer mais a fundo um aspecto seu que, conforme vimos, carece de maior sustentação. Pode-se dizer, então, que um trabalho desenvolvido dessa forma se

enquadra em outra tradição de estudos: a filosofia da linguística. Borges Neto (2004, p 8-9) define a área e seus objetivos nos seguintes termos:

A filosofia da linguística [...] é uma área da investigação filosófica que tem por objeto a ciência da linguagem e suas teorias, cabendo-lhe investigar as formas de obtenção de conhecimento fundamentado sobre a linguagem humana que os linguistas, no "mundo real", utilizam. [...] É tarefa dessa área de estudos investigar a natureza das teorias linguísticas, as relações que se podem (e que não se podem) fazer entre elas, a natureza dos conceitos e das representações utilizadas, dos "componentes" propostos, dos "recortes" efetuados etc.

A esta delimitação podem ser contrapostos os argumentos de Romaine (1981), que não vê uma diferença tão nítida entre a pesquisa *na* disciplina e a pesquisa *sobre* a disciplina. Para ela, desenhar o limite exato entre um campo e outro nem parece essencial; ela prefere, em vez disso, dar ênfase aos ganhos que esse "pesquisar sobre" pode trazer à disciplina "de fato": "[...] uma certa quantidade de autocritica e de consciência do estatuto de conceitos e argumentos teóricos não pode fazer nenhum mal aos linguistas." (p. 93). Ainda nesse sentido, e defendendo a integração entre os dois tipos de pesquisa em vez de a sua separação, Romaine defende que

uma compreensão adequada dos princípios da linguística requer que seja claro para os linguistas (e não apenas para os filósofos) qual é o estatuto epistemológico desses princípios e qual é o papel metodológico que esses princípios cumprem na investigação linguística. (p. 94).

Diante deste quadro, creio ser possível formular uma posição que torna complementares as ideias recém-citadas: não questiono que o pensar sobre uma teoria linguística constitua um

tipo de pesquisa distinto do trabalho prático com a teoria; porém, uma atividade não exclui necessariamente a outra. Para que essa integração se efetive, é necessário que o pesquisador atente para o fato de que, ao estudar um fenômeno linguístico qualquer, ele não está apenas “trabalhando” com o suporte de uma teoria. Ao desenvolver suas pesquisas, esse linguista se compromete com uma série de princípios e de posições filosóficas e ideológicas quanto ao seu objeto, quanto ao seu papel como pesquisador etc. Rajagopalan (2003, p. 22) levanta um argumento bastante coerente nesse sentido:

Se concordamos que a confecção de teorias é uma atividade que se processa sob determinadas condições sociológicas muito precisas, não há como não aceitar também a consequência de que elas reflitam, ainda que de forma sutil, os anseios e as inquietações que movem aqueles que estão por trás daquelas reflexões teóricas.<sup>23</sup>

Desse modo, esta dissertação se dedica a investigar algumas das engrenagens que permitem o movimento à teoria laboviana, por assim dizer, não por simples diletantismo, mas com o intuito de apontar e discutir, mesmo que minimamente (dadas as limitações óbvias de uma dissertação de mestrado), algumas das premissas do paradigma laboviano com as quais o pesquisador se compromete em seu trabalho, às vezes sem se dar conta.

Além disso, pode-se dizer que observar com mais atenção os pilares que sustentam uma teoria linguística é positivo também para os que rejeitam essa teoria, e não apenas para os que a adotam: para estes, a observação atenta conduz a uma adoção mais consciente da proposta com a qual elaboram seus trabalhos, enquanto para os que a queiram preterir, essa mesma observação pode conduzir a um posicionamento crítico também

---

<sup>23</sup> No texto de Rajagopalan, o autor se vale desse argumento, na verdade, para defender outro ponto: o de que é preciso que nos voltemos às implicações éticas de nosso trabalho para que encontremos saídas para a crescente distância entre linguistas e leigos e para a pouca visibilidade, fora das universidades, dos estudos linguísticos atualmente.

mais consciente, mais informado e, em consequência, mais livre das impressões anedóticas e por vezes preconceituosas que circulam no ambiente acadêmico.

Um outro ponto a se considerar no rol de justificativas para o desenvolvimento de uma pesquisa como esta é que, nas últimas décadas, tem sido enorme a produção de trabalhos sob a perspectiva laboviana, tanto no Brasil quanto no exterior. Isso, no entanto, não parece estar acompanhado de uma produção de caráter mais teórico na disciplina – em especial a respeito do componente social dessa teoria<sup>24</sup>. Consoantes a esse argumento são as palavras de Pagotto (2004, p. 49):

O projeto laboviano, eminentemente empirista, tem sido levado a cabo sem que certas questões cruciais sejam discutidas. Assim, a metodologia quantitativa tem sido largamente empregada, com frutíferos resultados descritivos, sem que se procure um entendimento mais profundo do que tais resultados significam. (p. 49).

Ao lado dessas motivações e justificativas para a presente pesquisa, há ainda o fato de a sociolinguística ser um campo plural: assim como a teoria da variação e mudança trabalha com um olhar específico para a relação entre língua e sociedade, as outras abordagens sociolinguísticas também têm uma forma própria de explorar essa relação. Delimitar a origem e a natureza do componente social da TVM é, pois, um modo importante de se definir como a linha de pesquisa laboviana se diferencia das demais “sociolinguísticas”, como se aproxima delas e até como se posiciona frente aos modelos “padrão” de pesquisa linguística, em geral ainda identificados como associais.

Em suma, este trabalho parte do princípio de que fazer uma “filosofia da sociolinguística” é tanto interessante quanto desejável, pois tem o potencial de fornecer aos estudiosos da área ferramentas para a atividade constante de (re)formulação

---

<sup>24</sup> Não se deve esquecer que, pelo menos no Brasil, os aspectos linguísticos a que a TVM dá destaque vêm sendo apontados e interpretados sob a luz de princípios tanto formais quanto funcionais da linguística.



da teoria, tão válidas quanto as advindas das pesquisas empíricas. A abordagem específica que se pretende fazer aqui, centrada no desenvolvimento da noção de fato social na obra de Labov, é tão-somente um recorte nesse objetivo maior – um recorte que, espero, nos possibilitará não apenas oferecer respostas às questões que enumerei na seção anterior, mas olhar para o texto laboviano a partir de um lugar não muito usual, o que pode levar à redescoberta de pontos de discussão interessantes, ao reconhecimento de novas crises – enfim, a ver o já visto de uma forma diferente.

### 1.5 MÉTODO E PLANO DA DISSERTAÇÃO

Tendo exposto os objetivos desta pesquisa e as motivações para o seu desenvolvimento, descrevo brevemente os passos seguintes desta dissertação, planejados para que se respondam as questões e se cumpram os objetivos propostos até aqui.

Como foi dito, a via de acesso à compreensão da exterioridade à língua na obra de Labov será o conceito de fato social formulado por Émile Durkheim. É relevante notar, contudo, que, embora Durkheim seja uma referência de importância indiscutível na sociologia, sua obra não costuma ser familiar aos linguistas. Assim, considerando o espaço que será dado nesta dissertação a esse pesquisador e à sua definição do que seja um fato social, dedico o capítulo seguinte deste texto a uma apresentação (forçosamente panorâmica) da biografia e da obra de Émile Durkheim, após o que exponho as características definidoras dos fatos sociais para este sociólogo. Será a partir dessa exposição que a obra de Labov será analisada posteriormente<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> É importante salientar que minha leitura da sociologia de Durkheim e do conceito de fato social certamente não atingirá a complexidade que esses temas merecem. Isso se justifica não só pelo fato de que o foco desta dissertação é, sobretudo, a teoria linguística de Labov, e não a sociologia durkheimiana, mas também por minha própria formação, incipiente nas questões sociológicas. Reconhece-se, assim, que esta "visita" à sociologia inevitavelmente deixará de lado questões relevantes a essa área, e espera-se que, ao menos, a apropriação da sociologia de Durkheim a ser feita aqui seja adequada o suficiente para fornecer instrumentos legítimos para a análise das teorias linguísticas às quais a pesquisa se voltará.

Também já foi dito que a teoria laboviana não foi a única atravessada pelo conceito de fato social: Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet foram outros linguistas que adotaram esse conceito em suas discussões sobre a natureza da língua. A partir das afirmações do próprio Labov a respeito da obra desses dois autores, julgou-se interessante abordar também como eles lidam com o conceito durkheimiano, e ainda como os seus modos de lidar com esse conceito os posicionam em relação a Labov. Será o passo seguinte do texto, então, após o capítulo sobre Durkheim, apresentar a forma como Saussure e Meillet incorporam o fato social em suas teorizações, para que tenhamos mais uma base em relação à qual situar a teoria da variação e mudança segundo o texto laboviano.

A etapa seguinte do trabalho é a análise propriamente dita da teoria laboviana. Em uma primeira etapa, o conceito de fato social servirá como ponto de partida para a reflexão sobre alguns pontos envolvendo a obra de Labov, para em seguida avaliarmos o quanto as teorizações desse autor se aproximam ou se distanciam da formulação original de Durkheim. Na etapa seguinte da análise, será discutido, com base nos capítulos que a antecedem sobre Saussure e Meillet, como esses autores podem ser situados em relação a Labov novamente pelo eixo do fato social. O trabalho será, então, finalizado com uma avaliação geral dos resultados e do caminho percorrido para alcançá-los, contabilizando-se os ganhos e observando-se as possibilidades de pesquisa que ainda se oferecem.

A seleção dos textos de Labov que serão contemplados nesta análise buscou ser bastante abrangente. Assim, serão considerados vários dos livros escritos por Labov (incluindo o ensaio *Empirical foundations for a theory of language change*, de 1968, escrito em coautoria com Weinreich e Herzog), artigos de diferentes épocas e entrevistas recentes do autor a revistas acadêmicas. Os livros sobre os quais mais ênfase será dada na etapa de análise são os seguintes: a) *Empirical foundations for a theory of language change* (1968 – ed. brasileira publicada em 2006); b) *Sociolinguistic Patterns* (1972 – ed. brasileira publicada em 2008); c) *Principles of Linguistic Change. Volume II: Social Factors* (2001); d) *Principles of Linguistic Change. Volume III: Cognitive and Cultural Factors* (2010). A análise também se

valerá de artigos e entrevistas de Labov, publicados em períodos diversos.

No capítulo seguinte, como anunciado, apresento brevemente a biografia e a obra do sociólogo francês Émile Durkheim, após o que exponho os traços definidores de sua noção de *fato social*.

## 2 DURKHEIM E O FATO SOCIAL

*O homem, mais do que um formador da sociedade, é um produto dela.*  
Émile Durkheim

### 2.1 BIOGRAFIA

David Émile Durkheim nasceu em 1858, em Épinal, uma pequena cidade entre a Alsácia e a Lorena, na França. Filho e neto de rabinos, Émile foi encaminhado desde cedo para ser o próximo membro dos Durkheim a desempenhar esse ofício. A família não se opôs, contudo, quando o jovem se mudou para Paris a fim de seguir a carreira acadêmica. Segundo Fournier (2005, p. 46),

Se a bem-sucedida carreira acadêmica de seu filho traía a tradição da família, era também a realização da ambição de seu pai, pois em uma sociedade moderna o acadêmico ocupa uma posição análoga à do padre ou do rabino em uma sociedade tradicional ou religiosa.

Em Paris, Émile Durkheim se graduou em filosofia pela *École Normale Supérieure*, em 1882. No início de sua vida profissional, atuando no ensino de filosofia, ele passa a se interessar pela sociologia, uma disciplina à época sem ensino regular na França. Por esse motivo, ele vai para a Alemanha, onde se dedica à complementação de seus estudos na área. Segundo Sell (2002, p. 60), “[d]esta viagem, Durkheim retorna com a intenção de desenvolver a sociologia na França, visando torná-la uma ciência autônoma.”.

De volta à França, portanto, Durkheim passa a trabalhar em Bordeaux, onde oferece o primeiro curso de sociologia em uma universidade daquele país. Foi ali, onde atuou por quinze anos (1887-1902), que Durkheim desenvolveu os volumes mais importantes de sua obra – *A divisão social do trabalho*, *As regras do método sociológico* e *O suicídio*, além de fundar, em 1896, a revista *L'Année Sociologique*.

Em 1902, Durkheim retorna a Paris, onde, na Sorbonne, leciona sociologia. A essas alturas, já era um professor e pesquisador consagrado; segundo Rodrigues (2005, p. 14), o sucesso de Durkheim era tamanho que, antes de atingir os quarenta anos, ele "já havia feito o suficiente para se tornar o mais notável sociólogo francês, depois que Comte criara esta disciplina", sendo que suas aulas na Sorbonne eram consideradas "verdadeiros acontecimentos" (p. 15).

Em Paris, Durkheim permaneceu até a sua morte, em 1917 (contava, pois, 59 anos), no ano seguinte ao da morte de seu filho André na Primeira Guerra Mundial.

## 2.2 OBRA

Durkheim se fixou na história da sociologia não só por seus estudos sociológicos individuais, mas especialmente por sua importância na fundação dessa área. Pode-se dizer, nesse sentido, que a principal contribuição de Durkheim à sociologia esteve na tarefa que assumiu de delimitar o campo de atuação da disciplina em relação às demais ciências<sup>26</sup> - tarefa análoga, aliás, à desempenhada por Saussure, na mesma época, na linguística.

A entrada de Durkheim na sociologia se deu num momento em que a disciplina se encontrava um tanto "apagada" após o impulso inicial de Comte em sua fundação e difusão<sup>27,28</sup>. Durkheim é bastante crítico desse período de pouco desenvolvimento da ciência de Comte, posicionando-se fortemente, ainda, contra a abordagem científico-filosófica que

---

<sup>26</sup> Segundo Sell (2002, p. 59), "A pretensão de conferir à sociologia uma reputação verdadeiramente científica será o principal objetivo da obra do pensador francês Émile Durkheim (1858-1917). Seguidor do positivismo de Augusto Comte, toda a obra de Durkheim está voltada para dotar a sociologia do que até então mais lhe faltava: um método de análise. Daí a sua importância para a história do pensamento sociológico."

<sup>27</sup> A Auguste Comte (1798-1857) também é atribuído o título de fundador da sociologia, dado que foi ele quem de fato inventou o termo "sociologia" e quem defendeu inicialmente uma abordagem positivista e empirista ao estudo da sociedade. (GIDDENS, 2005, p. 28).

<sup>28</sup> De acordo com Rodrigues (2005, p. 16), após a morte de Comte, "a Sociologia imobilizou-se durante toda uma geração na França."

ele acusava estar voltada à consideração (dedutivista) de noções, de conceitos, e não ao estudo da empiria. Nas palavras de Durkheim,

procedendo desta maneira, não apenas ficamos na ideologia, mas damos à Sociologia, como objeto, um conceito que nada tem de propriamente sociológico. (1978, p. 18).

Dessa forma, seu projeto na sociologia era circunscrever-lhe a um campo específico de estudos, com objeto e métodos que a definissem e a distinguissem das pesquisas em outros domínios – especialmente o biológico e o psicológico. Nas suas palavras,

em lugar de tratar a Sociologia *in genere*, nós nos fechamos metodicamente numa ordem de fatos nitidamente delimitados [...]. Em uma palavra, esforçamo-nos em abrir, no que se refere à Sociologia na França, aquilo que Comte havia chamado a era da especialidade. (1970, p. 126 *apud* RODRIGUES, 2005, p. 17).

Assim, Durkheim se coloca a favor de uma ciência exclusivamente indutivista, mesmo ao tratar-se de fenômenos sociais que à primeira vista não têm uma realidade concreta, como a moral. Para ele, “os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas” (1978, p. 24)<sup>29</sup>, e o ponto de partida da ciência (logo, também da sociologia) é tratar os seus objetos dessa forma.

A tese de Durkheim é, portanto, que a sociologia precisa passar por uma revolução segundo ele já experimentada pela psicologia: a passagem de um estágio subjetivo de investigação a um estágio objetivo. Para isso, é necessário que os fenômenos sociais sejam considerados “em si mesmos, destacados dos

---

<sup>29</sup> Durkheim define *coisa* como “tudo que se oferece ou antes se impõe à observação” (1978, p. 24).

indivíduos que formulam representações a seu respeito; [...] como coisas exteriores, pois é nesta qualidade que se apresentam a nós.” (1978, p. 24).

Em suas principais obras de análise sociológica, listadas abaixo, Durkheim estudou os seguintes temas:

- a) *A divisão social do trabalho* (1893): Nesta obra, Durkheim investiga a função do trabalho nas sociedades modernas. O autor defende a tese de que, nessas sociedades,

a divisão social do trabalho não pode ser reduzida apenas à sua dimensão econômica [...]. Ao contrário, a divisão social do trabalho tem, antes de tudo, uma *função moral*, no sentido de que ela passa a ser o elemento chave para a integração dos indivíduos na sociedade. (SELL, 2002, p. 75, grifos do autor).

- b) *O suicídio* (1897): Aqui, Durkheim analisa as ocorrências de suicídio em diferentes sociedades, interpretando esse fenômeno não como o resultado de distúrbios individuais, psicológicos, mas como decorrente de motivações sociais. Citando Aron (1993, p. 315),

Há “correntes suicidógenas” (para usar a terminologia de Durkheim) que atravessam a sociedade, originando-se não no indivíduo mas na coletividade, e que são a causa real e determinante dos suicídios.

- c) *As formas elementares da vida religiosa* (1912): Neste estudo, Durkheim propõe um tratamento sociológico da religião. Além disso, o autor desenvolve uma proposta de teoria sociológica do conhecimento, que, nas palavras de Sell (2002, p. 79), mostra “que a capacidade do homem em explicar o mundo ao seu redor tem origem na sociedade, que serve de modelo para este processo.”.

Juntamente à publicação dessas obras e à sua importância na delimitação da sociologia, Durkheim é considerado o responsável pelo desenvolvimento de uma das principais orientações teóricas da área: a teoria sociológica funcionalista. A essa corrente é ligada a ideia de que as instituições sociais cumprem *funções* específicas na sociedade, assim como cada órgão de um organismo biológico desempenha um papel para a manutenção do todo. A investigação da sociologia funcionalista configura-se, assim, como a determinação da função que as instituições sociais cumprem na sociedade, bem como o estudo da origem dessas instituições.

A essa concepção teórica estão ligados certos princípios metodológicos. Os principais deles são: a) a sociedade é superior ao indivíduo, ou seja, “a explicação da vida social tem seu fundamento na sociedade, e não no indivíduo” (SELL, 2002, p. 64); e b) os fenômenos sociais são passíveis de um tratamento investigativo similar ao que é dado aos fenômenos naturais por outras ciências<sup>30</sup>.

Durkheim deu origem a uma vasta gama de caminhos de pesquisa, tanto na sociologia quanto em outras áreas. Alexander e Smith (2005, p. 5) apontam as principais linhas derivadas a partir das diferentes interpretações que foram sendo dadas à obra de Durkheim ao longo do século XX:

O durkheimianismo estrutural enfatiza as forças morfológicas submersas, as restrições legais e a *consciência coletiva* abstrata [...] que narra a *Divisão do Trabalho*, as interações e associações mecânicas que animam o *Suicídio*, e o determinismo funcional e o coletivismo epistemológico sugerido pelas *Regras*. O Durkheim conservador fala sobre estabilidade, direito democrático e conformidade social [...]. O

---

<sup>30</sup> E estes podem ser vistos, ainda, como as influências mais importantes de Comte sobre Durkheim. Conforme Teixeira (2002, p. 144), marcas de uma “sociolatria comteana” são claramente perceptíveis na obra de Durkheim, ao que acrescenta: “Toda sua sociologia está fundada na premissa de que é a forma das coletividades que determina as atitudes individuais e de que existe uma autêntica consciência coletiva.”.



durkheimianismo radical aponta para a criatividade, a efervescência e a necessidade de explodir a rotinização via a associação apaixonada e o ritual transcendente [...]. Os durkheimianos culturais partem das classificações simbólicas, dos rituais e das discussões da alma e das paixões solidárias que animam os trabalhos mais tardios [...].

Os autores discutem, em seguida, como essas tradições de leituras durkheimianas foram, por sua vez, questionadas e reelaboradas na segunda metade do século passado, de modo que, para eles, a “virada cultural” experimentada pelas ciências humanas há algumas décadas “estava dizendo ‘Durkheim’ sem pronunciar o seu nome” (2005, p. 11).

Temos, enfim, em Durkheim, um pesquisador de importância incontestável nos estudos sociológicos e nas ciências humanas de modo geral. Sua influência se sente até hoje em diversas áreas, e conceitos basilares em sua obra têm contribuído para o desenvolvimento de áreas diversas. Um exemplo dessa influência nos estudos linguísticos do século XX pode ser visto na noção de fato social, a ser explorada na seção a seguir.

### 2.3 A NOÇÃO DE FATO SOCIAL

Implicada nos princípios teóricos mencionados anteriormente e no objetivo assumido por Durkheim de demarcação de uma nova disciplina científica está a necessidade da delimitação de uma unidade de análise própria para a sociologia. Essa unidade, em Durkheim, ficaria conhecida como *fato social*. Exemplos dessa entidade são a moral, os sistemas de moedas, as práticas profissionais, as práticas religiosas, as organizações familiares etc. As propriedades pelas quais se definem os fatos sociais são as seguintes:

- *A generalidade*: um fato social não pertence a um único indivíduo, mas ao coletivo, a uma comunidade de modo geral.

- *A exterioridade em relação às consciências individuais*: ao mesmo tempo em que um fato social só tem existência em alguma sociedade concreta, ele não pode ser controlado ou modificado pela vontade de seus membros; existe, pois, de forma exterior (e anterior) destes. Nas palavras de Durkheim,

os fatos sociais são exteriores às consciências individuais consideradas como tais, do mesmo modo que os caracteres distintivos da vida são exteriores às substâncias minerais que compõem o ser vivo. Não é possível reduzi-los a seus elementos sem entrar em contradição, uma vez que, por definição, neles está pressuposto algo mais do que os elementos que contêm. (1978, p. xxv).

- *A independência em relação às manifestações individuais*: o fato social, embora não deva ser tratado na sociologia de Durkheim como uma abstração (afinal, em sua condição de objeto científico, deve ser tratado como *coisa*), também não corresponde às manifestações individuais, situadas, que assume. Novamente nas palavras de Durkheim:

Crenças, tendências, práticas de grupo tomadas coletivamente é que constituem os fatos sociais; quanto às formas que os estados coletivos revestem ao se refratar nos indivíduos, são coisas de outra espécie. (1978, p. 6).

- *A coerção*: além de ser geral e externo aos indivíduos de uma sociedade, o fato social tem a característica de se impor sobre ela, de se fazer seguir independentemente da vontade individual. Em realidade, é possível ao indivíduo não aderir a algum padrão estabelecido em sua sociedade, mas isso não se dá sem uma reação, sem uma reprimenda, mesmo que esta se dê de forma indireta<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Aron (1993, p. 338), por esse motivo, julga a escolha do termo *coerção* "infeliz" para caracterizar essa propriedade dos fatos sociais. O autor crê que o termo guia a uma interpretação mais restrita que à tencionada por Durkheim. Ele cita o exemplo da

## Em uma definição única, é um fato social

toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter. (DURKHEIM, 1978, p. 11).

Bauman (2005, p. 362-363) evoca imagens interessantes para explorar as características definidoras do fato social. Para o autor, esses fatos

se comportam como todas as outras coisas sólidas, duras, impermeáveis e resistentes. Como todos os outros objetos que listamos entre as "coisas reais", eles não amoleceriam, muito menos desapareceriam, apenas por desejarmos que eles o fizessem. Como outras coisas, eles poderiam ser ignorados, mas apenas para o nosso prejuízo: um despertar amargo e doloroso aguarda por todos aqueles que, por ignorância ou má-vontade, se comportam como se "fatos sociais" fossem apenas fruto da imaginação. Não podemos passar impunes pelo espaço que eles ocupam, assim como não podemos passar por uma porta trancada sem machucarmos a cabeça ou os joelhos.

Quanto ao método de se lidar com os fatos sociais em estudos empíricos, um aspecto advogado por Durkheim é de especial relevância para a análise que ora se faz: trata-se do princípio de que os fatos sociais devem ser considerados pelo sociólogo exclusivamente em suas relações com outros fatos

---

moda e das crenças, ambos campos aos quais a acepção corrente de *coerção* (envolvendo uma punição direta) não parece se aplicar – embora na forma como Durkheim a define essa propriedade já seja mais compreensível.

sociais, e não com elementos pertencentes a outros domínios, como o psicológico, por exemplo. Em outras palavras, o social para Durkheim não é somente o campo onde se observam os objetos de estudo da sociologia, mas também a base explicativa mais legítima para a compreensão desses objetos. Esse princípio pode ser interpretado como tendo uma importância dupla para a teoria de Durkheim: além de configurar um campo de ação mais bem definido ao sociólogo, ele pode ser visto como mais um passo na construção da sociologia como uma ciência autônoma frente aos outros campos do saber – objetivo maior de Durkheim. Veja-se, nesse sentido, o seguinte excerto (DURKHEIM, 1978, p. 126-127):

um fato social não pode ser explicado senão por outro fato social [...] A sociologia não é, portanto, o anexo de nenhuma outra ciência; é, ela própria, uma ciência distinta e autônoma.

Sobre o lugar das línguas naturais nesse quadro, é válido notar que desde a formulação inicial de Durkheim elas já eram consideradas um exemplo de fato social – muito embora o autor não se detenha em uma análise mais detalhada da forma como elas se enquadram à definição, utilizando-as somente como ilustração de seus argumentos. Em sua exposição do caráter coercitivo dos fatos sociais, por exemplo, o autor faz a seguinte alusão ao uso linguístico: “Não estou obrigado a falar o mesmo idioma que meus compatriotas, nem a empregar as moedas legais; mas é impossível agir de outra maneira.” (1978, p. 2).

## 2.4 FINALIZANDO

Tem-se, em suma, com o fato social, uma unidade de análise que demarca à sociologia um campo de ação específico no estudo da sociedade e distinto do de outras ciências (em especial da psicologia e da biologia). Em outras palavras, o fato social durkheimiano isola como pertinente ao estudo sociológico um domínio que não se confunde com o domínio individual ou

com o natural e que, além disso, se afina com o princípio sociológico comteano da existência autônoma da sociedade e de sua superioridade em relação a seus membros. De acordo com Aron (1993, p. 301), e aludindo à citação que abre este capítulo, em Durkheim é central a ideia de que “o indivíduo nasce da sociedade, e não que a sociedade nasce dos indivíduos.”.

Tendo estabelecido, pois, ainda que brevemente, quem foi Durkheim, qual a sua importância para a sociologia e como se caracteriza o seu conceito de fato social, passo, no capítulo seguinte, à discussão de como esse conceito foi recuperado nas obras de dois renomados linguistas do início do século XX: Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet. Após essa etapa, chegaremos finalmente à análise desse mesmo conceito como ponto de partida para o estudo da teoria de William Labov.

### **3 SAUSSURE, MEILLET E O FATO SOCIAL**

Neste capítulo, trato das relações que se podem estabelecer entre o conceito de fato social exposto anteriormente e as teorizações de Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet a respeito da natureza da língua. Assim, nas páginas seguintes descrevo em poucas palavras a biografia e a obra de Saussure, seguindo-se a isso uma discussão de como o fato social pode ser visualizado em sua proposta. Depois disso, a mesma sequência é aplicada a Antoine Meillet. Finalmente, apresento algumas interpretações que já foram sugeridas quanto ao papel que o conceito durkheimiano cumpre nas propostas de Saussure e Meillet, ao que acrescento minha própria leitura, buscando interpretar, novamente via Durkheim, as diferenças entre os dois linguistas.

Parece válido apontar novamente os motivos que guiaram a escolha por esses dois autores específicos. O americano William Whitney (1827-1894), por exemplo, também foi um linguista que assumiu uma concepção social de língua; contudo, sua obra não é contemplada por esta pesquisa, por não se verificar uma influência direta de Durkheim sobre esse autor da mesma forma como se vê em Saussure e Meillet. As páginas a seguir mostrarão, ainda, outro ponto: o modo pelo qual Saussure e Meillet lidam com a influência de Durkheim pode ser visto como um fator interessante na diferenciação de suas obras. Finalmente, outra razão para o recorte em Saussure e Meillet está no fato de que, na obra de Labov – objeto central desta pesquisa – esses autores se mostram como referências constantes e importantes na construção da TVM (seja pela negação, no caso de Saussure, ou pelo apoio, no caso de Meillet). Saussure e Meillet são, em suma, linguistas de importância indiscutível na história recente da linguística, além de serem referências constantes da obra de Labov e de compartilharem com este a influência de Durkheim em suas propostas de estudo da língua. São essas as razões, portanto, que justificam a inserção desses linguistas como “paradas” interessantes no caminho que percorremos aqui de investigação

do componente social da teoria da variação e mudança. Passemos, pois, a Ferdinand de Saussure.

### 3.1 SAUSSURE – BIOGRAFIA E OBRA

Ferdinand de Saussure nasceu em 1857, em Genebra. Os Saussure são de origem francesa, mas desde o século XVII “fazem parte da boa sociedade genebrina” (ARRIVÉ, 2010, p. 29). Os antepassados paternos de Ferdinand foram membros destacados nas ciências e nas artes: seu bisavô, Horace-Bénédict, foi o primeiro a escalar o Mont-Blanc com finalidade científica. Seu avô, Nicolas-Théodore, foi um renomado professor de geologia e mineralogia na Universidade de Genebra. Seu pai, Henri, era um especialista em entomologia, e seu tio, Théodore, foi escritor, tendo publicado inclusive uma obra sobre a língua francesa. Membro, portanto, de uma família abastada e culta, Ferdinand foi apresentado desde cedo aos estudos clássicos, tendo aprendido latim, alemão, inglês e grego, além de filosofia.

Aos 15 anos, quando estudava no *Collège de Genève*, escreve seu primeiro ensaio em linguística. O interesse pela área continua nos dois anos que passa no Ginásio de Genebra, quando se inicia no estudo do sânscrito. Em 1876, aos 18 anos, Saussure é admitido na Sociedade de Linguística de Paris e, no mesmo ano, ingressa na Universidade de Leipzig, onde estuda línguas indoeuropeias.

Em 1879, quando contava 21 anos, Saussure publica o livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. O livro foi bem recebido na França, mas foi duramente criticado na Alemanha. Atualmente, trata-se de um texto célebre, não só pela densidade da análise que promove mas por ser um dos poucos textos longos que Saussure publicou em vida.

Em 1881, Saussure publica sua tese de doutorado, defendida no ano anterior. *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* é uma obra que, na avaliação de Arrivé (2010, p. 36-37), merece ser mais lida, pois “dá testemunho do precocíssimo interesse de Saussure pela sintaxe em suas relações com a semântica.”. Ainda em 1881, Saussure é nomeado professor na

Escola Prática de Altos Estudos, em Paris. Lá ele leciona durante dez anos, sendo que “suas aulas são seguidas por muitos alunos e ouvintes” (p. 37).

Em 1891, ele volta a Genebra, onde se casa com Marie Faesch e vê nascerem seus dois filhos: Jacques e Raymond. Ainda em Genebra, ele assume o cargo de professor de história e comparação de línguas indoeuropeias na Universidade de Genebra. Em 1906, passa a se responsabilizar também pelo ensino de linguística geral; nesse posto, Saussure ministra os três cursos (em 1907, em 1908-1909 e em 1910-1911) que serviram como base para a edição póstuma, por alguns de seus alunos, do clássico *Cours de linguistique générale* (*Curso de linguística geral*), publicado em 1916<sup>32</sup>. Ele se dedica ao ensino de linguística na Universidade de Genebra até perto do fim de sua vida, em fevereiro de 1913 (quanto contava 56 anos). Nessa última fase de sua carreira, Saussure se dedicava ao estudo e ao ensino do sânscrito, do grego, do latim, do indoeuropeu, da fonologia e versificação francesas, entre outros campos, como o das lendas.

É curta a obra que Saussure publicou em vida, sendo que, até poucas décadas atrás, lia-se dele apenas o *Curso* – livro o qual, como se sabe, não foi redigido de fato pelo linguista. De qualquer modo, foi esse texto que garantiu a Saussure um lugar de grande notoriedade na linguística e nas ciências humanas de modo geral, estando presentes ali os princípios básicos da linguística estrutural que se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX.

O fundamento principal da linguística fundada por Saussure pode ser sintetizado pela última frase do *Curso*: “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.” (SAUSSURE, 2006, p. 271). Concebendo a linguística dessa forma, Saussure propunha um rompimento epistemológico semelhante ao que se viu com Durkheim na sociologia, alguns anos antes, pois desvinculava a área dos estudos históricos e psicológicos, fundando assim uma ciência autônoma, com objeto, objetivos e método particulares.

---

<sup>32</sup> Nesta dissertação, essa obra é citada em sua edição brasileira, datada de 2006 e traduzida por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.



Nesse trabalho de emancipação, ele concebeu o objeto de estudo da linguística como um sistema abstrato de signos – entendidos como o resultado da união de dois componentes de natureza psíquica: um conceito (o *significado*) e uma imagem acústica (o *significante*), sendo que esse sistema se organiza a partir de relações associativas e solidárias entre seus elementos<sup>33</sup>.

Saussure criou também dicotomias hoje célebres na área, como o par *sincronia/diacronia* e o par *língua/fala*, ou *langue/parole*. O primeiro envolve a divisão entre um *estado* de língua (sincronia) de um lado e, de outro, a sucessão de diferentes estados (diacronia); o segundo prevê a divisão entre o aspecto regular e socialmente compartilhado da língua (*langue*) e as suas manifestações individuais (*parole*). Para Saussure, embora o tempo e a história não possam ser dissociados da noção de sistema (cf. CRUZ, 2006), a nova ciência linguística deveria dar primazia ao estudo sincrônico do sistema linguístico socialmente compartilhado (a *langue*), relegando-se à diacronia e à *parole* um lugar de menos destaque.

É sobre a última dicotomia mencionada, e em especial sobre o conceito de *langue*, que a seção seguinte se concentrará, haja vista a relação que se pode estabelecer entre ele e o conceito durkheimiano de *fato social*.

### 3.1.1 Saussure e o fato social

Ao se fazer uma leitura comparativa entre a obra de Durkheim e a de Saussure, logo se percebe que elas guardam algumas afinidades – notadamente, nos conceitos de fato social e de *langue*. Vejam-se, novamente, alguns excertos do *Curso de linguística geral*:

[A língua/*langue*] Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunida-

---

<sup>33</sup> “[...] quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem.” (SAUSSURE, 2006, p. 148).

de, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2006, p. 21).

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação. (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Não é difícil ouvir, nas passagens acima, o eco da definição durkheimiana de fato social. Como vimos, os fatos sociais se caracterizam por a) não serem do domínio individual, apresentando-se portanto externamente ao indivíduo, como uma propriedade da comunidade; b) regularem a vida social, sendo os membros da sociedade incapazes de atuar sobre eles; c) não corresponderem às suas manifestações isoladas, sendo portanto (por serem comuns à coletividade) de uma natureza mais abstrata que a dessas manifestações.

Ora, ao definir a *langue* e ao distingui-la de seu par dicotômico, a *parole*, Saussure não faz referência direta a Durkheim, mas parece se valer exatamente desses traços: a *langue* é tida como a parte social da linguagem, que não se confunde com suas manifestações individuais (estas definem a *parole*). A *langue* é, ainda, um sistema que existe "em cada cérebro", mas apenas "virtualmente", pois é na verdade um domínio da coletividade, da "massa". Ela é, assim, "exterior ao indivíduo", e a este só cabe registrá-la passivamente, sem espaço para modificações (ele é, portanto, coagido a segui-la). Vemos,

então, que a princípio a definição do objeto central da linguística na proposta de Saussure – a *langue* – acompanha de perto a definição de fato social elaborada por Durkheim.

Saussure, no entanto, vê a *langue* ocupando um lugar único no universo dos fatos sociais, por ela possuir certas propriedades que não são compartilhadas com seus semelhantes. Segundo ele, “A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas.” (SAUSSURE, 2006, p. 88). Isso se dá, em suas palavras, pelo seguinte:

As prescrições de um código, os ritos de uma religião, os sinais marítimos etc., não ocupam mais que certo número de indivíduos por vez e durante tempo limitado; da língua, ao contrário, cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos. Esse fato capital basta para demonstrar a impossibilidade de uma revolução. (SAUSSURE, 2006, p. 88).

Outra particularidade da língua/*langue* frente a outros fatos sociais, segundo Saussure, está na abrangência de sua arbitrariedade. Veja-se:

As outras instituições – os costumes, as leis etc. – estão todas baseadas, em graus diferentes, na relação natural entre as coisas; nela há uma acomodação necessária entre os meios empregados e os fins visados. Mesmo a moda, que fixa nosso modo de vestir, não é inteiramente arbitrária: não se pode ir além de certos limites das condições ditadas pelo corpo humano. A língua, ao contrário, não está limitada por nada na escolha de seus meios, pois não se concebe o que nos impediria de associar uma idéia qualquer com uma seqüência qualquer de sons. (SAUSSURE, 2006, p. 90).

Saussure vai além em suas discussões a respeito das especificidades da língua como fato social – como quando

discute, por exemplo, o papel que o tempo desempenha no par insolúvel língua-massa falante (2006, p. 92-93). No entanto, essas questões não serão exauridas neste trabalho, pois o que vale ressaltar aqui é como uma leitura da obra de Saussure familiarizada com a proposta de Durkheim na sociologia pode trazer à tona pontos de confluência interessantes – um deles sendo a aproximação entre o conceito durkheimiano de *fait social* e a *langue* saussuriana, como se buscou evidenciar aqui.

### 3.1.2 O reconhecimento da ligação

Embora Saussure não faça referências diretas a Durkheim quando define o objeto de estudos da linguística, o vínculo apontado nas páginas anteriores é reconhecido por diversos pesquisadores. Já em 1933, o linguista polonês Witold Jan Doroszewski notava:

Vê-se, em suma, que a *langue* de Saussure não apenas corresponde exatamente ao *fait social* de Durkheim, mas, além disso, que a sua *langue*, meio psíquica, meio física e meio social, exercendo restrições no indivíduo e existindo na consciência coletiva do grupo social, foi de certa forma inspirada nas representações coletivas de Durkheim. (p. 90 apud ALEXANDER, 1988, p. 15).

Doroszewski é seguido por Severo (2007a, p. 57), quando esta afirma que “Os trabalhos de Saussure sofreram influências da teoria sociológica de Durkheim”, e ainda por Collins (2005, p. 131-132), ao especificar que:

Ferdinand de Saussure [...] se baseou em Durkheim ao formular a distinção entre *parole* e *langue* como uma separação entre a prática individual e a língua como um sistema de representações coletivas.

Firth (1957, p. 179) é outro pesquisador a reconhecer a ligação teórica entre o linguista suíço e o sociólogo francês, e vincula de maneira mais forte o pensamento de Saussure à abordagem durkheimiana:

A linguística geral de Saussure está proximamente ligada à sociologia de Durkheim. Sua abordagem teórica pode ser descrita como “estruturalismo durkheimiano”. Saussure, pensando em termos durkheimianos, considerava os fatos sociais como *sui generis*, além de serem externos e de estarem num plano diferente dos fenômenos individuais.

Alexander (1988, p. 4) aponta mais elementos dessa relação de proximidade entre os dois teóricos – embora ele note também que Saussure não é muito explícito quanto a essa relação:

Enquanto Saussure nunca cita Durkheim diretamente [...] os paralelos entre o seu sistema intelectual e o de Durkheim são impressionantes. [...] Assim como Durkheim insistia que os símbolos religiosos não poderiam ser reduzidos à sua base interacional, Saussure enfatizava a autonomia dos signos linguísticos frente a seus referentes sociais e psíquicos. De sua insistência na autonomia cultural Durkheim foi levado a se interessar na dinâmica interna de sistemas simbólicos e ritualísticos. Da ênfase de Saussure na arbitrariedade das palavras seguiu uma concentração semelhante nas estruturas de organização simbólica em si mesmas e por si mesmas.

Vê-se, destarte, que a aproximação entre Durkheim e Saussure baseada apenas em seus textos é não só possível, como já foi reconhecida em diversas ocasiões. É interessante, no entanto, notar que há indícios dessa vinculação também no plano

histórico. Infelizmente sem entrar em maiores detalhes, Alexander e Smith (2005, p. 9) afirmam que

Há boas evidências de que Saussure teria frequentado cursos ministrados por Durkheim em Paris, e que em uma parte significativa se baseou nelas para desenvolver sua linguística estrutural.

Ora, se o contato pessoal entre pesquisadores é um argumento válido para se corroborar a influência de um sobre o outro, o reconhecimento de aspectos da teoria durkheimiana na obra de Saussure se fortalece ainda mais, pois as interpretações elaboradas a partir da análise das duas teorias contam agora com outra fonte de corroboração: a histórica.

Passamos agora à apresentação de Antoine Meillet, com algumas palavras sobre sua vida, obra e importância para a linguística, seguidas da discussão de como o mesmo fato social durkheimiano pode ser contemplado em sua proposta de análise da língua.

### 3.2 MEILLET – BIOGRAFIA E OBRA

Apesar de ter publicado diversos volumes de estudos linguísticos e de ter formado toda uma geração de pesquisadores franceses (na qual se destacam Martinet, Benveniste e Vendryes), a fortuna crítica sobre Meillet é bastante escassa quando comparada à de Saussure. A respeito de sua biografia e de sua carreira acadêmica, contudo, pode-se mencionar o seguinte: Paul Jules Antoine Meillet nasceu na França, em 1866. Sua vida acadêmica começou na Sorbonne, em Paris, instituição em que se graduou em 1885. Nessa época, Meillet fez cursos com Michel Bréal e com Saussure, além de ter tido contato e de ter colaborado com o grupo da *L'Année Sociologique*, a revista fundada por Durkheim.

Em 1890, foi ao Cáucaso e lá permaneceu por um ano, estudando a língua armena. Quando de seu retorno à França, Meillet assumiu a cadeira de estudos indoeuropeus na Escola de

Estudos Avançados de Paris. Em 1897, conclui sua tese, intitulada *Recherches sur l'emploi du génétif-accusatif en vieux-slave* (*Investigações sobre o emprego do genitivo-acusativo em eslavo antigo*). Porém, seu trabalho de maior prestígio seria o livro publicado em 1903, intitulado *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes* (*Introdução ao estudo comparativo das línguas indoeuropeias*), que foi considerado “um dos mais brilhantes exemplos da abordagem saussuriana” (PONCHON, 2005, p. 675).

Em 1906, Meillet assume a cadeira de gramática comparada e de linguística geral no *Collège de France*, ocupada até então por Bréal. Ele trabalhou, ainda, na Sociedade Linguística de Paris e na Academia Francesa de Belas-Artes. Meillet faleceu em 1936, na França, poucos anos depois de se aposentar.

A atuação de Meillet na linguística foi bastante ampla: seus trabalhos passam pela linguística comparativa, pela filologia, pela semântica, pela linguística histórica e pelo estruturalismo saussuriano; nessas áreas, ele estudou línguas germânicas, eslavas, célticas, além do grego e do latim. Em algumas facetas de sua obra, Meillet continua sendo uma referência básica para os estudos linguísticos – em especial, nos estudos da gramaticalização (cf. CASTILHO, 2006; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; GONÇALVES *et al.*, 2009). Em vida, contudo, Meillet se destacou como um grande pesquisador, tendo contribuído ainda, como se disse anteriormente, com a formação de uma série de outros pesquisadores de destaque na área.

Meillet ficou conhecido na história da linguística também por outro aspecto de seu trabalho: a ênfase que buscou dar, em sua concepção de língua e em suas pesquisas, à natureza social da linguagem – e é nesse ponto que podemos observar a influência de Durkheim sobre o linguista.

### 3.2.1 O fato social em Meillet

Segundo Meillet, a linguística que era praticada no seu tempo cometia um sério engano: ignorar a natureza social do sistema linguístico. Isso não significava que toda a investigação

sobre a língua estava comprometida, mas que seria inevitavelmente limitada em suas explicações:

[...] os procedimentos pelos quais se realizam os fatos da língua tornaram-se em parte mais claros, porém as causas que os determinam permanecem obscuras; observa-se melhor como as línguas se desenvolvem, mas continua-se a ignorar quais ações determinam as inovações e as conservações cujo conjunto constitui a história da linguagem. (MEILLET, 1948, p. 232).

A solução para esse impasse, como foi posto anteriormente, era considerar a língua como um fenômeno social, e permitir que fatores do meio social entrem em cena na explicação dos fatos linguísticos:

[...] se o meio no qual evolui a linguagem é um meio social, se o objetivo da linguagem é permitir as relações sociais, se a linguagem é mantida e conservada somente por essas relações, se enfim os limites das línguas tendem a coincidir com aqueles dos grupos sociais, é evidente que as causas das quais dependem os fatos linguísticos devem ser de natureza social. (MEILLET, 1948, p. 232).

Sendo essas as motivações para a defesa de Meillet da face social da língua, resta-nos ver como ele caracteriza esse objeto. Diferentemente de Saussure, Meillet afirma sua ligação à teoria de Durkheim de uma forma muito direta: as referências ao sociólogo são explícitas, e claramente se pode perceber Meillet construindo sua concepção de língua a partir das características fundamentais do fato social durkheimiano. Considere-se o excerto a seguir, muito representativo desse argumento:

[...] a língua é portanto eminentemente um fato social. De fato, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de qualquer um



dos indivíduos que a falam, e, embora ela não tenha nenhuma realidade fora da soma desses indivíduos, ela é, devido à sua generalidade, exterior a cada um desses indivíduos; isso mostra que ela não depende de nenhum deles para mudá-la e que todo desvio individual do uso provoca uma reação; essa reação não tem outra sanção senão a do ridículo a que expõe o homem que não fala como todo mundo; mas, nos estados civilizados modernos, ela vai até excluir dos empregos públicos, por exames, aqueles que não sabem se adequar ao bom uso admitido por um dado grupo social. Os traços de exterioridade ao indivíduo e de coerção pelos quais Durkheim definiu o fato social aparecem portanto na linguagem como a última evidência. (MEILLET, 1948, p. 230).

Nota-se acima uma revisão dos principais traços definidores dos fatos sociais segundo Durkheim: sua exterioridade e independência perante as consciências individuais (“ela é, devido à sua generalidade, exterior a cada um desses indivíduos”), ao lado de seu potencial coercitivo (“o ridículo a que expõe o homem que não fala como todo mundo”). É evidente, em suma, que Meillet pode ser encarado como mais um linguista que se filia a uma visão de social oriunda da sociologia de Durkheim, pautando sua caracterização da língua na noção de fato social formulada por este.

Tal como se fez com Saussure, o vínculo teórico entre Durkheim e Meillet também já foi salientado por outros pesquisadores. Veja-se o que diz, por exemplo, Severo (2007a, p. 46-47):

[...] Meillet adota a perspectiva positivista de Durkheim de que a língua é um fato social, sendo este regrado por normas passíveis de serem sistematizadas, que regulam o funcionamento da linguagem. Assim como a língua, a sociedade opera com base em regras seguidas e aceitas por todos. Caso

haja alguma modificação no sistema já estabelecido, há uma penalidade: o indivíduo, ao produzir uma modificação no sistema da língua, sofre algum tipo de sanção e o que faz com que o grupo social adote o sistema lingüístico sem resistência é justamente o fenômeno da coerção.

Há, além disso, da mesma forma que com Saussure, evidências históricas que ligam Meillet a Durkheim, o que justifica ainda mais a aproximação teórica. Em seus estudos em Paris, Meillet teve contato direto com o trabalho do sociólogo e, segundo Embleton, Joseph e Niederehe (1999, p. xi), "É bem conhecido que o aluno e amigo de Saussure, Antoine Meillet (1866-1936), foi o principal linguista colaborador na revista de Durkheim *L'Année Sociologique*".

### 3.3 O PAPEL DO FATO SOCIAL EM SAUSSURE E MEILLET

Vimos, nas páginas anteriores, quem foram Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet, além de como eles se apropriaram de um mesmo conceito da teoria sociológica de Durkheim em suas discussões acerca da natureza da língua: o conceito de fato social. Desenvolveu-se, assim, um primeiro nível de análise, em que se reconheceram as semelhanças entre a definição durkheimiana e as definições de língua desenvolvidas por Saussure e por Meillet. Avançamos, agora, para um segundo nível de análise: a do papel que a concepção de língua como fato social desempenha na construção das propostas desses linguistas.

Como é de se esperar, a forma como um teórico da linguagem define o seu objeto de estudos tem grandes implicações sobre toda a sua proposta. Assim, para além de reconhecermos a influência de Durkheim sobre as obras de Saussure e Meillet, é interessante levantar algumas das interpretações que já foram sugeridas quanto ao valor desse vínculo para os autores.

Para Barthes (1971), por exemplo, embora a influência de Durkheim sobre Saussure seja evidente, ela não representou um papel muito decisivo no desenvolvimento da linguística saussuriana, haja vista a exclusão que se fez nessa linha de análise de quaisquer fatores sociológicos. Nas palavras de Barthes (p. 26),

O alcance sociológico do conceito Língua/Fala é evidente. Cedo se sublinhou a afinidade manifesta entre a Língua saussuriana e a concepção durkheimiana da consciência coletiva, independente de suas manifestações individuais; postulou-se até uma influência direta de Durkheim sobre Saussure [...]. Esta hipótese perdeu a atualidade, porque a Linguística desenvolveu sobretudo, dentro da idéia da língua saussuriana, o aspecto de "sistema de valores", o que levou a aceitar a necessidade de uma análise imanente da instituição lingüística: imanência que repugna à pesquisa sociológica.

Calvet (2002) também discute as relações que se podem apontar entre as teorias de Durkheim, Saussure e Meillet. Assim como Barthes, Calvet defende ter sido infrutífera a filiação de Saussure ao conceito de fato social, visto que a linguística estrutural permaneceu firmemente ancorada no estudo da língua apenas em suas relações internas, afirmando ainda que em Meillet essa filiação a Durkheim foi mais apropriada. As justificativas que Calvet apresenta para isso, contudo, merecem alguma reflexão:

Diante da precisão com que Meillet definia a noção de fato social, as passagens em que Saussure declara que a língua "é a parte social da linguagem" ou que "a língua é uma instituição social" chocam por sua indefinição teórica. [...] Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que ela é social, enquanto, já vimos, Meillet dá à noção de fato social um conteúdo muito

mais preciso e muito durkheimiano (aliás, ele colaborou regularmente com a revista dirigida por Durkheim, *L'Année Sociologique*). [...] Vemos, então, que o tema da língua como fato social, central em Meillet, é um tema profundamente anti-saussuriano, de modo seguramente inconsciente antes da publicação do Curso, mas consciente depois, e que a história da lingüística estrutural pós-saussuriana se caracteriza por um afastamento constante desse tema. (2002, p. 15-17).

Na passagem acima, Calvet concorda com Barthes em que a lingüística estrutural tenha se afastado de uma concepção social de língua. Entretanto, seu choque pela suposta "indefinição teórica" de Saussure ao caracterizar a *langue* como social e sua afirmação de que o vínculo deste a Durkheim seria "seguramente inconsciente" simplesmente não se sustentam. Como vimos nas páginas anteriores, tanto pela análise do texto saussuriano quanto pela revisão de outros pesquisadores, a filiação de Saussure à sociologia durkheimiana é bastante clara, e é por isso muito improvável que tenha sido inconsciente. Quanto ao argumento de que a apropriação de Meillet do conceito de fato social teria sido mais "precisa" que a de Saussure, isso não pode ser descartado sem um estudo mais profundo da questão, mas deve-se apontar ainda em Calvet que somente o fato de Meillet ter sido mais direto em suas referências a Durkheim e de ter colaborado com a *L'Année Sociologique* não bastam como evidências desse argumento – até porque, como vimos, também Saussure esteve em contato com Durkheim, e não apenas Meillet.

Verifica-se, então, como a crítica de Calvet ao assunto de que vimos tratando neste capítulo peca pela superficialidade, já que desconsidera traços importantes da ligação entre Durkheim e Saussure e se baseia em uma análise um tanto apressada de alguns aspectos históricos para defender que a filiação de Meillet ao sociólogo seria de alguma forma mais "fiel" que a saussuriana.

Puech e Radzinsky (1978; 1988), em oposição às opiniões de Barthes e de Calvet, veem o fato social como um elemento

fundamental na construção das teorias tanto de Saussure quanto de Meillet.

De modo geral, eles veem a admissão da face social da língua como “um verdadeiro *limiar da modernidade* do pensamento linguístico do fim do século XIX, início do século XX” (1988, p. 76). Quanto a Saussure e Meillet especificamente, eles sugerem funções bastante distintas para o conceito de fato social em suas teorias. Em Meillet, segundo eles, o fato social “é ao mesmo tempo um eixo organizador do sistema explicativo e um ponto de difração da análise linguística, constantemente referido a um futuro desejável.” (p. 77). Em outras palavras, a adoção de uma visão de língua como fato social representaria em Meillet uma possibilidade de *abertura* dos estudos do sistema linguístico para a consideração de fatores externos a esse sistema.

Já Saussure, para os autores, utiliza o caráter social da *langue* como ferramenta de restrição da linguística, de delimitação de um objeto de estudos frente à totalidade inerentemente heteróclita da linguagem – operando, ao mesmo tempo, o isolamento dessa nova ciência em relação a outros campos (num movimento semelhante ao de Durkheim na sociologia, como já de salientou). Nas palavras de Puech e Radzynski (1988, p. 79):

[...] o caráter social da língua é para Saussure de preferência um operador teórico mobilizado na “construção do objeto integral da linguística”. Dizer que a língua é um fato social é para ele, em princípio, lembrar-se de que a *langue* é “a norma de todos os fatos de linguagem”, e assim, substituir a ordem sistemática da língua pela confusão empírica dos domínios, pela fascinação da diversidade concreta onde a ciência da linguagem está sempre ameaçada de se dissolver [...].

Logo, enquanto o fato social permitiria a Meillet a abertura da linguística à consideração de fatores sociais, em Saussure esse mesmo conceito se prestaria a um fechamento, a um caminho para a restrição do que pertence ou não à língua (e à linguística, conseqüentemente). Essa interpretação é condizente com o

seguinte aspecto do “social” saussuriano, levantado por Severo (2007a, p. 56):

Nas postulações de Saussure percebe-se que, apesar de considerar a língua como social em sua natureza, ele não está preocupado com uma teoria sociológica da linguagem, que envolva, por exemplo, questões relacionadas ao poder/ideologia. O social diz respeito, puramente, ao sistema lingüístico coletivo existente na mente dos falantes.

De acordo com Cruz (2006), e em consonância ao entendimento de Puech e Radzinsky, a natureza social da língua em Saussure seria um elemento *interno* ao sistema. A afirmação se justifica pelo princípio de arbitrariedade que rege os signos lingüísticos: sendo a língua um sistema semiológico, e sendo o signo um elemento que se compõe de maneira fundamentalmente arbitrária, o sistema só pode ser concebido como um domínio social, que precisa da coletividade para se materializar (p. 111). Assim, por permitir a existência mesma da língua como sistema semiológico, o fator social é encarado como um elemento interno a esse sistema em Saussure.

Pode-se questionar, agora, quão “durkheimiana” foi a opção de Saussure em considerar a língua um fato social, mas estudá-la apenas em suas relações internas, sem levar em conta a sua relação com outros fatos sociais, como faz Meillet.

### 3.4 UM CONCEITO, DOIS OBJETIVOS

É possível aventarmos, e novamente utilizando Durkheim, uma outra interpretação para as diferenças entre as teorias de Saussure e Meillet quanto ao caráter social da língua.

Vimos em Durkheim que um de seus princípios para o estudo dos fatos sociais é que eles sejam considerados somente dentro do próprio domínio social, sem a intervenção de fatores externos a esse domínio. Em outras palavras, a estrutura social explica a si mesma. Esse princípio pode ser lido em conformidade

com o objetivo amplo de Durkheim de emancipação dos estudos sociológicos em relação a outras ciências, já que ele delimita para a área um campo de ação particular e independente dos de outras áreas.

Tendo como base agora o que se discutiu sobre Meillet e Saussure, e lançando a essa discussão um olhar pautado no princípio durkheimiano de isolamento de seu objeto, exposto acima, creio ser possível afirmar que ambos os linguistas seguiram essa premissa do sociólogo, mas em níveis distintos. Vejamos.

Como foi discutido, Meillet filia de modo bastante direto sua concepção de língua à sociologia de Durkheim, conceituando esse objeto com base na definição de fato social deste pesquisador. Em consonância a isso, Meillet propõe que se dê um passo a mais na aproximação da linguística com a sociologia, e afirma que

do fato de que a língua é uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar-se conta da mudança linguística é a mudança social, cujas variações da linguagem não são senão conseqüências, às vezes imediatas e diretas, e com mais frequência "mediadas" e indiretas. (1948, p. 17).

Assim, "a linguística deverá tomar o lugar que sua natureza lhe designa." (p. 18), em função do objeto que lhe cabe estudar: a língua como fato social. Se nos lembrarmos de que, para Durkheim, um fato social deve ser analisado dentro do próprio meio social, através da consideração de outros fatos desse tipo, a inserção da linguística nas ciências sociais proposta por Meillet parece bastante natural: sendo a língua um fato social nos moldes durkheimianos, esta deve ser estudada dentro do domínio imposto ao estudo de todos os fatos sociais: a própria sociedade. A linguística de Meillet, pois, vincula seu objeto e sua principal orientação metodológica à sociologia durkheimiana – e isso acaba por criar uma concepção de linguística como uma ciência não totalmente autônoma, independente.

Em contrapartida, vemos em Saussure uma situação um pouco distinta. Sabe-se que Saussure desempenhou um papel importante na linguística moderna, em um sentido similar ao de Durkheim na sociologia: propondo a diferenciação de sua área em relação a outras ciências, delimitando seu objeto de estudos, seus métodos e seu campo de ação (de onde se poderiam retirar as explicações para as suas análises). Quanto ao objeto da linguística, verificamos que ele, a *langue*, é definido em consonância à noção durkheimiana de fato social, embora, na análise efetiva desse objeto, Saussure priorize somente os aspectos internos ao próprio sistema linguístico – sem cotejá-lo com outros sistemas de natureza social, como preconizava Meillet.

A questão que se coloca frente a esse quadro é a seguinte: como explicar que Saussure não tenha realizado uma filiação da linguística à sociologia de Durkheim semelhante à de Meillet, já que ambos incorporaram em suas teorias a mesma noção de fato social?

Como afirmei acima, talvez seja possível interpretar essa diferença por um mesmo princípio metodológico – o do isolamento do objeto em relação a outros domínios que não o do próprio objeto –, que também remonta a Durkheim, mas considerando-o em planos distintos, e servindo a propósitos epistemológicos também distintos.

Em Meillet, a autonomia da linguística frente a outras ciências não parece ser um objetivo maior a se atingir. Daí que, ao vincular-se a Durkheim, Meillet não tenha tomado para si apenas o conceito de fato social, mas o tenha levado à sua consequência última, segundo a qual ele deve ser analisado em suas relações no domínio social como um todo, e não apenas nas suas regras estritamente internas. Assim, Meillet segue a orientação durkheimiana de isolamento de seu objeto, mas o faz inserindo esse objeto no plano social. Já Saussure parece considerar mais importante que a linguística atinja seu patamar de ciência autônoma e discreta, desvinculada portanto de outras áreas<sup>34</sup>. Dessa forma, ele também se apropria do fato social

---

<sup>34</sup> Essa leitura é corroborada por Figueroa (1994, p. 76), quando esta diz: "Saussure não estava apenas tentando estabelecer a linguística como uma ciência; ele estava



durkheimiano para formular sua *langue*, mas não a subordina ao meio social (logo, também às ciências sociais), e sim aos seus próprios limites – “a língua tomada por si mesma e em si mesma”. Ora, embora esse isolamento da língua não tenha sido feito da mesma forma como o fez Meillet, pode-se dizer que Saussure também seguiu esse princípio, embora o tenha feito num plano diferente – no da *langue* –, de modo a garantir a já citada autonomia da linguística frente a outros campos<sup>35</sup>.

### 3.5 FINALIZANDO

Tendo finalizado esta etapa da pesquisa, em que se apresentaram Émile Durkheim e o conceito de fato social, juntamente à forma como Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet lidaram com esse conceito em suas obras, passamos finalmente à análise propriamente dita da obra de William Labov. Nas páginas seguintes, as discussões elaboradas até aqui servirão de base para a leitura e discussão do texto laboviano, com o intuito já expresso e justificado de levar-nos a conhecer como esse linguista lida com o conceito durkheimiano de fato social em sua teoria e como se poderia situá-lo, através desse aspecto, em relação aos dois outros pesquisadores de que vimos tratando. Espera-se, com todo esse percurso, obter algum avanço na compreensão do que fundamenta e de como se articula o componente social em Labov e na teoria da variação e mudança de modo geral.

---

também tentando estabelecer a linguística como autônoma. Ou seja, os fatos linguísticos seriam explicados por outros fatos linguísticos, em vez de, por exemplo, por fatores psicológicos.”.

<sup>35</sup> E talvez se possa até dizer que foi Saussure quem mais radicalmente adotou esse princípio, pois o levou às suas consequências últimas ao aplicá-lo sobre o próprio sistema linguístico.

## 4 LABOV E O FATO SOCIAL

Temos percorrido, ao longo destas páginas, um caminho que teve início com a identificação de um aspecto ainda pouco esclarecido na teoria da variação e mudança (e talvez, por isso mesmo, bastante criticado): o papel e a natureza da exterioridade ao sistema linguístico (o “social”) na teoria. Com o objetivo de conhecer melhor esse aspecto, esta pesquisa se centra no modo como William Labov, um dos fundadores e principal referência da TVM, teria se apropriado do conceito sociológico de fato social. A pesquisa passa ainda por dois outros linguistas que também se valeram desse conceito em suas caracterizações da língua: Saussure e Meillet. As etapas deste caminho já foram apresentadas e justificadas, e o capítulo anterior lidou com os três pesquisadores cujas obras servirão de base para a análise do texto laboviano a ser realizada neste capítulo: Durkheim, Saussure e Meillet. Agora, finalmente a pesquisa se volta a Labov, buscando identificar como o conceito durkheimiano se faz presente em sua teoria.

Como anunciado no capítulo introdutório, a análise será feita em três momentos distintos: primeiramente, busco reconhecer, na obra de Labov, os traços principais da noção de fato social proposta por Durkheim. Em seguida, a partir dos resultados desse primeiro momento de análise, discuto a importância e o papel do conceito durkheimiano (ou da forma como ele se manifesta em Labov) na teoria desse linguista. A última etapa consiste na discussão de como podemos situar Labov frente aos outros pesquisadores de que tratamos (Saussure e Meillet) pelo eixo do fato social – ou seja, como se poderia relacioná-los a partir da forma como se apropriaram desse conceito em suas obras.

Antes de partirmos para a análise propriamente dita de Labov, no entanto, são necessárias mais algumas delimitações. Isso se deve ao fato de que, em Labov, a caracterização da língua como um fato social não aparece de forma tão direta quanto em Meillet ou mesmo em Saussure. Embora tenha dito recentemente que “A noção de um fato social – de que a língua existe na comunidade exteriormente ao indivíduo – é o nosso

tema central” (2006b, p. 350), são muito poucas as menções explícitas a Durkheim nos textos de Labov, e tampouco se encontra no conjunto desses textos uma seção em que o autor discuta especificamente o modo como julga adequado se apropriar desse conceito em sua teoria.

Assim, a possibilidade de se fazer com Labov uma leitura similar à que se fez com Saussure e Meillet no capítulo anterior se torna inviável. É preciso, então, buscar o conceito de fato social no texto laboviano de uma forma “indireta”, em aspectos particulares de sua teoria que possam se relacionar ao conceito sociológico.

A opção por uma abordagem indireta, todavia, não é em momento algum uma concessão que devemos lamentar. Ela parece, em vez disso, bastante desejável, pois é importante se considerar que esta pesquisa tem como objetivo amplo não apenas estabelecer uma comparação entre Labov e Durkheim, mas sugerir discussões mais abrangentes acerca da teoria desenvolvida pelo linguista. Logo, se a análise do fato social em Labov se mostrar como via de acesso a essas discussões, e não exatamente como um fim em si mesmo, tanto melhor para o cumprimento daquele objetivo geral<sup>36</sup>.

A primeira etapa desta análise é encaminhada, portanto, tomando-se o conceito durkheimiano de fato social e as suas características básicas como *ponto de partida* para a discussão de alguns aspectos da obra de William Labov. Contudo, deve-se levar em conta que esta ainda é uma etapa de caráter comparativo; por isso, busco apreender, em Labov, como se manifestam a exterioridade, a generalidade e a coerção típicas dos fatos sociais segundo Durkheim, reformulando-as como

---

<sup>36</sup> A defesa feita aqui por uma abordagem indireta à noção de fato social em Labov parece se chocar com o tratamento mais “direto” dado a Saussure e a Meillet no capítulo anterior. De fato, seria interessante oferecer a mesma abrangência e complexidade ao estudo destes últimos, buscando-se o desdobrar da noção de fato social em suas obras não só pelo que os autores afirmam de forma direta, mas pelo modo como guiam, efetivamente, seus estudos linguísticos. Deve-se lembrar, contudo, que o foco principal desta dissertação é a teoria de William Labov, e não a dos demais linguistas. É por esse motivo, então, que a estes não pôde ser dedicado o tempo e a profundidade que se pretende dar àquele, e porque se considera adequado, para os efeitos desta pesquisa, o tratamento que lhes foi dado anteriormente.

tópicos da proposta laboviana sobre os quais se podem fazer algumas reflexões. Como já se disse, ao final teremos um quadro de como Labov se apropriou do conceito durkheimiano em sua obra, mas teremos aproveitado o percurso para apontar e discutir uma série de aspectos que envolvem essa teoria.

Conforme sabemos, são fatos sociais segundo Durkheim aqueles conjuntos de regras ou de costumes que são externos ao indivíduo e que lhe regulam suas possibilidades de ação. Eles pertencem a toda uma comunidade, ao mesmo tempo em que não pertencem a seus membros individuais. Essa sorte de fatos tem ainda a propriedade de ser de natureza diversa à de suas manifestações individuais (são um tipo de abstração, portanto). É próprio do estudo dos fatos sociais, finalmente, que eles sejam explicados por suas relações com outros fatos sociais.

O estudo dessas características em Labov se dará da seguinte forma: discutiremos inicialmente o argumento básico da proposta laboviana de que a língua é um objeto de natureza social, e não individual. Em seguida, discutiremos como, apesar dessa centralidade do social frente ao indivíduo, este ainda aparece em determinados pontos da teoria, e como isso pode ser interpretado.

O próximo ponto de discussão será o princípio laboviano de que as línguas devem ser estudadas não apenas em suas relações internas, como defendiam os estruturalistas, mas em seu contato com fatores sociais, culturais e estilísticos. Veremos, contudo, que apesar do destaque que esse princípio tem na teoria, ele também pode ser relativizado frente à importância dos fatores internos nos estudos da estrutura e da mudança linguísticas.

Em seguida, abordaremos o modo pelo qual a generalidade e exterioridade dos fatos sociais se manifestam na proposta de Labov – em especial no conceito de gramática da comunidade defendido pelo autor. Trataremos ainda, a esse respeito, do estatuto ontológico de tal gramática em relação ao aparato linguístico dos membros de uma comunidade, juntamente com uma discussão a respeito da forma como Labov diferencia as possibilidades de acesso ao significado social que se vincula às formas linguísticas, pelos diferentes segmentos da comunidade.

Buscando elucidar como se nota a coerção dos fatos sociais em Labov, discutiremos até que ponto sua teoria contempla a possibilidade de ação da língua sobre a comunidade e, também, da comunidade sobre a língua. Encerrando esta primeira etapa da análise, defenderemos o significado social das formas linguísticas como o mediador desses dois sentidos de ação.

#### 4.1 A PRIMAZIA DO SOCIAL

Já foi apontado que os fatos sociais se caracterizam por pertencerem não ao indivíduo, mas a toda uma comunidade. Ora, uma primeira aproximação que se pode fazer entre essa característica e a teoria laboviana se encontra num ponto basilar da teoria: a primazia da natureza social da língua em relação ao indivíduo como base para os estudos linguísticos.

Desde o ensaio publicado em coautoria com Weinreich e Herzog, em 1968, Labov defende que a natureza social da língua seja incorporada aos estudos da mudança e da estrutura linguísticas. Pode-se dizer mesmo que o argumento básico dos autores neste ensaio é justamente a afirmação de que a língua não pode ser concebida ou estudada a partir do indivíduo, mas somente a partir de sua face social. Para justificar esse argumento, extensas análises da obra de Hermann Paul, Saussure, Bloomfield, Chomsky e Halle são apresentadas ao leitor, desqualificando os estudos da mudança linguística que levam em conta apenas o idioleto. Por exemplo, ao tratarem dos linguistas do século XIX, e em especial de Hermann Paul, Weinreich, Labov e Herzog dizem:

Os teóricos desse período se esforçaram por mostrar que a coerência do comportamento linguístico [...] podia ser derivada de princípios mais gerais, de preferência psicológicos. O ápice dessa investigação foi atingido por Hermann Paul, que desenvolveu a idéia de que a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e

a regularidade da mudança. (2006 [1968], p. 39).

A centralidade do indivíduo e do idioleto na linguística, segundo os autores, se justificava na crença de que essa era a única forma pela qual se poderia delimitar um objeto plenamente estruturado e homogêneo para a área. Acreditava-se que, ultrapassando o idioleto como objeto de análise, o linguista logo se perderia em meio à variabilidade da língua. Esta, considerada aleatória, errática, comprometeria a exigência teórica de sua estruturalidade. Os autores se colocam fortemente contra esses princípios e contra a concepção “individualista” de língua e de mudança linguística, pleiteando um estudo da língua que a considere um sistema inerentemente social. Eles defendem, em suma, que

um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência lingüística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança lingüística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a lingüística histórica vem lutando há mais de meio século. (2006 [1968], p. 34).

Sendo esta uma premissa básica da teoria de Labov, não é difícil encontrar referências à prioridade do social sobre o individual no estudo da língua em outras de suas obras. O texto de *Padrões sociolinguísticos* (LABOV, 2008 [1972]), por exemplo, tem início justamente com a defesa do caráter social da língua e da necessidade de que a linguística reconheça esse caráter: “Por vários anos, resisti ao termo *sociolingüística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática lingüística bem-sucedida que não é social.” (p. 13).

Na mesma obra, Labov discute a história dos estudos da mudança linguística até a época de sua primeira publicação, na década de 1970. Segundo ele, “[...] os lingüistas históricos adotaram e defenderam com vigor uma política inteiramente associal no último meio século.” (2008 [1972], p. 301). O autor

aponta também alguns teóricos que se posicionaram contrariamente a esse padrão, defendendo uma visão social de língua. Ele propõe a seguinte classificação:

Assim, os lingüistas parecem, a esse respeito, formar dois grupos principais. O grupo A, o grupo "social", presta maior atenção aos fatores sociais para explicar a mudança; vê as funções expressivas e diretivas da língua como intimamente entrecruzadas com a comunicação de informação referencial; estuda a mudança em progresso e vê mudança em andamento refletida nos mapas dialetais [...]. Os lingüistas do grupo B, o grupo "associal", se concentram em fatores puramente internos – estruturais ou psicológicos – para explicar a mudança; separam a comunicação afetiva ou social da comunicação de "idéias"; acreditam que a mudança sonora em progresso não pode ser estudada diretamente e que os estudos das comunidades e dos mapas dialetais não mostram mais do que os resultados do empréstimo dialetal; assumem a comunidade homogênea e monolíngüe como típica [...]. (2008 [1972], p. 305-306).

De acordo com Labov, seriam membros do grupo B (o grupo associal) Paul, Bloomfield, Chomsky e Halle, enquanto pesquisadores como Meillet, Vendryes, Sturtevant comporiam o grupo A. Ainda seguindo a exposição de Labov, foi a concepção associal de língua que vigorou nas pesquisas do século XIX e da primeira metade do século XX. Entre as razões para isso, segundo o autor, está o fato de que

Em suas relações com outras disciplinas, os lingüistas tradicionalmente têm se inclinado para o lado da psicologia, mais do que da sociologia. A estrada entre linguagem e pensamento já está bem palmilhada; psicólogos da linguagem sempre apareceram

de modo proeminente na literatura lingüística, de Wunst e Paul até Bühler e Jean Piaget. Em contrapartida, a influência de Émile Durkheim sobre Meillet parece ter sido um acidente histórico que não se repetiu. (2008 [1972], p. 309).

É interessante na citação acima como Labov reconhece a influência de Durkheim sobre Meillet, deixando de apontar que esse “acidente histórico” também se repetiu com Saussure. No entanto, importa aqui salientar que o projeto de Labov com sua lingüística é justamente interromper esse histórico de estudos centrados em uma concepção de língua como propriedade do indivíduo<sup>37</sup>.

Uma das razões para o descarte do indivíduo como *locus* das análises lingüísticas pretendido por Labov seria a falta de sistematicidade encontrada na produção dos falantes individuais. Para o autor, a gramática do indivíduo não fornece as bases necessárias para um estudo coerente da língua; ela só pode ser compreendida quando posta em relação a um sistema maior, forçosamente social, coletivo:

Os métodos de análise quantitativa foram aplicados ao problema de descrever a estrutura fonológica da comunidade em seu conjunto, enquanto oposta à fala dos indivíduos. De fato, descobriu-se que a fala da maioria dos indivíduos não formava um sistema coerente e racional, sendo marcada por numerosas oscilações, contradições e alternâncias, inexplicáveis em termos de um único idioleto. [...] Mas quando a fala de qualquer pessoa em qualquer contexto dado foi comparada com o padrão geral da variação social e estilística da comunidade, seu comportamento lingüístico se apresentou

---

<sup>37</sup> Labov afirma, inclusive, que não só a lingüística se beneficiaria dessa mudança em seus princípios teóricos, mas também a própria sociologia: “Se levarmos a sério o conceito de língua como uma forma de comportamento social, fica evidente que qualquer avanço teórico na análise do mecanismo da evolução lingüística contribuirá diretamente para a teoria geral da evolução social.” (2008 [1972], p. 150).



como altamente determinado e altamente estruturado. (2008 [1972], p. 153).

Outra razão por que Labov defende o abandono do idioleto e também das intuições linguísticas dos indivíduos como fonte para os estudos da língua está, de acordo com ele, na disparidade que se verifica entre o que um falante julga fazer parte de seu repertório linguístico e o que de fato se percebe em sua produção. Nas palavras de Labov:

[...] o extraordinário consenso na reação subjetiva à fala dos outros não corresponde a uma percepção acurada da produção linguística do próprio informante. Pelo contrário, os informantes identificavam sua própria fala com aquelas normas subjetivas que governavam a direção da variação estilística. [...] Evidencia-se desse modo que o falante nova-iorquino percebe sua própria intenção fônica, em vez de perceber os sons reais que produz [...]. (2008 [1972], p. 161).

Os livros mais recentes de Labov (*Principles of linguistic change*, volumes 2 e 3, datados de 2001 e 2010 respectivamente), também são bastante claros nessa recusa do indivíduo como objeto linguístico. Já na introdução da obra de 2001, Labov faz questão de salientar a continuidade desse princípio básico, mantido desde o ensaio de 1968: “Esta abordagem dá continuidade ao programa avançado por Weinreich, Labov e Herzog (1968), centrado no conceito de que a comunidade de fala e não o idioleto é o objeto principal da investigação linguística.” (2001, p. 34). Na mesma introdução, o autor levanta ainda mais razões para justificar sua opção pela comunidade como o *locus* da gramática:

A análise linguística não pode reconhecer gramáticas ou fonologias individuais. Regras ou restrições individuais não têm interpretação e não contribuem em nada para atos de comunicação. Nesse sentido, o indivíduo não

existe como um objeto linguístico. (2001, p. 34).

O mesmo argumento é defendido anos depois, na publicação mais recente de Labov:

O dogma central da sociolinguística é que a comunidade é anterior ao indivíduo. Isso significa que, na análise linguística, o comportamento de um indivíduo só pode ser entendido através do estudo dos grupos sociais dos quais ele ou ela é um membro. (2010, p. 7).

Percebe-se, pois, que, nessa relação entre indivíduo e comunidade, a linguística de Labov parece caminhar de mãos dadas com a sociologia durkheimiana, já que ambas se erguem sobre o “dogma central” de que o estudo da comunidade tem primazia sobre o estudo do indivíduo – e, como vimos, esse dogma é uma constante na teoria laboviana desde sua fundação, há mais de quatro décadas.

#### 4.1.1 O lugar do indivíduo

A seção anterior procurou demonstrar a ênfase dada por Labov à dimensão social das línguas, bem como a alguns dos argumentos que o autor apresenta para que se deixem de lado, nos estudos linguísticos, a gramática e as intuições dos indivíduos que falam essas línguas. Em suma, nas palavras de Labov em entrevista recente, “[...] o indivíduo não existe como uma unidade no arcabouço que estamos abordando.” (2006b, p. 341).

No entanto, pode-se afirmar ainda que, apesar de esse argumento ser tão explicitamente defendido, o indivíduo não foi completamente apagado em Labov, sendo possível reconhecê-lo em diferentes momentos e aspectos de sua teoria. Logo, esta seção se preocupará em discutir que lugar o indivíduo de fato ocupa na linguística laboviana.

Podemos refletir sobre essa questão em dois níveis distintos: considerando, em primeiro lugar, como a teoria se

posiciona em relação ao indivíduo e à comunidade e, em outro momento, como esse indivíduo pode ser reconhecido nos estudos efetivamente realizados por Labov.

No ensaio de 1968, por exemplo, pode-se dizer que o indivíduo é deixado de lado nesses dois níveis: Weinreich, Labov e Herzog não só defendem um tratamento da língua como propriedade coletiva, mas também não apresentam análises em que se possa argumentar a favor da presença do indivíduo na abordagem<sup>38</sup>.

Já nos *Padrões sociolinguísticos*, de 1972, embora a argumentação em nome do aspecto social da língua em detrimento do individual ainda se verifique, podem-se observar exemplos mais concretos em que o falante individual é utilizado para a construção da teoria de Labov. No terceiro capítulo do livro, por exemplo, Labov discute as diferenças no espectro de variação estilística de falantes específicos da cidade de Nova Iorque. Por exemplo:

O caso da sra. Doris H., 39, é típico. É negra, criada em Staten Island, ensino secundário completo. Seu marido é policial em Nova York. A sra. H. exibiu um amplo espectro de comportamento estilístico, desde as respostas cuidadosas, equilibradas e altamente organizadas no contexto B até arroubos repentinos de humor espontâneo que a caracterizaram como uma pessoa cheia de sagacidade e charme. (2008 [1972], p. 130).

Nesse exemplo, vemos que, apesar de a comunidade ser o *locus* da análise laboviana, o indivíduo também tem algum espaço. A forma como Labov responde a esse encaminhamento metodológico em seus estudos, no entanto, é sempre fazendo a ressalva de que as discussões sobre indivíduos são pertinentes

---

<sup>38</sup> É importante lembrar, ao tratar-se desse ensaio, que ele é um texto de caráter argumentativo bastante forte, e que, à época de sua publicação, defendia modificações sérias na forma como se deveriam estudar os sistemas linguísticos. Assim, o texto não se volta com muita profundidade à descrição de estudos particulares, o que pode influenciar essa percepção de que o indivíduo não ocupa um papel perceptível.

apenas porque estes se mostram bons representantes de um comportamento geral à sua comunidade (ou então por serem muito desviantes desse comportamento), e não porque a análise desses falantes seria, por si, apropriada: “Os três nova-iorquinos examinados até aqui são representantes típicos da comunidade de fala em sua preocupação com a língua e sua rejeição explícita do vernáculo da cidade de Nova York.” (2008 [1972], p. 131).

Três décadas após a publicação de *Padrões sociolinguísticos*, Labov publica um estudo que lança ainda mais controvérsia sobre o par indivíduo-sociedade em sua teoria: o segundo volume de sua série *Principles of linguistic change*, cujo objetivo, nas palavras do autor, é buscar “as causas da mudança linguística mediante uma busca pela localização social dos líderes da mudança.” (2001, p. 35). Essa busca é feita, ao longo dos capítulos do volume, pelo isolamento progressivamente mais detalhado do perfil dos grupos cujo comportamento em relação às mudanças estudadas por Labov se mostrou mais avançado, até o ponto em que o autor chega a alguns poucos falantes individuais, fornecendo ao leitor uma breve biografia de cada um e alguns exemplos que atestam seu padrão de não-conformidade a determinados padrões sociais – forte o suficiente para os tornarem inovadores mas não tanto que os excluam do convívio de suas redes sociais.

Embora grande parte dessa obra seja dedicada a essa busca por indivíduos, na teoria Labov segue defendendo a soberania do coletivo frente ao individual. Em suas palavras,

Este foco no indivíduo não é inconsistente com o argumento de meu estudo de 1966 em Nova Iorque de que o comportamento do falante individual não pode ser compreendido até que o padrão sociolinguístico da comunidade como um todo seja delineado. Esta investigação não é uma busca por indivíduos, mas por localizações sociais e tipos sociais. (2001, p. 33).

Segundo Labov, buscam-se perfis, buscam-se lugares sociais, portanto, e não exatamente indivíduos. No entanto, aparentemente esse objetivo não pode ser cumprido sem que o

analista se volte a alguns falantes específicos. É assim que os dois níveis mencionados anteriormente se fazem perceber: embora a teoria de Labov seja muito constante no argumento da inferioridade do indivíduo frente ao grupo, nas análises de fato a importância dele parece ter sido ampliada com o tempo. Da total negação da relevância do falante individual para a linguística na década de 1960, o indivíduo passa a ocupar o posto de representante de certos comportamentos coletivos alguns anos depois, e em 2001 torna-se um elemento indispensável ao desenvolvimento da teoria laboviana.

Um ponto que pode ser levantado a favor de Labov, buscando compreender-se essa aparente contradição entre o que o autor afirma sobre o indivíduo e a importância que este tem em alguns de seus estudos, está no entendimento que esse linguista demonstra ter do que seja o fazer científico. Em diversos momentos de sua obra, Labov atribui um valor maior às empresas investigativas que se dedicam a estabelecer padrões, a descrever o funcionamento geral de seus objetos. Sua ciência não tem interesse no particular, no transitório. É uma ciência, pois, que busca princípios gerais, explicações tão abrangentes quanto possível para os fenômenos que analisa. Nas palavras de Labov, "Como em qualquer outra investigação, o valor de uma explicação depende de seu poder de generalização, mas somente na medida em que se apóie em evidências confiáveis e reproduzíveis." (2008 [1972], p. 194).

Outro exemplo dessa orientação se vê quando Labov discute a pertinência dos estudos sociolinguísticos centrados em redes sociais:

O estudo de redes sociais é um passo bem-vindo no afastamento do foco no indivíduo. Mas a menos que as redes sociais que estudamos estejam firmemente situadas na comunidade de fala mais ampla que gera o seu uso linguístico, estaremos dizendo cada vez mais sobre cada vez menos. (2006a, p. 400).

Desse modo, embora se reconheça a presença do indivíduo nas pesquisas de Labov, pode-se notar como de fato seu trabalho na linguística ainda se pretende voltado ao estabelecimento de descrições amplas do funcionamento e da mudança nas línguas. Mesmo que o falante individual por vezes não se permita apagar, a linguística de Labov se afasta da análise do idioleto ou da interação entre alguns poucos falantes. O indivíduo é, pois, um meio (do qual às vezes Labov parece não se orgulhar) para que o pesquisador consiga atingir seus fins. Nas palavras do linguista, "Nós estudamos indivíduos porque eles nos fornecem os dados para descrever a comunidade; mas o indivíduo não é propriamente uma unidade linguística." (2006b, p. 341).

Outros olhares já foram lançados especificamente para o papel do indivíduo em Labov. Severo (2004), por exemplo, aborda esse tema, e aponta três instâncias em que a teoria laboviana se abriria para domínio do individual. Essas instâncias seriam a "mudança em tempo aparente e em tempo real, com ênfase nos estudos do tipo painel", "a dimensão da avaliação dos processos de variação, que inclui a noção de consciência do falante" (p. 1) e a relação da noção de variáveis sociais e estilísticas com o indivíduo.

O primeiro ponto diz respeito ao par metodológico da abordagem laboviana "estudo do tipo tendência" (*trend study*) e "estudo do tipo painel" (*panel study*)<sup>39</sup>. De acordo com Severo (2004, p. 9), os dois tipos de estudos são uma via pela qual se pode observar a entrada do indivíduo na teoria laboviana. Nas palavras da autora,

ao postular que o modelo de pesquisa sociolinguística deve levar em conta tanto estudos tipo painel como tipo tendência,

---

<sup>39</sup> Os termos são, segundo Labov (1994, p. 75) retirados da sociologia, e trata-se de técnicas para o estudo longitudinal da mudança linguística em uma comunidade de fala. A diferença entre elas está em que, nos estudos do tipo tendência, "Nós enumeramos a população geral da mesma forma, selecionamos a amostra da população da mesma forma, obtemos os dados e os analisamos da mesma forma – mas *x* anos depois." (1994, p. 76). Já nos estudos do tipo painel, localizam-se "[...] os mesmos indivíduos que foram os sujeitos do primeiro estudo, e monitoram-se quaisquer mudanças em seu comportamento submetendo-os ao mesmo questionário, entrevista ou experimento." (1994, p. 76).

Labov parece colocar em pé de igualdade o indivíduo e a comunidade de fala nos estudos em tempo real. Nesse caso, a supremacia da sociedade frente ao indivíduo parece se atenuar.

O segundo ponto mencionado por Severo é o da avaliação das formas linguísticas por uma comunidade. Para a autora, “Esse problema diz respeito ao nível de consciência social em relação às formas em variação ou em mudança – se são de prestígio ou não” (p. 9), e nisso, segundo ela, “fica claro o lugar do indivíduo, no que diz respeito às atitudes que compartilha frente à língua” (p. 12).

Ao discutir a presença do indivíduo em relação à variação social e estilística, a autora conclui: “[...] enquanto a variação social está centrada na comunidade de fala, especialmente no grupo estratificado, a variação estilística está centrada no indivíduo.” (p. 11). Isso se deve, segundo ela, ao fato de que, por a variação estilística envolver diferenças no grau de atenção prestado à fala, ela permite ao falante “[...] fazer avaliações subjetivas, portanto no nível da consciência, sobre as formas variantes” (p. 11).

A análise da autora é aqui apresentada de maneira panorâmica, e há alguns pontos de sua leitura que mereceriam uma discussão mais alongada, como o aparente nivelamento que se nota entre as noções de subjetividade e consciência em Labov. Entretanto, pode-se já depreender, tanto do estudo de Severo quanto dos outros argumentos levantados nesta seção, que a sociedade em Labov é constantemente colocada em um nível superior ao do indivíduo – muito embora este nunca esteja apagado de forma completa nos seus estudos. Isso, como vimos, aproxima bastante a obra de Labov à sociologia durkheimiana, e permite que continuemos investindo na busca por outros pontos de contato entre os pesquisadores.

## 4.2 A ABERTURA PARA O EXTRALINGUÍSTICO

Vimos, no capítulo anterior, como um mesmo princípio da sociologia durkheimiana foi adotado de maneira distinta por Ferdinand de Saussure e por Antoine Meillet. Durkheim, delimitando o campo de ação dos estudos sociológicos, preconizou que os fatos sociais fossem estudados sempre dentro do próprio domínio social, sem que se lhes buscassem explicações a partir de outros campos, como o psicológico. Meillet, ao incorporar à sua linguística a visão de língua como fato social, avançou à conclusão de que, por serem dessa natureza, as línguas deveriam ser estudadas não apenas em suas relações internas, mas em confronto com a realidade social de que faziam parte. Já Saussure, também adotando o conceito durkheimiano de fato social, parece ter optado por um isolamento mais forte da linguística em relação a outros campos do saber, e construiu uma proposta de estudo da língua que não a explorava em seu contato com outros fatos sociais, mas puramente nas relações que se estabeleciam internamente, entre os próprios signos linguísticos.

Agora, resta-nos ver como William Labov lidou com esse princípio em sua linguística. Ora, conforme discutido no início deste trabalho, um ponto fundamental na teoria laboviana é justamente o de que o estudo das línguas deve ir além das considerações puramente internas (restritas ao próprio sistema linguístico) e incorporar a análise de fatores advindos da estrutura social em que esse sistema se manifesta. Esse argumento é também defendido desde muito cedo nos textos do autor. Veja-se no ensaio de 1968 (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), por exemplo, como a proposta de Saussure é avaliada negativamente por seu isolamento do sistema linguístico frente ao domínio social:

Tem se enfatizado muito que, ao distinguir a fala [*parole*] da língua [*langue*], Saussure rompeu com o psicologismo característico do pensamento neogramático: ele via a língua como social e a fala como individual. Entretanto, observemos que Saussure nada



tem a dizer de concreto sobre a comunidade como a matriz do desempenho da fala individual. [...] Não vemos nenhum indício de que Saussure tenha progredido para além de Paul em sua capacidade de lidar com a língua como fato social; para ele, a precondição para lidar com a língua como fenômeno social era ainda sua completa homogeneidade. (2006 [1968], p. 56).

Mesmo Meillet, cuja visão de língua como fato social é constantemente valorizada nos textos de Labov, parece não ter levado sua proposta a cabo satisfatoriamente para os autores:

Quando ele se aventurou numa exploração concreta de fatores sociais, foi no domínio “tranquilo” da mudança lexical [...]; mesmo ali, ele lidou com o passado remoto, e o único processo socialmente determinado que considerou foi a formação de vocabulários comerciais especializados e a introdução de palavras na circulação geral. (2006 [1968], p. 114-115).

Os autores mencionam em seu ensaio também outros pesquisadores que, de uma forma ou de outra, se dedicaram ao estudo de fatores sociais em ligação aos estudos linguísticos, mas acabam por qualificar essas tentativas como equipadas de um “sociologismo amadorístico” (2006 [1968], p. 116).

Weinreich, Labov e Herzog defendem, portanto, que se inaugure um modo de investigação linguística que leve em conta, sistemática e rigorosamente, a influência de fatores externos sobre a estrutura e sobre a mudança das línguas, juntamente aos internos. Os autores negam, assim, o poder explicativo de teorias (como a estruturalista e a gerativista) que fundamentam suas análises tão-somente nas relações entre elementos do sistema linguístico. Em suas palavras:

Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Explicações

confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico. (2006 [1968], p. 126).

Em *Padrões sociolingüísticos*, de 1972 (LABOV, 2008), o autor ratifica o argumento:

Uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança ocorre num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação. [...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (2008 [1972], p. 20-21).

Como este é um ponto que perpassa toda a obra do linguista e que em grande medida a caracteriza, são abundantes os excertos em que Labov defende a abertura dos estudos da língua para a consideração de fatores externos a ela. Apresentando mais um exemplo, no texto de 2001, vemos:

Decorre daí que as forças ativas em mudanças qualitativamente novas incluem fatores sociais, e que qualquer esforço para explicar a instauração da mudança por argumentos puramente internos falhará em um grau significativo. (2001, p. 322).

É interessante mencionar que os fatores externos ao sistema lingüístico considerados por Labov em seus estudos são de duas ordens: sociais e estilísticos. Alguns dos fatores sociais tipicamente controlados são classe socioeconômica, sexo, idade e

etnia, enquanto a variação estilística lida com a atuação dos diferentes contextos de uso da língua, os quais provocam, nos falantes, diferentes graus de automonitoramento da fala. Em Labov (2010), contudo, o autor oferece uma nova distinção para os fatores externos considerados por sua abordagem: os fatores que até então eram rotulados como *sociais* agora se desdobram em *sociais* e *culturais*. De acordo com Labov (2010, p. 4):

*Fatores sociais* designarão os efeitos da interação linguística entre membros de grupos sociais específicos, incluindo o reconhecimento desses efeitos por membros e não-membros. *Fatores culturais* designarão a associação da mudança linguística com padrões sociais mais amplos que são em parte, se não totalmente, independentes da interação face-a-face.

Retomando o objetivo de ler o texto laboviano a partir da proposta de Durkheim, pode-se concluir desta seção, em poucas palavras, que é novamente possível reconhecer-se o eco do sociólogo na linguística de Labov: a língua, concebida como um fato social, não pode ser compreendida considerando-se apenas seus elementos internos; o pesquisador deve olhar além dos limites do sistema e buscar influências de outros fatores sobre o seu desenvolvimento. Este é um princípio importante da obra de Labov, e nos serve não apenas como mais um ponto de contato entre o linguista e Durkheim, mas como um importante meio de compreendermos a já discutida relação entre Labov, Saussure e Meillet – um ponto a ser retomado posteriormente.

#### 4.2.1 A importância dos fatores internos

Embora a abertura da linguística laboviana a fatores externos à língua seja um ponto definidor dessa teoria, ainda é possível relativizarmos seu papel, de forma semelhante a como fizemos anteriormente com o lugar do indivíduo frente à comunidade. Essa possibilidade de discussão se abre devido ao fato de ser perceptível na obra de Labov que, apesar de o autor

constantemente defender a consideração de fatores externos ao sistema linguístico para uma compreensão mais adequada da variação e da mudança nesse sistema, ele não permite que a importância de outra sorte de fatores seja ofuscada: a dos internos ao sistema. Vejam-se, nesse sentido, as palavras de Labov (2008 [1972], p. 326):

Podemos identificar pelo menos cinco problemas diferentes relacionados à explicação da mudança linguística (Weinreich, Labov & Herzog 1968), mas nem todos eles estão relacionados ao quadro social da mudança. [...] Deve ficar claro, pois, que uma compreensão plena da mudança linguística exigirá várias investigações que não estão intimamente ligadas ao quadro social, assim como outros estudos que mergulhem na rede dos fatos sociais.

Assim, o social desempenha um papel importante no estudo da mudança, mas não é apenas ele que pode explicá-la por completo; o linguista deve continuar apegado, também, à análise dos mecanismos puramente internos, estruturais, da língua. Essa importância que Labov dirige ao estudo da língua sem um contato obrigatório com a realidade social pode ser interpretada como uma manifestação do já mencionado desejo desse pesquisador de desenvolver uma teoria linguística que ainda esteja ligada à abordagem “padrão” da área. Se, de acordo com Labov (2008, p. 241), “O estudo da língua em seu contexto social abrange a mesma gama de problemas linguísticos de outras abordagens da teoria linguística”, é importante não se manter muito afastado dessas abordagens, e não ignorar os mecanismos da língua que atuam sem a interferência de fatores externos.

Labov aponta ainda outro argumento que podemos vincular a esse retorno à importância dos mecanismos internos da língua: trata-se da própria formação do linguista, que lhe prepara melhor para o trabalho justamente com esse tipo de mecanismo, e não tanto com outros:

A subdivisão em cinco componentes por Weinreich, Labov e Herzog (1968) reconhece a predominância de fatores internos em dois (o problema das restrições e o da transição), fatores externos em dois (avaliação, atuação), e um que olha para ambos os lados (encaixamento). Apesar disso, é natural que a maioria das discussões linguísticas será focada nos fatores internos, já que *os linguistas estão mais bem equipados para lidar com fatores estruturais e articulatórios* [...], e que os fatores sociais não têm mostrado o mesmo grau de sistematicidade. (2001, p. 261, grifos meus).

Indo além de questões mais pragmáticas, como essa, é importante chamar a atenção para outro aspecto da teoria laboviana que toca na relação entre os fatores internos e os externos nos estudos linguísticos. Trata-se do fato de que, segundo Labov, apesar de haver um certo grau de interação entre a estrutura linguística e a social, essa relação, no fim das contas, não seria tão ampla ou tão forte assim. Em Labov (2008 [1972], p. 290), vemos um excerto bastante claro nesse sentido:

Ao falar do papel de fatores sociais que influenciam a evolução lingüística, é importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua. A estrutura lingüística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras lingüísticas estão bastante distantes de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear.

Ou, em palavras mais breves (LABOV, 2008 [1972], p. 291), "No que diz respeito ao aspecto sincrônico da estrutura da língua, seria um erro pôr demasiada ênfase nos fatores sociais."

No volume dedicado exclusivamente aos fatores sociais da série *Principles of linguistic change* (LABOV, 2001), o mesmo argumento é apresentado, numa seção curiosamente intitulada *The narrow interface between language and society* (*A estreita interface entre língua e sociedade*):

Em um momento do desenvolvimento da sociolinguística, não era incomum os pesquisadores sugerirem que os aspectos sociais e linguísticos da língua fossem coextensivos, no sentido de que cada elemento linguístico tinha um aspecto ou avaliação social. Contudo, a situação de fato parece ser o contrário. Em sua maior parte, a estrutura linguística e a estrutura social são domínios isolados, que não atuam um sobre o outro. (2001, p. 28).

Ora, o que o leitor desses excertos da obra de Labov é levado a concluir é que, em certa medida, o sistema linguístico segue um caminho próprio, regulado apenas por suas forças internas – sendo, portanto, autônomo em relação às forças sociais. Vemos que essa parece ser uma conclusão plausível acerca da proposta de Labov, quando consideramos, por exemplo, o seguinte excerto:

Na medida em que princípios linguísticos gerais se aplicam, eles formam a tendência subjacente natural, ou talvez o vento predominante, para as mudanças agora em progresso. Dada a motivação social suficiente ou pressões linguísticas contrárias, movimentos retrógrados podem ser postos em ação, assim como um barco pode se ajustar ao vento. (2001, p. 499).

Assim, pode-se inferir que, para Labov, a língua (e, em especial, a mudança linguística) segue seu próprio curso, sendo guiada principalmente por seus princípios internos, e que, em alguns (poucos) pontos, forças externas ao sistema teriam o poder de agir sobre esse curso, redirecionando o que, de outra

maneira, correria naturalmente – uma conclusão que põe em outra perspectiva a sempre presente defesa, por parte desse pesquisador, da face social da língua.

Além disso, é perceptível em Labov a consequência da ideia exposta acima: a de que o linguista deve se dedicar primeiramente a elucidar os aspectos internos de um fenômeno linguístico, para então, se necessário, buscar motivações externas. Veja-se o excerto a seguir, bastante ilustrativo desse ponto, em que Labov discute o abaixamento de uma vogal na fala de Chicago: “*Na ausência de uma explicação estrutural, esse movimento só pode ser atribuído a uma projeção de valores sociais sobre o processo fonético.*” (2001, p. 500, grifos meus).

A importância dada por Labov aos mecanismos internos do sistema linguístico em detrimento dos sociais já foi discutida por outros pesquisadores. Fernando Tarallo, conhecido no Brasil pela divulgação do paradigma laboviano e pelo diálogo que estabeleceu entre este e a teoria gerativa (fundando com Mary Kato a chamada *sociolinguística paramétrica*), trabalhou com esse tema em um de seus últimos textos (TARALLO, 1990), destacando o afastamento da teoria laboviana em relação ao papel do componente social. Tarallo afirma que, apesar de em sua origem a proposta laboviana ter adotado uma concepção de língua como produto social, no desenvolvimento da abordagem Labov foi cada vez mais se afastando dessa perspectiva, passando a defender que fatores estritamente estruturais possam desempenhar o papel principal na explicação tanto da variação quanto da invariância das línguas.

Esse distanciamento, segundo Tarallo, se faz notar principalmente a partir da década de 1980. O autor cita um texto de Labov publicado em 1987 (*The overestimation of functionalism – A superestimação do funcionalismo*), em que este defende explicitamente a primazia dos condicionantes linguísticos sobre os sociais em certos fenômenos de variação.

Tarallo menciona outro momento da obra de Labov (LABOV, 1989), um que marcaria uma “virada mais brusca” em sua proposta rumo a uma maior importância dos fatores internos frente aos externos. Nesse texto, segundo Tarallo, Labov claramente se filia a uma visão de língua cuja operação se dá

primordialmente a partir de mecanismos internos, estruturais<sup>40</sup>. Assim, Tarallo conclui que “se abre espaço para o linguístico desempenhar um papel maior e o contextual (o social, por exemplo), conseqüentemente, um menor” (1990, p. 219).

Em suma, vemos como um princípio basilar ao longo de toda a obra de Labov – o da abertura dos estudos linguísticos para a consideração de fatores externos à língua – ao mesmo tempo em que ocupa um papel de destaque na teoria (e que novamente o aproxima da sociologia durkheimiana) é relativizado pelo próprio Labov, que busca deixar com os fatores estruturais ou articulatórios da língua a primazia no aparato explicativo de seus estudos.

#### 4.3 A GENERALIDADE E EXTERIORIDADE DA LÍNGUA

Segundo Durkheim, como visto anteriormente, os fatos sociais se caracterizam por serem exteriores ao domínio individual e gerais a uma comunidade. Vimos também como Labov se alia a essa concepção sociológica ao descartar o indivíduo como *locus* da língua, dando lugar à noção de língua como propriedade social.

No entanto, esse traço de generalidade pode ser observado também em uma dimensão mais “concreta” da teoria laboviana – especificamente na noção de *gramática da comunidade* com a qual ela trabalha<sup>41</sup>. Esse conceito se caracteriza, em primeiro lugar, por sua oposição ao idioleto, ou seja, à gramática formulada a partir da produção ou da intuição individuais. Em segundo lugar, a gramática de uma comunidade de fala contempla não apenas regras linguísticas categóricas (próprias das análises estruturalistas da primeira metade do século XX), mas também – e este, como vimos, é um dos diferenciais da

---

<sup>40</sup> Segundo Labov: “A visão que apresentarei aqui é a de uma faculdade da linguagem de certa forma mais regulada por sua estrutura e mais mecânica em sua operação.” (1989, p. 1).

<sup>41</sup> Ou, nas palavras de Figueroa (1994, p. 84): “Labov considera que a língua como fato social é uma propriedade da comunidade em vez de do indivíduo, e considera que o objeto da descrição linguística é a língua da comunidade em vez de a do indivíduo.”.



teoria de Labov – regras variáveis. A postulação desse conceito marca uma ruptura em relação às análises estruturalistas que se faziam até então pois incorpora ao sistema linguístico a variabilidade, a possibilidade de elementos linguísticos distintos se alternarem na expressão de um mesmo significado. Vale notar, ainda, que, em seu aspecto formal, as regras variáveis englobam tanto as suas variantes quanto informações relativas à força reguladora dos diferentes fatores internos e externos que lhe são pertinentes.

Como já se disse, tanto as regras variáveis quanto as regras categóricas são elementos integrantes da gramática de uma comunidade de fala. Esse objeto, por sua vez, se caracteriza por ser geral aos membros dessa comunidade. Em outras palavras, a generalidade da gramática abarcaria tanto as suas regras obrigatórias, automáticas, quanto as que exibem variabilidade e fornecem um leque de opções aos falantes em sua realização concreta. A esse respeito, o ensaio de Weinreich, Labov e Herzog já afirmava:

O modelo de língua proposto aqui tem (1) estratos discretos, coexistentes, definidos pela co-ocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e *conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala*; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por co-variação com elementos lingüísticos e extralingüísticos. (2006 [1968], p. 123, grifos meus).

Apesar da aparente coerência de tal proposta, logo se chega à questão: de que modo se pode conceber que uma comunidade inteira compartilhe regras complexas como as regras variáveis, que englobam uma gama ampla de possibilidades e de restrições – ainda mais quando se leva em conta o fato de que, em sua produção linguística, os falantes empregam somente algumas variantes de uma regra variável e não outras?

Labov responde a esse questionamento reafirmando o caráter de generalidade da gramática, mas propondo uma distinção entre um domínio passivo, de recepção, e um domínio ativo, de produção das regras lingüísticas, como meio para se

explicar a enorme diversidade da fala. Assim, mesmo que as formas variantes de uma regra variável sejam diferencialmente distribuídas na produção linguística dos vários grupos de uma comunidade, a gramática de que essas regras fazem parte ainda seria geral a essa comunidade. Observem-se, nesse sentido, os seguintes excertos:

Queremos também insistir na disponibilidade dos estratos para um grupo real de falantes. [...] somente quando um par de dialetos está conjuntamente disponível a um grupo que alterna num vaivém entre eles – mesmo que alguns membros do grupo apenas *ouçam* um dos estilos e nunca o falem – é que a formulação multiestratificada é relevante para se entender a mudança lingüística. Em sociedades urbanas, descobrimos que vários estratos *estão* disponíveis à população como um todo, ao menos no sentido passivo: sua competência inclui a capacidade de decifrar versões alternativas do código. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 101, sublinhado meu).

Nos termos do modelo de um sistema lingüístico diferenciado que estamos desenvolvendo, tais formas [variantes, estilos] compartilham as seguintes propriedades: (1) oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa” [...]; (2) estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. *Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência [...] mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante.* (WEINREICH; LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 97, grifos meus).

Dessa forma, Labov mantém em sua teoria a propriedade de generalidade que encontramos na noção durkheimiana de fato social, não apenas num sentido amplo – quando Labov defende uma concepção social do fenômeno linguístico –, mas também na formulação do objeto concreto de sua linguística – a gramática da comunidade.

E assim chegamos à outra propriedade dos fatos sociais mencionada no início desta seção: a exterioridade. Para Durkheim, os fatos sociais são entidades exteriores aos indivíduos, distantes do alcance deles. Já em Labov, como parece ser legítimo concluir com base nos excertos apresentados, as regras da gramática de uma comunidade de fala não seriam apenas gerais a essa comunidade; elas corresponderiam a uma parte do conhecimento linguístico internalizado dos membros individuais dessa comunidade.

A conclusão é corroborada em outros pontos da obra laboviana. Veja-se, por exemplo, o seguinte excerto de Labov (2008 [1972]): “A capacidade dos seres humanos de aceitar, preservar e interpretar regras com condicionamentos variáveis é sem dúvida um aspecto importante de sua competência linguística ou *langue*.” (p. 263).

Assim, as regras linguísticas labovianas não seriam somente o resultado de uma observação da fala dos membros de uma comunidade, mas uma descrição realista das regras linguísticas internalizadas pelos seus membros. Nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog,

[...] o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngüe. (2006 [1968], p. 36).

Essa isomorfia entre a descrição linguística e a realidade psicológica da competência individual provocou uma série de críticas e debates acerca do estatuto ontológico das regras variáveis labovianas. Romaine (1981), por exemplo, afirma:

Descrever as ocorrências de enunciados de falantes ou grupos em termos de leis probabilísticas (que se diz serem regras variáveis em um modelo de gramática) é uma coisa, mas projetar tais regras sobre a competência dos falantes individuais dessa língua e então supor que os falantes ou que suas capacidades mentais sejam em qualquer sentido restringidas por elas é, na minha opinião, metodologicamente inadmissível. (p. 105-106).

É interessante ressaltar que, talvez justamente por ter sido tão questionada, “a regra variável foi abandonada sem muito alarde pela própria sociolinguística variacionista” (CAMACHO, 2010, p. 156). No entanto, este não deixa de ser um ponto relevante a se destacar quanto tratamos das aproximações e distanciamentos entre Durkheim e Labov – e o que podemos concluir ao confrontar os aspectos de generalidade e exterioridade dos fatos sociais com a concepção de língua de Labov é que esta se comporta como outros fatos sociais quanto à sua generalidade, mas difere da visão durkheimiana quanto à exterioridade, já que corresponderia ao conhecimento (ou à “competência”) linguístico dos falantes de uma comunidade de fala.

#### 4.4 O JOGO DE FORÇAS ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE

Chegamos, finalmente, à última seção destinada à análise de como as características do fato social durkheimiano podem ser reconhecidas na linguística de Labov. Voltamos-nos, neste momento, ao aspecto coercitivo dos fatos sociais; segundo Durkheim, esta é uma força que se impõe sobre os membros de uma comunidade, (de)limitando suas possibilidades de ação.

Analisando esse traço na obra de Labov, interessa-nos saber de que maneira o sistema linguístico poderia atuar sobre os membros de uma comunidade – ou seja, até que ponto esse autor considera uma eventual força coercitiva da língua sobre seus falantes. Da mesma forma, interessa-nos saber se algum

espaço é concedido para a ação em sentido contrário: da comunidade sobre o sistema linguístico.

Para esta discussão, é relevante destacar a premissa básica da obra de Labov segundo a qual o sistema linguístico veicula informações além das contrastivas, sendo portador, também, de significado social e estilístico. Em geral, esse tipo de significado veicula informações tanto a respeito de atitudes quanto de posições sociais ocupadas pelos membros da comunidade de fala<sup>42</sup>.

Tão cedo quanto em seu ensaio de 1968, Weinreich, Labov e Herzog afirmavam:

Uma séria debilidade nos fundamentos empíricos das várias teorias da mudança lingüística consideradas aqui deriva de sua confiança automática na função cognitiva como o determinante primeiro do comportamento lingüístico. A suposição de que a percepção era determinada somente por unidades contrastivas (distinguidoras de morfes) nunca se baseou num fundamento fonético empírico [...]. Um volume crescente de evidências obtidas em estudos sociolingüísticos controlados indica que a percepção de fato é controlada pela estrutura lingüística; *mas é uma estrutura que inclui não só unidades definidas por função contrastiva, mas também unidades definidas por seu papel estilístico e por seu poder de identificar o pertencimento do falante a um subgrupo específico da comunidade [...].* (2006 [1968], p. 67, grifos meus).

Já foi visto também que, pelo menos em princípio, em função da generalidade do sistema linguístico, os membros de

---

<sup>42</sup> Para as finalidades desta dissertação, a diferença entre *significado social, estilístico e cultural* não será contemplada em detalhes, importando mais considerar essas instâncias como manifestações de um *significado que é exterior ao sistema linguístico propriamente*. Assim, esse plano de significação não-denotacional, por assim dizer, será às vezes rotulado apenas como *significado social*, ou *social e estilístico*, esperando-se que isso não traga prejuízos à argumentação que ora se desenvolve.

uma comunidade têm acesso a esse conjunto de valores sociais vinculado à língua. Esse acesso, vale destacar, não necessita ser consciente. Segundo Labov, grande parte dos significados sociais é reconhecida apenas inconscientemente, sendo que essa percepção pode ser elicitada pelo linguista mediante a realização de alguns testes específicos com o falante.

Assim, mesmo que os falantes não percebam isso todo o tempo, ao se comunicarem eles são capazes de reconhecer determinados valores não-distintivos atrelados às formas linguísticas que são empregadas por seus interlocutores. Ao mesmo tempo, os próprios falantes revelam muito de suas atitudes e posições sociais ao adotarem certas variantes e não outras – ou seja, quando um membro de uma comunidade de fala se vale do sistema linguístico, que é inevitavelmente carregado de informação social, estilística e cultural, ele em grande medida é denunciado, deflagrado pela própria língua em suas atitudes e em seu lugar na estratificação social – e isso é interpretado aqui como uma força coercitiva da língua sobre os falantes, já que eles não têm opção senão aceitar essa “denúncia”. Observe-se como Labov reconhece essas duas instâncias de atuação do significado social nos excertos a seguir:

É claro que a cognição não é limitada ao conteúdo do que é dito, mas é sensível à variação sistemática no modo em que a mensagem é transmitida, carregando informação sobre as características sociais dos falantes e sobre as relações com seus interlocutores. (2010, p. 2).

Os padrões uniformes de estratificação social e estilística sugerem que os membros de uma comunidade podem fazer uso dessa variação para situar os falantes em escalas de distância social e de poder social, e muitos experimentos confirmam essa visão. (2010, p. 369).

É claro, uma parte desse conjunto de normas sociais está disponível aos falantes de uma forma consciente. Logo, eles não

estão completamente sujeitos a essas normas, podendo adaptar sua produção linguística em função dos significados sociais que gostariam de transmitir. Contudo, justamente pela inconsciência de uma grande porção desse sistema de normas, a língua ainda tem esse poder de atuação sem a possibilidade de controle pelo falante. Labov (2008 [1972]) menciona o exemplo de Steve K., um novaiorquino que conscientemente rejeitava o padrão linguístico de sua juventude. Em certa medida, ele conseguia se afastar desse padrão; esse afastamento, contudo, por mais que o falante quisesse, não era completo: “Apesar de sua profunda mudança de ideologia, o padrão de fala ditado por forças igualmente profundas permanece constante.” (p. 133).

Em suma, creio ser possível enxergarmos na discussão acima a propriedade de coerção dos fatos sociais na teoria laboviana: além do fato mais básico (já apontado por Meillet) de que, vivendo em uma comunidade, o indivíduo precisa empregar a língua local para se fazer entender – ou seja, a língua se força a ser usada –, esta ainda exerce um poder de “denúncia” que em grande parte não podemos evitar. Ao nos valermos da língua, dizemos muito mais que um apanhado de informações sobre o mundo: ao falarmos, deflagramos quem somos, de onde viemos e até quem gostaríamos de ser (no caso da hipercorreção, por exemplo). É interessante salientar, finalmente, que esse processo parece só ser possível em função da existência dos significados sociais inseridos no sistema e da acessibilidade que os membros de uma comunidade de fala têm a esses significados<sup>43</sup>.

Consideremos, agora, outro movimento, em sentido oposto ao do recém-discutido, também mediado pelos significados sociais, estilísticos e culturais que se ligam ao sistema linguístico: o movimento da comunidade agindo sobre a língua.

---

<sup>43</sup> Figueroa (1994, p. 85) tem um entendimento similar a este: “Note-se que Labov situa a língua no domínio público, e que a comunidade de fala é definida em termos de normatividade. Isso não significa que os membros de uma comunidade de fala usam as mesmas formas ou que compartilham as mesmas normas de uso, mas que compartilham o mesmo sistema normativo de valores. [...] Se essa normatividade é concebida nos termos labovianos de língua como um fato social, então é o caráter público da língua e seu papel integrado na ordem social que restringem o uso individual da língua – as formas pelas quais os indivíduos pensam e falam sobre a língua – e que levam aos tipos de normas compartilhadas de uma comunidade de fala [...]”.

Recuperando as várias menções a este aspecto da proposta de Labov neste capítulo, o sistema linguístico veicula não apenas significado distintivo, mas estilístico, social e cultural, sendo que os falantes de uma comunidade têm acesso, consciente e inconsciente, ao conjunto desses significados. É essa capacidade que permite aos falantes *se avaliarem* uns aos outros em função das formas linguísticas que empregam. Segue daí que, a partir do resultado dessa avaliação, os membros de uma comunidade podem atuar sobre o sistema linguístico, acelerando a implementação de formas de prestígio ou “barrando” o avanço de outras mudanças. Nesse sentido vão as seguintes palavras de Weinreich, Labov e Herzog, para quem os “conjuntos de atitudes sociais bem sedimentadas são fatores poderosos na determinação do curso da história da língua em comunidades multilíngües”:

Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo. (2006 [1968], p. 103).

Sendo o sistema linguístico, portanto, suscetível à mudança em função das reações aos significados sociais e estilísticos que lhe são vinculados, percebemos que, embora a língua exerça alguma influência sobre uma comunidade – principalmente no sentido de apontar posições e atitudes sociais –, ela não é de maneira nenhuma intangível a essa comunidade. Finalmente, como apontamos, o elemento teórico que garante à língua seu poder sobre os falantes – o significado social – é, interessantemente, também o responsável, em última instância, à sua própria suscetibilidade à mudança por parte desses falantes.

Lendo essas conclusões nos termos da coerção exercida pelos fatos sociais segundo Durkheim, chegamos possivelmente à mais profunda cisão entre a proposta de Labov e a noção clássica de fato social, já que, para o linguista, a língua, além de ser conscientemente acessível, sofre pressões contínuas por parte de



seus falantes. Em Labov, portanto, devido à projeção de valores sociais sobre as formas da língua, o falante não é apenas *coagido*, forçado a seguir determinadas normas, mas *avalia e é avaliado*.

#### 4.4.1 A diferenciação no acesso às normas sociolinguísticas

Há mais uma questão sobre a qual se pode refletir em se tratando do modo pelo qual, para Labov, a generalidade da língua se combina com a sua propriedade de veicular significados não-distintivos: trata-se de como se pode depreender, nos textos de Labov, reflexões sobre a possível diferenciação social no acesso aos significados sociais e estilísticos que se projetam sobre as formas da língua.

Como já foi apontado nesta dissertação, faz parte da teoria laboviana a ideia de que as formas da língua podem ser portadoras de significados além do gramatical/distintivo: elas podem veicular informações sociais e estilísticas também. Deve-se salientar, contudo, que Labov não generaliza essa propriedade para toda a língua. Segundo o autor, é exclusivamente no âmbito da variação que podemos perceber o contato entre elementos linguísticos e valores externos à língua; as regras categóricas da gramática de uma comunidade, portanto, não seriam suscetíveis de participar desse processo:

É importante notar que a significação social depende da variabilidade. Nesse sentido, o significado social é parasita da língua: ele está confinado àquelas áreas de variação, em geral na ponta-de-lança de uma mudança linguística em fase de generalização, onde existem modos alternativos de dizer "a mesma coisa". (LABOV, 2008 [1972], p. 369).

Interessa-nos neste momento, contudo, analisar como, para Labov, também a comunidade pode se comportar de modos distintos frente aos significados sociais da língua.

Conforme discutido na seção 4.3, segundo a própria teoria, o vínculo entre significado social/estilístico e forma faz parte do

sistema sociolinguístico; logo, ele tem a característica de ser geral a uma comunidade. De fato, esse compartilhamento de normas sociais atreladas à língua que, na teoria laboviana, define a própria comunidade: “A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (2008 [1972], p. 150).

O acesso dos falantes de uma comunidade aos significados sociais da língua é responsável, ainda, por um dos achados gerais da abordagem laboviana, segundo o qual os falantes de uma comunidade de fala, apesar da variabilidade que demonstram em sua produção linguística, compartilham um mesmo conjunto de normas avaliativas a respeito dos valores sociais dos elementos linguísticos. Nas palavras de Labov,

Existe um axioma geral da estrutura sociolinguística que pode ser formulado assim: o correlato da estratificação regular de uma variável sociolinguística no comportamento é a concordância uniforme em reações subjetivas a essa variável. (2008 [1972], p. 288).

Curioso, portanto, é perceber que, em inúmeros momentos de sua obra, Labov afirma que existem, nos vários segmentos de uma comunidade, graus distintos de acesso às normas sociolinguísticas. De acordo com o autor (LABOV, 2006b, p. 342), a língua é

[...] uma característica objetiva do mundo real exterior ao indivíduo, e o que o indivíduo tem é a capacidade de captar esse padrão, mas as pessoas, é claro, não o captam sempre da mesma forma. O padrão é o mesmo, mas a “captação” individual dele pode variar.

Um exemplo dessa diferença na captação do significado social se verifica no fator *gênero*. É uma conclusão comum nos estudos desenvolvidos sob a perspectiva da teoria laboviana que

as mulheres utilizam em um grau maior que os homens as variantes mais adiantadas em processos de mudança. Segundo Labov,

Ao adotarem novos traços de prestígio mais rapidamente que os homens, e ao reagirem de modo mais agudo contra o uso de formas estigmatizadas, as mulheres são novamente os principais agentes de diferenciação, *respondendo mais rapidamente que os homens a mudanças no status social de variáveis linguísticas*. Os homens seguem atrás, com um grau menor de investimento nos valores sociais da variação linguística. (2001, p. 321, grifos meus).

Há, ainda, outra restrição no acesso aos valores sociais das formas da língua. De acordo com Labov, "Muitos estudos de comunidades de fala mostram mulheres de classe baixa que não participam do sistema mais amplo de normas sociolinguísticas." (2001, p. 271). Assim, por alguma razão, as informações referentes ao vínculo entre língua e sociedade estariam mais disponíveis a mulheres que a homens, e, no primeiro grupo, as mulheres de classes mais altas teriam uma percepção ainda maior que a das de classe baixa, que na verdade nem chegam a participar do compartilhamento dessas normas.

A diferenciação de acesso de que estamos tratando pode ser vinculada, na teoria de Labov, a outra questão importante: ao comportamento peculiar da faixa social intermediária em relação às formas linguísticas de prestígio na comunidade. De acordo com diversos estudos da TVM, na fala não-monitorada esse grupo costuma produzir em grau baixo as formas linguísticas de prestígio de sua comunidade; no entanto, quando analisada em contextos mais formais, sua fala se aproxima do padrão de prestígio em um grau maior que o da própria classe em que esse padrão emergiu. Parece ser o entendimento de Labov que esse quadro também se relaciona com o acesso da classe intermediária aos significados sociais da língua: no caso, esse grupo não conseguiria captar com precisão o espectro de

variação estilística que envolve as formas de prestígio, chegando, por isso, à hipercorreção descrita acima.

Em Labov, a percepção dos valores sociais que se vinculam às formas linguísticas varia também de acordo com a faixa etária dos membros de uma comunidade de fala. Nas palavras do autor, “A capacidade de captar padrões sociais não é constante no tempo de vida.” (2010, p. 8). Em seus estudos, Labov costuma mencionar como tanto os falantes mais jovens quanto os mais velhos da comunidade não parecem se conformar às normas sociolinguísticas com as quais convivem. Assim, seria somente o grupo etário mediano que teria pleno acesso a essas normas – veja-se, por exemplo, Labov (2008 [1972], p. 335).

A razão por que se disse anteriormente que esse aspecto da teoria laboviana era curioso está em que ele parece revelar um ponto contraditório nessa teoria: ao mesmo tempo em que se defende que a língua abarca informações sociais, e que o sistema dessa língua é compartilhado pela comunidade (sendo esse compartilhamento justamente um dos pontos que define os limites da própria comunidade), Labov postula diferentes graus de apreensão das informações sociais que se vinculam às formas linguísticas. Essa diferenciação não acarretaria sistemas linguísticos diferenciados para os diversos segmentos sociais, configurando, assim, diferentes comunidades?

#### 4.5 SÍNTESE

Ao longo deste capítulo, pudemos perceber que há muito do conceito durkheimiano de fato social na obra de Labov: em ambos, o social ocupa um lugar prioritário em relação ao indivíduo; assim como com outros fatos sociais, a língua na proposta laboviana se caracteriza por sua generalidade, e apresenta ainda meios de exercer forças coercitivas sobre os membros de uma comunidade. Finalmente, Labov segue o princípio durkheimiano de que os fatos sociais devem ser analisados dentro do próprio meio social, em suas relações com outros elementos desse domínio. Assim, sua linguística se abre à atuação de fatores externos ao sistema linguístico propriamente.

No entanto, Labov vai além da definição clássica de Durkheim em sua apropriação do conceito de fato social em sua teoria linguística: como vimos, embora a natureza social da língua seja constantemente enfatizada pelo linguista, o indivíduo não é completamente apagado da teoria, podendo ser reconhecido em diversos momentos de sua obra.

Além disso, vimos que Labov, embora adote o princípio de que o estudo da língua deve se abrir para considerações exteriores ao sistema, ainda concede um certo grau de autonomia a ele, já que esse sistema permanece em grande parte regulado apenas por seus mecanismos internos.

Há também, em Labov, uma possibilidade maior de ação da comunidade sobre a língua/fato social. Dado o mecanismo de projeção de significados sociais sobre as formas linguísticas, os membros de uma comunidade podem atuar sobre a língua, acelerando ou retardando processos de mudança. Assim, em Labov, ainda que a língua seja um fato social, ela de forma alguma é uma entidade a que a comunidade se submete completamente, sem possibilidade de (re)ação.

Finalmente, a exterioridade dos fatos sociais durkheimianos parece assumir uma feição específica na teoria laboviana, no sentido de que, embora seja geral aos membros de uma comunidade, o sistema descrito pelos estudos desenvolvidos a partir dessa teoria a princípio é um reflexo da competência individual desses falantes.

Seguimos, agora, à discussão a respeito do lugar do conceito de fato social na teoria laboviana e da forma como esta análise pode ajudar a esclarecer a relação que esse linguista estabelece com Saussure e Meillet.

#### 4.6 O PAPEL DO FATO SOCIAL EM LABOV

Com a base construída até aqui, podemos questionar qual seria o papel da noção de fato social na teoria laboviana, pensando, por exemplo, em que aspectos dessa teoria teriam sua existência possibilitada ou, ao menos, mediada pelo conceito.

Como vimos, embora haja alguns distanciamentos entre a concepção de língua de Labov e a sociologia durkheimiana, o

vínculo entre elas é bastante forte. Desse modo, ao afirmar que a língua é um fato social, Labov não se refere à ideia comum de que, por se prestar à comunicação entre as pessoas, a língua seria social. Em vez disso, para Labov a língua como fato social pertence a uma comunidade, é geral a essa comunidade e exerce forças coercitivas claras sobre seus membros. Essa adoção, por sua vez, pode ser associada a alguns dos objetivos mais fundamentais da proposta laboviana – em especial, o rompimento com as tradições de análise centradas no indivíduo e o estabelecimento de uma base empírica para a coleta e análise de dados linguísticos. Assumir o conceito durkheimiano, assim, garante para Labov um caminho mais seguro rumo à soberania da comunidade sobre o indivíduo, e permite que, a partir dessa premissa, se desenvolvam técnicas para captar os padrões desse sistema coletivo, superando-se, com isso, os procedimentos metodológicos centrados na intuição individual. Essa conclusão é corroborada por Figueroa (1994, p. 77), quando esta afirma que “A noção de língua como fato social permite que Saussure e Labov removam o indivíduo ou ocorrências individuais de comportamento em favor da ordem social.”

Não se pode esquecer, entretanto, que o fato social durkheimiano só se concretiza na teoria de Labov com sérias adaptações. Segundo a análise que ora se promoveu, Labov relativiza, em sua obra, tanto o papel do indivíduo em relação à comunidade quanto as características de exterioridade e de coerção dos fatos sociais. Assim, embora esse conceito ainda seja identificável na proposta laboviana, e embora sua concretização esteja bastante relacionada à forma geral como Labov concebe a interação entre língua e sociedade, ainda não se pode afirmar que seja exatamente o fato social formulado por Durkheim que se vê em Labov e que desempenha esse papel.

Vale ressaltar, finalmente, que, ao atribuir-se importância à noção de fato social na obra de Labov, certamente não se nega que este tenha recebido influências de outras fontes no desenvolvimento de sua teoria; a própria leitura de Koerner (1991), apresentada no primeiro capítulo desta dissertação, evidencia a complexidade a que podemos levar a tarefa de

encontrar as origens de uma teoria científica<sup>44</sup>. Entretanto, nota-se que a influência da sociologia durkheimiana sobre Labov é clara, configurando-se este como mais um caminho válido para a compreensão da natureza do “social” na obra do linguista.

#### 4.7 LABOV, SAUSSURE, MEILLET E O FATO SOCIAL

Podemos também, neste momento, retomar e discutir o questionamento lançado no início deste trabalho: *como o conceito durkheimiano de fato social se manifesta na obra de Saussure, Meillet e Labov para que, aparentemente compartilhando uma mesma concepção do que seja o aspecto social da linguagem, esses autores sejam tão distintos entre si (ao menos, na leitura de Labov)?*

Verificou-se, em primeiro lugar, que os três autores compartilham alguns dos aspectos que caracterizam o fato social durkheimiano. O mais saliente desses aspectos nas propostas dos autores é o da generalidade do sistema linguístico, junto à negação do indivíduo como *locus* da língua. Nesse sentido, a afirmação de Figueroa (1994, p. 77), poderia ser aplicada também a Meillet: “Labov, semelhantemente a Saussure, rejeita a descrição ou explicação individualista e psicológica da língua e, em vez disso, situa a língua na comunidade.”.

No entanto, certamente os autores se diferenciam em suas apropriações do conceito de fato social. Uma instância desse afastamento é apontada por Severo (2007a, p. 141), e se relaciona com a discussão promovida neste capítulo acerca da importância dada por Labov à atuação dos mecanismos internos da língua:

---

<sup>44</sup> Embora a “genealogia” de influências teóricas proposta por ele possa ser revisitada a partir da presente análise. Conforme se vê na seção 1.3.1, Koerner vê uma concepção social de língua partindo de Whitney e passando por Saussure, Meillet e Martinet, até “chegar” a Labov. Vimos, contudo, que a partir de Whitney, o social toma funções distintas para Saussure e Meillet, que promovem linguísticas que se poderiam denominar *interna* e *externa*, respectivamente. Labov aparentemente herda traços desses dois “caminhos”, ao advogar um estudo linguístico aberto a fatores externos à língua e ao mesmo tempo permanecer ligado a uma certa autonomia do sistema.

Em relação a Labov e Meillet, parece haver um distanciamento entre ambos em um aspecto fundamental: Labov não nega a possibilidade de variações/mudanças lingüísticas serem motivadas pelo próprio funcionamento da língua, o que para Meillet seria provavelmente inaceitável, uma vez que este autor postula que todas as mudanças lingüísticas são causadas por forças sociais.

Chamo a atenção, contudo, a outro ponto, relacionado à sociologia de Durkheim, que pode nos auxiliar na diferenciação das propostas dos linguistas considerados e, ainda, fornecer uma chave de leitura para a compreensão de por que Labov constantemente se afasta de Saussure e se filia a Meillet quanto à natureza social da língua.

Trata-se de um desdobramento da já discutida adoção, por parte desses autores, do princípio formulado por Durkheim segundo o qual um fato social deve ser estudado em suas relações com outros elementos do domínio social. Como vimos, Meillet parece ter tomado esse princípio “ao pé da letra”, pois defende que, devido à natureza social da língua, a linguística se incorpore às ciências sociais. Já Saussure, em busca da autonomia da área, fechou sobre si mesmo o sistema lingüístico, defendendo que este deveria explicar a si próprio, sem o recurso a instrumentos externos a ele.

Ora, conforme foi discutido neste capítulo, mesmo que para Labov o sistema lingüístico ainda seja em parte autônomo, ele defende firmemente que o estudo da língua se abra para a consideração de fatores externos ao sistema. Sob esse aspecto, não há dúvidas de que Labov está mais próximo de Meillet – e de Durkheim – que de Saussure, já que este rejeita essa abertura dos estudos lingüísticos para o social. Nas palavras de Severo (2007a, p. 141),

Labov se apropriou da afirmação de Meillet, renegada por Saussure (e pelos saussureanos, como Martinet), de que no século XX as explicações para o desenvolvimento da linguagem estariam baseadas na análise da



mudança lingüística como consequência de mudanças sociais.

Há ainda outro tópico que merece comentário: a rejeição da lingüística saussuriana por parte de Labov, sobretudo quanto à natureza social da língua. Nos momentos em que Labov se dedica a recuperar historicamente o tratamento dado à noção da língua como fenômeno social, o autor em geral retrata a proposta de Saussure como confusa, contraditória, já que este defende o caráter social da língua sem, contudo, desenvolver as relações entre o domínio social e o lingüístico. Em contrapartida, Meillet é retratado por Labov como um exemplo a ser seguido pelos que buscam uma maior adequação empírica dos estudos da mudança, pois em meio ao reinado do estruturalismo aparentemente associal na lingüística, Meillet defendeu a vinculação da área ao campo sociológico. Labov chega a apontar o vínculo entre a teoria de Meillet e a sociologia de Durkheim, quando diz (LABOV, 2008 [1972], p. 309): “[...] a influência de Émile Durkheim sobre Meillet parece ter sido um acidente histórico que não se repetiu.”. Vê-se, contudo, na mesma citação, que Labov não reconhece, ou que simplesmente deixa de perceber, que também Saussure foi fortemente influenciado por Durkheim. Conforme vimos nesta dissertação, o conceito saussuriano de *langue* como objeto principal da lingüística pode ser fortemente associado à noção durkheimiana de fato social – e essa ligação foi reconhecida desde muito cedo pelos estudiosos da obra de Saussure. Assim, embora a concepção de língua de Saussure seja sistematicamente rejeitada por Labov, este não reconhece que o mesmo “acidente histórico” da influência de Durkheim sobre Meillet também se deu com Saussure – e, em consequência disso, que o próprio Labov também guarda fortes vínculos com a concepção de língua saussuriana. É possível que, por Saussure não ter seguido o princípio durkheimiano de que os fatos sociais devem ser estudados mediante suas relações com outros fatos sociais, Labov tenha dado menos atenção aos traços da lingüística saussuriana que ainda mantinham sua filiação ao sociólogo – especialmente a definição de *langue*.

Em suma, pode-se sugerir uma leitura da relação entre Labov, Saussure e Meillet, mediada pelo fato social durkheimiano,

nos seguintes termos: os três linguistas trabalham com uma concepção de língua que se encontra ancorada na sociologia de Durkheim – o que os leva a, similarmente, darem ênfase ao caráter de generalidade da língua em detrimento de suas manifestações individuais. O que diferencia esses autores mais seriamente é o fato de que, para Meillet e Labov, a consideração da língua como fato social implica um movimento da linguística para fora dos mecanismos puramente internos da língua, enquanto Saussure, ao mesmo tempo em que adota o caráter social da língua, particulariza o seu objeto em relação a outros sistemas. Assim, embora as propostas de Labov e Saussure diverjam nesse ponto, aquele não parece reconhecer que está inevitavelmente ligado a este, já que compartilham, afinal de contas, uma influência teórica importante para os dois: a sociologia durkheimiana e, em particular, a noção de fato social.

Note-se ainda, nesse sentido, que Labov é fundamentalmente um estruturalista, um pesquisador interessado em desvendar os “mecanismos” do “sistema” linguístico. Embora o pensamento de Saussure venha sendo revisitado e relativizado em certos pontos (cf. CRUZ, 2006), o último século atestou uma explosão da linguística estrutural, e esta teve como grande estopim a obra do genebrino. Desse modo, Labov também é tributário dessa tradição de estudos e, conseqüentemente, desse pesquisador. Labov oscila, assim, entre o estruturalismo saussuriano e o sociologismo de Meillet, compartilhando com ambos – embora com suas especificidades – uma concepção de língua como fato social.

Seguimos, agora, às considerações finais desta dissertação, em que reviso todo o caminho percorrido com a pesquisa, avaliando os ganhos conquistados e o que ainda pode ser considerado em estudos futuros.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de que se constituiu esta dissertação teve início com o reconhecimento de um ponto a descoberto na teoria da variação e mudança: a definição do "social" de que a língua faz parte e com o qual interage. Com o objetivo de se atingir uma compreensão melhor desse plano da TVM, efetuou-se um recorte que chegou ao interesse específico pelos modos de manifestação do conceito de fato social na obra de William Labov, um dos fundadores e principais representantes da TVM. Estabeleceu-se também, como caminho paralelo de pesquisa, a análise do mesmo conceito nas obras de Ferdinand de Saussure e de Antoine Meillet, a fim de esclarecermos um pouco melhor a relação que Labov mantém com esses autores quanto às suas concepções de língua como fenômeno social.

A leitura da obra laboviana pelas lentes do fato social se mostrou bastante produtiva, tendo nos levado a observar aspectos dessa obra aos quais nem sempre dispensamos muita atenção, como o papel do indivíduo na teoria, a importância dos fatores internos ao sistema linguístico em relação aos externos, os elementos de que se compõe a gramática, entre outros. Vimos também como o significado social das formas linguísticas ocupa um papel de destaque na proposta de análise laboviana, possibilitando contatos diversos entre o sistema linguístico e a ordem social. Foi defendido que o conceito de fato social por Labov foi adotado fielmente em vários aspectos, mas que o linguista seguiu um caminho próprio em outros, em especial no que toca à exterioridade da língua e ao maior espaço de atuação nesse sistema por parte dos membros de uma comunidade de fala. Defendeu-se, ainda, que a consideração da língua como fato social por Labov, mesmo que não tenha seguido exatamente a postulação durkheimiana, ocupa um papel importante na visão que o linguista tem acerca da natureza da língua e do contato desta com a sociedade. Finalmente, vimos um caminho, fundado no princípio metodológico durkheimiano de isolamento do objeto ao seu próprio domínio, para uma compreensão um pouco mais bem informada da relação teórica que Labov mantém com duas de suas principais referências: Saussure e Meillet.

Talvez se possa dizer, na comparação entre os três linguistas, que Labov foi o que mais a fundo levou a concepção de língua como fato social (como também defende Calvet (2002, p. 33)) – mesmo que não tenha seguido estritamente a formulação dada a esse conceito por Durkheim. A afirmação se justifica, em primeiro lugar, porque, embora Saussure tenha desenvolvido de uma forma muito ligada a Durkheim a sua definição de *langue*, ele não abriu mão da autonomia da língua em suas relações internas – ou seja, aproveitou a ligação com Durkheim para abrir o estudo da língua a considerações oriundas dos estudos sociológicos ou de qualquer outro domínio exterior à língua. Meillet também se filia a Durkheim ao tratar a língua como fato social, mas difere de Saussure ao usar essa ligação como ferramenta de abertura dos estudos linguísticos para o campo sociológico. O que se percebe em sua obra, entretanto, é que o linguista não avançou muito nas pesquisas sob essa orientação; além disso, a história mostra que Meillet levantou a bandeira do social num momento em que a linguística não parecia disposta a considerá-la, e por isso o seu projeto ficou adormecido em meio à hegemonia do estruturalismo associal.

Quanto a Labov, ele também adota, à sua maneira, uma concepção de língua como fato social, e o faz de modo mais ligado a Meillet que a Saussure, pois não só reconhece a natureza social da língua como defende a consideração de fatores externos para a compreensão dos fenômenos linguísticos. Sua diferença em relação a Meillet está no fato de que Labov desenvolve, ao longo de sua carreira, todo um aparato teórico e metodológico para a consideração e o controle de fatores externos ao sistema linguístico para uma melhor compreensão dos fenômenos desse sistema. Talvez seja apressado defender, como Labov faz em alguns momentos de sua obra, que finalmente o plano de Meillet está sendo levado a cabo com a teoria da variação e mudança, pois a maneira como Labov propõe que se controlem as influências externas sobre a língua é bastante peculiar, e já foi alvo de muitas críticas nos últimos anos. Não se pode negar, contudo, o mérito de Labov em levar efetivamente à prática o estudo da língua como fato social, como propriedade coletiva que pode ser compreendida em sua totalidade apenas quando considerada frente a outros sistemas dessa natureza. Disso ele

fez sua carreira na linguística, e promoveu o desenvolvimento de todo um campo de estudos.

Em termos gerais, acredito que a pesquisa forneceu respostas satisfatórias às perguntas que lançou. Pudemos contemplar a obra de Labov com um olhar não muito usual e chegamos a discussões interessantes desse modo; incorporamos, a um estudo de “filosofia da sociolinguística”, conceitos e ferramentas de um campo do saber que tem mantido relações estreitas com a linguística nos últimos tempos – a sociologia; pudemos conhecer um pouco melhor, finalmente, as propostas de linguistas próximos a Labov e de relevância indiscutível para a história da área. Um saldo positivo, portanto.

Houve, é claro, algumas questões que foram deixadas em aberto ao longo da análise da proposta laboviana, como a da aparente contradição entre a generalidade de uma gramática composta por regras com condicionamentos variáveis e a realidade da competência individual. Se trata-se apenas de pouco aprofundamento no estudo ou se de fato há falhas na coerência interna da teoria que Labov vem desenvolvendo, somente novos e mais detalhados estudos poderão afirmar. O aprofundamento sobre esses tópicos, entretanto, não é possível se não houver pesquisadores que os busquem e, com isso, levem a teoria a um grau de coerência e adequação cada vez maior. Como defendi no primeiro capítulo desta dissertação, há muitos motivos para que as pesquisas “metateóricas” de uma área sejam realizadas: além de promover a identificação de pontos incoerentes ou negligenciados pela teoria, ela fornece ao pesquisador mais informações para o seu trabalho na área: ele sabe de onde vem a proposta com a qual desenvolve suas pesquisas, quais os objetivos que ela busca responder, quais são os limites que ela mesma propõe ao seu campo de atuação e a quais impasses ela chega com a adoção de certos princípios teórico-metodológicos e não de outros.

Dentre os desdobramentos de pesquisa que se podem efetuar a partir desta, estaria a investigação de outros pontos de contato entre as obras de Labov e Durkheim. Sabe-se, por exemplo, que Durkheim é um grande representante da tradição positivista nas ciências humanas, valorizando a ordem, a observação empírica, o controle rigoroso dos fatores

condicionantes de um fenômeno e a representação matemática desses fatores (TEIXEIRA, 2002). Ora, é sabido também que a linguística de Labov defende princípios similares para o estudo das relações entre língua e sociedade – logo, forma-se como mais um caminho de pesquisa a análise de até que ponto a teoria laboviana pode ter sido influenciada por Durkheim nesses aspectos.

Outra questão que análises da obra de Labov poderiam elucidar é a da natureza dos estudos sociolinguísticos que vêm sendo realizados no Brasil. Já se pode dizer que nosso país, apesar de figurar pouco nas publicações internacionais, é um dos grandes polos de pesquisa na área. Mas até que ponto a “nossa” TVM é uma extensão da proposta original de Labov? Que objetivos e práticas de pesquisa temos adotado e como isso nos coloca em relação ao corpo teórico-metodológico ao qual explicitamente nos filiamos? A princípio, hipotetizo que, diferentemente do objetivo proposto por Labov de explicitar os mecanismos da *mudança* linguística, a pesquisa sociolinguística no Brasil lida mais correntemente com questões de outra natureza, que serviriam a outros propósitos. Aqui, embora a TVM também se volte à mudança, e haja pesquisadores renomados trabalhando nesse campo, o foco das pesquisas seria o estudo da *variação*. Não se pretenderia, pois, chegar aos princípios mais gerais que provocam e guiam a mudança linguística, com a mesma ênfase e no sentido mais abstrato que Labov imprime a suas pesquisas. Aqui, a TVM se dedicaria mais a deslindar fenômenos linguísticos variáveis com o fito de defender o argumento de que os falares estigmatizados também podem ser objeto de estudo; de que o forte ensino tradicional de gramática, fundado na dicotomia entre certo e errado no uso da língua, não se sustenta frente a uma análise minimamente rigorosa da sistematicidade da empiria; de que os falantes brasileiros não precisam se sentir diminuídos cultural ou intelectualmente em função da língua que falam. Esta é apenas uma hipótese, mas parece um caminho de investigação bastante frutífero, e que também pode ser alcançado com o prosseguimento de análises mais “teóricas” que empíricas na TVM, como a que se desenvolveu aqui.

Espera-se, enfim, que esta pesquisa possa contribuir com o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, e que possa servir de base para o desenvolvimento de novos e mais complexos estudos.





**REFERÊNCIAS**

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALEXANDER, Jeffrey C. Introduction: Durkheimian sociology and cultural studies today. In: ALEXANDER, Jeffrey C. (ed.). *Durkheimian sociology: cultural studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 1-21.
- ALEXANDER, Jeffrey C.; SMITH, Philip. Introduction: the new Durkheim. In: ALEXANDER, Jeffrey C.; SMITH, Philip (eds.). *The Cambridge companion to Durkheim*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 1-37.
- ALMEIDA, Guido de. Resgatando a contribuição da sociolinguística laboviana. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 1, 1989. p. 71-99.
- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Trad. de Sérgio Bath. 4. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1993 [1ª ed.: 1967].
- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1971.
- BAUMAN, Zygmunt. Durkheim's society revisited. In: ALEXANDER, Jeffrey C.; SMITH, Philip (eds.). *The Cambridge companion to Durkheim*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 360-382.
- BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *D.E.L.T.A.*, v. 26, n. 1, 2010. p. 141-162.

CASTILHO, Ataliba T. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI: Novos dados, novas análises. Tomo I. Salvador: EDUFBA, 2006.

CHIBENI, Silvio S. A inferência abductiva e o realismo científico. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, série 3, v. 6, n. 1, 1996. p. 45-73.

COLLINS, Randall. The Durkheimian movement in France and in world sociology. In: ALEXANDER, Jeffrey C.; SMITH, Philip (eds.). *The Cambridge companion to Durkheim*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 101-135.

CRUZ, Marcio A. *O saussurismo e a escola francesa de análise de discurso: ruptura ou continuidade?* Tese (Doutorado). Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, AL, 2006.

DOROSZEWSKI, Witold J. Quelques remarques sur les rapports de la sociologie et de la linguistique: Durkheim et Saussure. *Journal de Psychologie*, 30, 1933. p. 83-91.

DURKHEIM, Émile. *La science sociale et l'action*. Introdução e apresentação de Jean-Claude Filloux. Paris: PUF, 1970.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

ECKERT, Penelope. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation*. A sair. Disponível em <<http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>>.

ECKERT, Penelope. The meaning of style. *Texas Linguistic Forum*, 47, 2004, p. 41-53. Disponível em <<http://studentorgs.utexas.edu/salsa/proceedings/2003/eckert.htm>>.

EMBLETON, Sheila; JOSEPH, John E.; NIEDEREHE, Hans-Josef. Introduction: problems of structuralist beginnings (and endings). \_\_\_\_ (eds.). *The emergence of the modern language sciences: studies on the transition from historical-comparative to structural linguistics in honour of E.F.K. Koerner*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

FIGUEROA, Esther. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994.

FIRTH, John R. *Papers in linguistics; 1934-1951*. London: Oxford University Press, 1957.

FOURNIER, Marcel. Durkheim's life and context: something new about Durkheim? In: ALEXANDER, Jeffrey C.; SMITH, Philip (eds.). *The Cambridge companion to Durkheim*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 41-69.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

GONÇALVES, Sebastião C. L. Baú de palavras. *Discutindo Língua Portuguesa*. Ano 1, n. 1, 2009. p. 36-39.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2009.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HOPPER, Paul J.; TRAUOGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KAY, Paul; McDANIEL, Chad. On the logic of variable rules. *Language in Society*, v. 8, n. 2, 1979. p. 151-187.

KAY, Paul; McDANIEL, Chad. On the meaning of variable rules: discussion. *Language in Society*, v. 10, 1981. p. 251-258.

KOERNER, Konrad. Toward a history of modern sociolinguistics. *American Speech*, v. 66, n. 1, 1991. p. 57-70.

LABOV, William. Some principles of linguistic methodology. *Language in society*, v. 1, 1972. p. 97-120.

LABOV, William. *Field methods used by the project on linguistic variation and change*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972-1978.

LABOV, William. Where does the sociolinguistic stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, v. 44, 1978.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, William. The overestimation of functionalism. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (orgs.). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 311-332.

LABOV, William. The limitations of context: evidence from misunderstanding in Chicago. *CLS*, v. 25, n. 2, 1989. p. 171-200.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *How I got into linguistics, and what I got out of it*. 1997. Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/HowIgot.html>>.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume II: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Pursuing the cascade model. In: BRITAIN, David; CHESHIRE, Jenny (eds). *Social Dialectology*. In Honor of Peter Trudgill. Amsterdam: John Benjamins, 2003. Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/PCM.html>>.

LABOV, William. William Labov: sociolinguistics by its creator. Entrevista por Artaxerxes Modesto. *Letra Magna*, 2005. Disponível em <<http://www.letramagna.com/entrelabov.htm>>.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006a.

LABOV, William. Interview with William Labov. *Journal of English Linguistics*, v. 34, n. 4, 2006b.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1ª ed.: *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume III: cognitive and cultural factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, v. 7, n. 2, 1978.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEILLET, Antonie. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1ª ed.: 1921].

PAGOTTO, Emilio. *Variação e/é identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAGOTTO, Emilio G. Sociolinguística. In: NUNES, José Horta; PFEIFFER, Cláudia Castellanos (orgs.). *Introdução às ciências da*

*linguagem*: linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes, 2006. p. 49-72.

PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard (orgs.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato. *Filosofia da linguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

PONCHON, Thierry. Antoine Meillet. In: STRAZNY, Philipp (ed.). *Encyclopedia of linguistics*. New York: Fitzroy Dearborn, 2005.

PUECH, Christian; RADZYNSKI, Annie. La langue comme fait social: fonction d'une évidence. *Langages*, 12e année, n. 49, 1978. p. 46-65.

PUECH, Christian; RADZYNSKI, Annie. Fait social et fait linguistique: A. Meillet et. F. de Saussure. *Histoire Épistémologie Langage*, 10-11, 1988.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica*: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. *Sociolingüística interacional*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, José A. A sociologia de Durkheim. In: \_\_\_\_ (org.). *Émile Durkheim*. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005. p. 7-45.

ROMAINE, Suzanne. The status of variable rules in sociolinguistic theory. *Journal of Linguistics*, v. 17, 1981. p. 93-119.

SAHLINS, Marshall D. *Esperando Foucault, ainda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SANKOFF, David; LABOV, William. On the uses of variable rules. *Language in Society*, v. 8, n. 2, 1979. p. 189-221.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SELL, Carlos E. *Sociologia clássica: Durkheim, Weber e Marx*. 2. ed. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2002.

SEVERO, Cristine G. O lugar do indivíduo na teoria laboviana. *Lingua(gem)*, Macapá, v. 1, n. 02, jul.-dez. 2004.

SEVERO, Cristine G. *Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2007a.

SEVERO, Cristine G. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolingüísticas. *Letra Magna*, ano 4, n. 7, 2007b.

SHUY, Roger W. A brief history of American sociolinguistics 1949-1989. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard (orgs.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003.

TARALLO, Fernando. A estrutura da variação: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte Real. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 2, 1990. p. 195-222.

TEIXEIRA, Ricardo R. Três fórmulas para compreender "O suicídio" de Durkheim. *Interface – comunicação, saúde, educação*, v. 6, n. 11, 2002. p. 143-152.

VAN FRAASSEN, Bas C. *The scientific image*. Oxford: Clarendon Press, 1980.

WARDHAUGH, Ronald. *An introduction to sociolinguistics*. 6. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, 19, 1977.



WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1ª ed.: Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968].

WHITNEY, William D. *Language and the study of language*. New York: Scribner, Armstrong and Co., 1867.

## **APÊNDICE A – VERSÕES ORIGINAIS DOS EXCERTOS TRADUZIDOS AO LONGO DO TRABALHO**

### **1 DA SOCIOLINGÜÍSTICA AO FATO SOCIAL EM LABOV**

Figuroa (1994, p. 2): “They seem to emphasize variation and diversity; the socio-cultural nature of language; and that the focus of sociolinguistics should be on *parole*/language use, interaction and meaning.”.

Wardhaugh (2009, p. 12): “the [...] goal in the sociology of language is trying to discover how social structure can be better understood through the study of language, e.g., how certain linguistic features serve to characterize particular social arrangements.”.

Labov (2006b, p. 335): “I did see this as a new approach, but I never really wanted to put a label to it. [...] But today, it seems the actual field we’re talking about is best called the study of variation and change. Sociolinguistics is a large and unformed area with many different ways of approaching the subject that aren’t necessarily linguistic, whereas the study of variation and change describes pretty well the enterprise we’re engaged in.”.

#### **1.1 LABOV E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: ALGUNS PRINCÍPIOS BÁSICOS**

Labov (1997, p. 2): “I also picked up from my industrial work a firm belief in the existence of the real world.”.

Figuroa (1994, p. 10): “the normal science assumptions about the object of linguistic enquiry, the core values of linguistics, in relation to which sociolinguistics is usually positioned on the periphery.”.

Figuroa (1994, p. 10): “there is an objective entity which linguists study, that it is independent of the humans who use it, and that is it only the “core” aspects of this entity, i.e. formal grammar, which is the object of linguistic enquiry.”.

Labov (2005): “The particular approach to the field that I have followed is directed at long-standing questions about the structure and evolution of language, and is intimately involved with issues of linguistic theory. In

particular, we are interested in knowing more about the causes of linguistic change: the triggering events, the driving forces, and the ultimate resolution of change over time.”

Labov (2006b, p. 338): “I think that sociolinguistics follows the principle that Jespersen laid out that to understand something, you have to understand how it came to be.”

Figuroa (1994, p. 80): “In contrast to Chomsky, the solution for Labov is not to be found in intuition, in the use of introspective data, or the study of grammar at the level of individual psychology.”

Labov (2006a, p. 380): “language is located in the speech community, not the individual.”

Labov (2006b, p. 333): “I thought that it was possible to move this field into a more scientific basis by grounding it on the use of language in everyday life.”

Labov (1972-1978, p. 3): “[...] we need a large volume of recorded speech of high enough quality for instrumental analysis of vowels or the precise judgments on the realizations of grammatical particles which are often reduced to rapidly articulated, minimal features of sound.”

Labov (1972, p. 112): “[...] the style which is most regular in its structure and in its relation to the evolution of the language is the vernacular, in which the minimum attention is paid to speech.”

Labov (1972-1978, p. 5): “The vernacular [...] provides the most systematic data for linguistic analysis. [...] Its highly regular character is an empirical observation.”

## 1.2 ALGUMAS CRÍTICAS À TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Lavandera (1978, p. 182): “The regularities and tendencies illustrated by probabilistic analysis must be subject to formal and substantive explanation. Substantive explanations will have to draw from linguistics, sociology, psychology, and anthropology.”

Kay; McDaniel (1979, p. 70-71): “a family of mathematical models that dictate probabilistic constraints on possible distributions of linguistic variants in a speech community and a statistical method for deriving

measures of the relative importance of different determining factors from a matrix of observed linguistic variation.”.

Figueroa (1994, p. 70-71): “Labovian sociolinguistics is the study of language in its social context [...], but this is not to be misinterpreted as a functionalist study of language use, nor should social context be confused with cultural, socio-cognitive, interactive or phenomenological notions of social context.”.

Figueroa (1994, p. 90): “It is not clear how Labov sees the relationship between language and society.”.

Figueroa (1994, p. 106): “He does not incorporate the social dimensions of language into his linguistic theory.”.

Figueroa (1994, p. 90): “In other words, the focus on social context is not an attempt to build a theory about the role social context plays in language; but rather, social context is the place where data is collected.”.

Gumperz (1982, p. 26): “important as quantitative sociolinguistics is, its applicability to the analysis of actual processes of face to face communication [...] is nevertheless limited.”.

Gumperz (1982, p. 29): “symbolic entities which, subject to constraints imposed by history, can be manipulated by individuals to gain their ends in everyday interaction.”.

Gumperz (1982, p. 27): “Language use [...] is a way of conveying information about values, beliefs and attitudes”.

Gumperz (1982, p. 29): “There is a need for a sociolinguistic theory which accounts for the communicative functions of linguistic variability and for its relation to speakers’ goals without reference to untestable functionalist assumptions about conformity or nonconformance to closed systems of norms. Since speaking is interacting, such a theory must ultimately draw its basic postulates from what we know about interaction.”.

Eckert (a sair, p. 6): “There is no question that the broad demographic patterns of variation are important. But just as a map of New York City does not tell you what the streets are like, or what it's like to walk on them, the macrosociological patterns of variation do not reveal what

speakers at different places in the socioeconomic hierarchy are doing socially with those variables.”.

Eckert (2004, p. 51): “Sociolinguistic variation is a central means by which the social is embedded in language. To understand how variation works, we have to concern ourselves with the nature of the social meaning it carries and the mechanisms by which variation comes to be endowed with meaning. Most particularly, we need to examine the use of variation up close, to understand how (and to what extent) it is used to express very local and personal meanings. To do this, we have to focus on the role of variation in constructing personae — to see how people deploy linguistic resources to create styles.”.

Labov (1982, p. 83): “The linguistic facts are clear; the social explanations are vague.”.

### 1.3.1 Uma breve digressão histórica

Koerner (1991, p. 64): “diverse and complex, and they all had a bearing on the development of the various research programs from the 1960s onwards.”.

Koerner (1991, p. 58): “the confluence, the synthesis, of various lines of research that go back to at least several generations of linguistic workers.”.

Koerner (1991, p. 59-60): “we must go back to the beginnings of fieldwork in dialect geography during the last decades of the nineteenth century to see the sociological component slowly infiltrating linguistic geography.”.

Labov (1997, p. 2-3): “When I visited other universities as a graduate student, the name of Weinreich always brought a special look of respect and awe. He died suddenly, of cancer, at the age of 39. Going through his papers in later years, I found that he had written up projects for research that anticipated most of the things I wanted to do. So to this day, I do not know how many of my ideas I brought to linguistics, and how many I got from Weinreich.”.

Whitney (1987, p. 404 apud SHUY, 2003, p. 4): “The whole development of speech, though initiated by the acts of individuals, is wrought out by the community.”.

Koerner (1991, p. 64): "I am not so much referring to straightforward research on bilingualism [...] as to bilingualism research that is conscious of the sociopolitical environment in which it occurs."

Koerner (1991, p. 64): "In fact, Labov's work constitutes a synthesis of earlier attempts at a sociological approach to questions of language change, beginning with Meillet's paper of 1905 (if not much earlier) and dialectological research done in the United States since the 1930s, which in turn goes back to European traditions established during the last quarter of the nineteenth century."

### 1.3.2 Voltando aos trilhos

Labov (2003, p. 1): "Granted that language is a social fact, and not the property of any individual, it follows that a linguistic change is equivalent to the diffusion of that change."

Labov (2006a, p. 157): "The case with Nathan B. illustrates the fundamental Durkheimian notion of social fact: we are free to talk in any way we want, but there will be social consequences if we depart too strongly from the norms."

Labov (2006a, p. 130): "Furthermore, we cannot speak any way we choose; sociolinguistic variables and their complex conditioning are social facts, which we are not free to ignore, as the case of Nathan B. will testify."

Labov (2006b, p. 330): "I think that the integration of all these studies and areas into a single perspective depends upon the concept of the speech community as an overarching social reality. The notion of a social fact – that language exists in the community exterior to the individual – is our central theme."

Meillet (1948, p. 230): "[...] le langage est donc éminemment un fait social. En effet, il entre exactement dans la définition qu'a proposée Durkheim; une langue existe indépendamment de chacun des individus qui la parlent, et, bien qu'elle n'ait aucune réalité en dehors de la somme de ces individus, elle est cependant, de par sa généralité, extérieure à chacun d'eux [...]."

Labov (2001, p. xv): "I will follow Meillet's position that the sporadic character of language change can only be explained by correlations with the social structure of the speech community in which it takes place."

Labov (2001, p. 23): "Meillet's social arguments draw upon well-established facts about the social relations of speech communities, and only occasionally refer to dialect differences or variation within the community. Nevertheless, his insight remains fundamental to the sociolinguistic approach to language change developed in this volume."

Figuroa (1994, p. 76): "[...] it is known that Labov is familiar with Durkheim, that he uses the term social fact, that he accepts language to be a social fact [...]."

#### 1.4 POR UMA FILOSOFIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Romaine (1981, p. 93): "[...] a certain amount of self-criticism and awareness of the status of theoretical concepts and arguments can do linguists no harm."

Romaine (1981, p. 94): "a proper understanding of the principles of linguistics requires that it be clear to linguists (and not just philosophers), what the epistemological status of these principles is and what methodological rôle is played by these principles in linguistic enquiry."

## 2 DURKHEIM E O FATO SOCIAL

### 2.1 BIOGRAFIA

Fournier (2005, p. 46): "If the successful academic career of his son was treason to a family tradition, it was also the realization of his father's ambition, for in a modern society, the scholar is in a position analogous to the priest of rabbi in a traditional or religious society."

### 2.2 OBRA

Alexander; Smith (2005, p. 5): "Structural Durkheimianism highlights the submerged morphological forces, legal constraints, and abstract *conscience collective* [...] that narrate the *Division of Labor*, the mechanical interactions and associations that animate *Suicide*, and the functional determinism and epistemological collectivism suggested by *Rules*. The conservative Durkheim talks about stability, legitimacy,

democratic law, and social conformity [...]. Radical Durkheimianism points to creativity, effervescence, the need to explode routinization via passionate association and transcendent ritual [...]. Cultural Durkheimians takes off from the symbolic classifications, rituals, and discussions of the soul and solidaristic passions that animate the later works [...].”.

Alexander; Smith (2005, p. 11): “[...] was speaking ‘Durkheim’ without uttering his name.”.

### 2.3 A NOÇÃO DE FATO SOCIAL

Bauman (2005, p. 362-363): “behave like all other things solid, tough, impermeable, and resistant do. Like all other objects that we count among “real things”, they would not soften, let alone disappear, just for being wished to do so. Like other things, they could be ignored only at our peril: bitter and painful awakening awaits all those who by ignorance or ill will behave as if “social facts” were but figments of imagination. We cannot go unpunished through the space they fill, just like we cannot try to pass through a locked door without bruising heads or knees.”.

## 3 SAUSSURE, MEILLET E O FATO SOCIAL

### 3.1.2 O reconhecimento da ligação

Doroszewski (1933, p. 90 apud ALEXANDER, 1988, p. 15): “One sees, in sum, that the langue of Saussure not only corresponds exactly to the fait social of Durkheim, but, in addition, that this langue, half psychical and half social, exercising constraint on the individual and existing in the collective conscience of the social group, was in some way modeled on Durkheim's collective representations.”.

Collins (2005, p. 131-132): “Ferdinand de Saussure [...] drew on Durkheim on formulating the distinction between parole and langue as a separation between individual practice and language as a system of collective representations.”.

Firth (1957, p. 179): “De Saussure’s general linguistics is closely linked with the sociology of Durkheim. His theoretical approach may be described as Durkheimian structuralism. [...] De Saussure, thinking in



Durkheimian terms, regarded social facts as *sui generis* and external to and on a different plane from individual phenomena.”.

Alexander (1988, p. 4): “While Saussure never cites Durkheim directly [...] parallels between his intellectual system and Durkheim’s are striking indeed. [...] Just as Durkheim insisted that religious symbols could not be reduced to their interactional base, Saussure emphasized the autonomy of linguistic signs vis-à-vis their social and physical referents. From his own insistence on cultural autonomy Durkheim was led to an interest in the internal dynamics of symbolic and ritual systems. From Saussure’s emphasis on the arbitrariness of words there followed a similar concentration on the structures of symbolic organization in and of themselves.”.

Alexander; Smith (2005, p. 9): “There is good evidence to suggest that the Swiss linguist Ferdinand de Saussure followed these Paris lectures, and that in some significant part he built on them to develop his structural linguistics.”.

### 3.2 MEILLET – BIOGRAFIA E OBRA

Ponchon (2005, p. 675): “The *Introduction à l’étude comparée des langues indo-européennes* (Introduction to the comparative study of the Indo-European languages), which explains and develops relationships between various Indo-European languages, is one of the most brilliant illustrations of the Saussurean approach.”.

#### 3.2.1 O fato social em Meillet

Meillet (1948, p. 232): “[...] les procédés par lesquels se réalisent les faits de langue sont devenus en partie plus clairs, mais les causes qui les déterminent sont toujours également obscures; on voit mieux comment les langues se développent; mais on continue d’ignorer quelles actions déterminent les innovations et les conservations dont l’ensemble constitue l’histoire du langage.”.

Meillet (1948, p. 232): “[...] si le milieu dans lequel évolue le langage est un milieu social, si l’objet du langage est de permettre les relations sociales, si le langage n’est maintenu et conservé que par ces relations, si enfin les limites des langues tendent à coïncider avec celles des groupes sociaux, il est évident que les causes dont dépendent les faits linguistiques doivent être de nature sociale [...]”.

Meillet (1948, p. 230): "[...] le langage est donc éminemment un fait social. En effet, il entre exactement dans la définition qu'a proposée Durkheim; une langue existe indépendamment de chacun des individus qui la parlent, et, bien qu'elle n'ait aucune réalité en dehors de la somme de ces individus, elle est cependant, de par sa généralité, extérieure à chacun d'eux; ce qui le montre, c'est qu'il ne dépend d'aucun d'entre eux de la changer et que toute déviation individuelle de l'usage provoque une réaction; cette réaction n'a le plus souvent d'autre sanction que le ridicule auquel elle expose l'homme qui ne parle pas comme tout le monde; mais, dans les États civilisés modernes, elle va jusqu'à exclure des emplois publics, par des examens, ceux qui ne savent pas se conformer au bon usage admis par un group social donné. Les caractères d'exteriorité à l'individu et de coercition par lesquels Durkheim définit le fait social apparaissent donc dans le langage avec la dernière évidence."

Embleton; Joseph; Niederehe (1999, p. x): "It was well known that Saussure's student and friend Antoine Meillet (1866-1936) was the principal linguistic contributor to Durkheim's journal *L'Année Sociologique*."

### 3.3 O PAPEL DO FATO SOCIAL EM SAUSSURE E MEILLET

Puech; Radzinsky (1988, p. 76): "un véritable *seuil de modernité* de la pensée linguistique de la fin du XX<sup>e</sup> siècle, début du XX<sup>e</sup>."

Puech; Radzinsky (1988, p. 77): "est à la fois un axe organisateur du système explicatif et un point de diffraction de l'analyse linguistique, sans cesse renvoyée à un avenir souhaitable."

Puech; Radzinsky (1988, p. 79): "[...] le caractère social de la langue est plutôt pour Saussure un opérateur théorique mobilisé dans la 'construction de l'objet intégral de la linguistique'. Dire que la langue est un fait social, c'est d'abord pour lui rappeler que la langue est 'la norme de tous les faits de langage', et par là même, on s'en souvient, substituer l'ordre systématique de la langue à la confusion empirique des domaines, à la fascination de la diversité concrète où la science du langage est toujours menacée de se dissoudre [...]."

### 3.4 UM CONCEITO, DOIS OBJETIVOS

Meillet (1948, p. 17): "du fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale, et le seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social dont les variations du langage ne sont que conséquences parfois immédiates et directes, et le plus souvent médiates et indirectes."

Figuroa (1994, p. 76): "Saussure was not only attempting to establish linguistics as a science; he was also attempting to establish linguistics as autonomous. That is, linguistic facts would be explained by other linguistic facts rather than for example psychological factors."

Meillet (1948, p. 18): "la linguistique y doit prendre la place que sa nature lui assigne".

## 4 LABOV E O FATO SOCIAL

### 4.1 A PRIMAZIA DO SOCIAL

Labov (2001, p. 34): "This approach continues the program advanced by Weinreich, Labov, and Herzog 1968, centered about the concept that the speech community and not the idiolect is the primary object of linguistic investigation."

Labov (2001, p. 34): "Linguistic analysis cannot recognize individual grammars or phonologies. Individual rules or constraints would have no interpretation and contribute nothing to acts of communication. In this sense, the individual does not exist as a linguistic object."

Labov (2010, p. 7): "The central dogma of sociolinguistics is that the community is prior to the individual. This means that, in linguistic analysis, the behavior of an individual can be understood only through the study of the social groups of which he or she is a member."

#### 4.1.1 O lugar do indivíduo

Labov (2006b, p. 341): "[...] the individual doesn't exist as a unit in the framework that we're approaching."

Labov (2001, p. 35): "the causes of linguistic change through a search for the social location of the leaders of change."

Labov (2001, p. 33): "This focus on individual is not inconsistent with the argument of my 1966 study of New York City that the behavior of the individual speaker cannot be understood until the sociolinguistic pattern of the community as a whole is delineated. This investigation is not a search for individuals, but rather for social locations and social types."

Labov (2006a, p. 400): "The study of social networks is a welcome step away from a focus on the individual. But unless the social networks we study are firmly located in the larger speech community that generates their use of language, we will be saying more and more about less and less."

Labov (2006b, p. 341): "We study individuals because they give us the data to describe the community; but the individual is not really a linguistic unit."

Labov (1994, p. 76): "We enumerate the general population in the same way, draw the sample population in the same way, obtain the data and analyze them in the same way – but  $x$  number of years later."

Labov (1994, p. 76): "[...] the same individuals that were the subject of the first study, and monitors any changes in their behavior by submitting them to the same questionnaire, interview, or experiment."

#### 4.2 A ABERTURA PARA O EXTRALINGUÍSTICO

Labov (2001, p. 322): "It follows that the forces active in qualitatively new changes include social factors, and that any effort to account for the initiation of change by purely internal arguments will fail to a significant degree."

Labov (2010, p. 4): "*Social factors* will designate the effects of linguistic interaction among members of specific social groups, including the recognition of these effects by members and nonmembers. *Cultural factors* will designate the association of linguistic change with broader social patterns that are partly, if not entirely, independent of face-to-face interaction."

#### 4.2.1 A importância dos fatores internos

Labov (2001, p. 261): "The subdivision into five components by Weinreich, Labov and Herzog 1968 recognizes the predominance of internal factors in two (the constraints and transition problems), external factors in two (evaluation, actuation), and one which looks both ways (embedding). Yet it is only natural that the majority of linguistic arguments will focus on internal factors, since linguists are well equipped to deal with the structural and articulatory factors [...], and social factors have not shown the same degree of systematicity."

Labov (2001, p. 28): "At one point in the development of sociolinguistics, it was not uncommon for scholars to suggest that the social and linguistic aspects of language were coextensive in the sense that each linguistic element had a social aspect or evaluation. Yet the actual situation seems to be quite the reverse. For the most part, linguistic structure and social structure are isolated domains, which do not bear upon each other."

Labov (2001, p. 499): "To the extent that general linguistic principles apply, they form the favorable undercurrent, or perhaps prevailing wind, for changes now in progress. Given enough social motivation or contrary linguistic pressures, retrograde movements can be set in motion, just as a boat may tack into the wind."

Labov (2001, p. 500): "In the absence of a structural explanation, this movement can only be attributed to a projection of social values onto the phonetic process."

Labov (1987, p. 313): "syntax is autonomous and can be studied apart from semantics; the contrastive function of sounds does not determine the phonological system and can be suspended for some period of time without disrupting the system."

Labov (1989, p. 1): "The view that I will present here is that of a language faculty somewhat more constrained by its structure and more mechanical in its operation."

Figuroa (1994, p. 84): "Labov considers language as a social fact to be the property of the community rather than the individual, and he considers the object of linguistic description to be the language of the community rather than the individual."

### 4.3 A GENERALIDADE E EXTERIORIDADE DA LÍNGUA

Romaine (1981, p. 105-106): "To describe the occurrences of utterances of speakers/groups in terms of probabilistic laws (which are said to be variable rules in a model of grammar) is one thing, but to project such rules on to the competence of individual speakers of a language and then to suppose that speakers or their mental capabilities are in any sense constrained by them is, in my opinion, methodologically inadmissible."

Labov (2010, p. 8): "The ability to grasp social patterns is not constant across the life span."

### 4.4 O JOGO DE FORÇAS ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE

Labov (2010, p. 2): "Cognition is of course not limited to the content of what is being said, but is sensitive to systematic variation in the way in which the message is delivered, yielding information on the speakers' social characteristics and relations to the addressee or audience."

Labov (2010, p. 369): "The uniform patterns of social and stylistic stratification suggest that community members can make use of such variation to place speakers on scales of social distance and social power, and many experiments confirm this view."

Figueroa (1994, p. 85): "Note that Labov is placing language in the public domain and the speech community is defined in terms of normativity. It is not that members of speech community use the same forms or share the same norms of usage, but that they share the same normative system of values. [...] If this normativity is framed in Labov's terms of language as a social fact, then it is the publicness of language and its integrated role in the social order that constrains both individual use of language - ways individuals think and talk about language - and which leads to the types of shared norms of a speech community to which Labov refers to above."

#### 4.4.1 A diferenciação no acesso às normas sociolinguísticas

Labov (2006b, p. 342): "It is an objective characteristic of the real world outside of the individual, and what the individual has is the capacity to grasp this pattern, but people of course do not always grasp it in exactly

the same way. The pattern is the same, but the individual grasp of it may vary.”.

Labov (2001, p. 321): “In adopting new prestige features more rapidly than men, and in reacting more sharply against the use of stigmatized forms, women are again the chief agents of differentiation, responding more rapidly than men to changes in the social status of linguistic variables. Men follow behind with a lesser degree of investment in the social values of linguistic variation.”.

Labov (2001, p. 271): “Many studies of speech communities find lower class women who do not participate in the wider system of sociolinguistic norms.”.

#### 4.6 O PAPEL DO FATO SOCIAL EM LABOV

Figueroa (1994, p. 77): “The notion of language as social fact therefore allows Saussure and Labov to remove the individual or individual instances of behavior from their theory in favor of the social order.”.

#### 4.7 LABOV, SAUSSURE, MEILLET E O FATO SOCIAL

Figueroa (1994, p. 77): “Labov, similar to Saussure, rejects the individualist psychological description or explanation of language and instead locates language in the community.”.